



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM – RS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS – PPGICH

JESSICA ROBERTA SOZO

**A RECEPÇÃO DA *FOLHA DE SÃO PAULO* AO MOVIMENTO PELOS DIREITOS
CIVIS NOS EUA NA DÉCADA DE 1960**

ERECHIM – RS

2021

JESSICA ROBERTA SOZO

**A RECEPÇÃO DA *FOLHA DE SÃO PAULO* AO MOVIMENTO PELOS DIREITOS
CIVIS NOS EUA NA DÉCADA DE 1960**

Dissertação de mestrado desenvolvida na linha de pesquisa de Educação, Cultura e Cidadanias Contemporâneas, apresentada no PPGICH da Universidade Federal da Fronteira Sul, para obtenção de título de mestre interdisciplinar em ciências humanas.

Orientador: Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério

ERECHIM - RS

2021

JESSICA ROBERTA SOZO

**A RECEPÇÃO DA *FOLHA DE SÃO PAULO* AO MOVIMENTO PELOS DIREITOS
CIVIS NOS EUA NA DÉCADA DE 1960**

Dissertação de mestrado desenvolvida na linha de pesquisa de Educação, Cultura e Cidadanias Contemporâneas, apresentada no PPGICH da Universidade Federal da Fronteira Sul, para obtenção de título de mestre interdisciplinar em ciências humanas.

Este trabalho de conclusão foi defendido e aprovado pela banca em: 26/02/2021.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Mairon Escorsi Valério – UFFS

Orientador

Prof. Dr. Emerson Neves da Silva – UFFS (PPGH)

Avaliador

Prof. Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior – UFFS (PPGICH)

Avaliador

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, e sobretudo à Deus por cada passo dado.

Agradeço ao meu orientador, Dr. Mairon Escorsi Valério, pelas orientações, pela paciência, pela empatia, pelos livros emprestados. Eu o agradeço por ter acreditado em mim; por ter acreditado no meu trabalho e por ter caminhado comigo lado a lado durante todo o processo. A ele, direciono o mais profundo sentimento de estima e gratidão.

Agradeço aos professores Dr. Emerson Neves Silva e Dr. Halferd Carlos Ribeiro Júnior por terem dedicado a leitura do meu trabalho e contribuído significativamente com apontamentos e sugestões durante a banca de qualificação. Os agradeço também, por terem participado da banca de defesa da dissertação.

Agradeço à minha amada família, minha mãe, meu pai, e minhas duas irmãs que sempre me incentivaram, me apoiaram e emitiram as melhores energias possíveis durante todo percurso deste estudo. Eles são a força e a minha razão de seguir em frente sempre.

Agradeço à todos os amigos, amigas e pessoas especiais que de uma forma ou de outra contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço à todos os professores do Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas pelas aprendizagens e momentos compartilhados.

Agradeço aos técnicos, ao secretário e secretária do PPGICH que sempre foram mais do que excelentes profissionais, foram pessoas excepcionais.

A realização deste trabalho representa um marco na minha vida pessoal e acadêmica e tal feito só foi possível mediante muito esforço e apoio de pessoas que acreditaram no êxito e na importância deste propósito junto comigo. À todas essas pessoas manifesto meu mais profundo sentimento de gratidão.

RESUMO

Este trabalho desenvolvido no Curso do Programa de Pós Graduação de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, tem como objetivo analisar a recepção da *Folha de São Paulo* ao movimento dos direitos civis nos EUA na década de 1960 e investigar quais são as possíveis influências da mídia brasileira no fortalecimento do mito da democracia racial no Brasil bem como investigar como repercutiu na imprensa brasileira, o movimento pelos direitos civis nos EUA, no referido período. Para tanto, inicialmente são apresentados elementos sobre o conceito de raça, miscigenação e racismo científico a fim de permitir maior aproximação com os temas que serão abordados a seguir. Após esta abordagem apresentam-se as experiências sobre a temática da questão racial vivenciada no Brasil e nos EUA, visando evidenciar as similaridades e também as diferenças entre as duas realidades. Diante desta contextualização geral, é abordada a contextualização da atuação da imprensa e a *Folha de São Paulo*. Por fim apresentam-se os elementos metodológicos que compõe as teorias da análise do discurso enquanto teoria pensada por teóricos como Michel Foucault. Nessa perspectiva se apresenta a análise descritiva dos discursos que compõe o *corpus* selecionado para esta pesquisa. Dessa forma, o estudo é organizado sob três seções que remetem às abordagens supracitadas. As conclusões apontam para a manutenção do *status quo* no âmbito da ideologia da democracia racial brasileira.

Palavras-chave: Direitos civis. Negros. Democracia racial. Discurso.

ABSTRACT

This work developed in the Course of the Graduate Program of Interdisciplinary Master in Human Sciences at the Federal University of Fronteira Sul - Campus Erechim, aims to analyze *Folha de São Paulo*'s reception to the civil rights movement in the USA in the 1960s and investigate what are the possible influences of the Brazilian media in strengthening the myth of racial democracy in Brazil and how it reverberated in the Brazilian press, the civil rights movement in the USA, in that period. To this end, elements are initially presented on the concept of race, miscegenation and scientific racism in order to allow greater approximation with the themes that will be addressed next. After this approach, experiences on the theme of racial issues experienced in Brazil and the USA are presented aiming to highlight the similarities and also the differences between the two realities. Given this general context, the context of the press and *Folha de São Paulo*. Finally, the methodological elements that make up the theories of discourse analysis are presented as a theory thought by theorists like Michel Foucault. From this perspective, a descriptive analysis of the speeches that make up the corpus selected for this research is presented. The conclusions point to the maintenance of the *status quo* within the scope of the Brazilian racial democracy ideology.

Key words: Civil rights. Black. Racial democracy. Speech

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| 1 INTRODUÇÃO | 6 |
| 2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL E NOS EUA..... | 11 |
| 2.1 A ASCENSÃO DO RACISMO CIENTÍFICO | 11 |
| 2.2 EUGENIA, MESTIÇAGEM E DEMOCRACIA RACIAL: Uma contextualização a partir da realidade brasileira..... | 19 |
| 2.3 EUGENIA, ÓDIO RACIAL E SEGREGAÇÃO NOS EUA | 29 |
| 3. O PAPEL DA IMPRENSA..... | 41 |
| 3.1 IMPRENSA E SOCIEDADE: IDEOLOGIA E HEGEMONIA | 42 |
| 3.2 A ANÁLISE DO DISCURSO COMO FERRAMENTA DE DESCONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO TEXTO..... | 46 |
| 3.3 A FOLHA DE SÃO PAULO..... | 52 |
| 4. A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS NAS PÁGINAS DA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i> | 57 |
| 4.1 O NOBEL DA PAZ..... | 57 |
| 4.2 O ASSASSINATO DE MALCOLM X..... | 65 |
| 4.3 A MARCHA DE SELMA À MONTGOMERY | 69 |
| 4.4. O ASSASSINATO DE MARTIN LUTHER KING..... | 76 |
| 4.5 ANÁLISE DESCRITIVA DO DISCURSO DAS NOTÍCIAS VEICULADAS NA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i> | 102 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 108 |
| REFERÊNCIAS | 113 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo investigar como ocorreu a recepção na imprensa brasileira, especificamente na *Folha de São Paulo*, sobre o movimento pelos direitos civis ocorrido nos Estados Unidos durante a década de 1960. Busca-se, portanto, compreender como os discursos desta mídia acerca da luta pelos direitos civis nos EUA interagem com as representações da questão negra e do debate sobre o racismo no Brasil.

Assim, pretende-se realizar uma análise descritiva do discurso sobre as questões raciais e do racismo no Brasil implícitas ou explícitas nos recursos utilizados pela mídia, a saber, o jornal da *Folha de São Paulo*, a fim de identificar as representações e discursos que existiam nesse meio e se a compreensão da questão racial no Brasil era influenciada pela perspectiva da mídia sobre o movimento nos EUA.

A pesquisa procura mapear a influência do jornal supracitado nas questões de racismo, miscigenação racial e identidade nacional em meados do século XX no Brasil e compreender de que modo um jornal expressivo no contexto dos anos 1960, como a *Folha de São Paulo*, perpetuava, reproduzia e incorporava determinadas ideologias da sociedade brasileira acerca da questão racial no Brasil.

Dilema fundamental na formulação da identidade nacional no Brasil, a diversidade étnico-racial foi transformada em elemento positivo na construção da nacionalidade brasileira nas primeiras décadas do século XX, se tornando o discurso oficial e hegemônico brasileiro na década de 1930 que celebrava a miscigenação e propagandeava a ideologia da democracia racial, contrariando as teses centrais do racismo científico predominante em finais do século XIX que condenavam a miscigenação racial e pregavam a irremediável degeneração nacional.

Diante desse quadro hegemônico e oficial de olhar para a questão racial no Brasil pelas lentes da ideologia da democracia racial e do não racismo presente na sociedade brasileira, este trabalho questiona o modo como a luta pelos direitos civis dos afro-americanos nos EUA foi lida, interpretada e pensada pela *Folha de São Paulo*, um jornal representativo da chamada grande imprensa brasileira naquele período.

A escolha pessoal pelo tema de pesquisa se deu a partir do incômodo causado pela constatação de questões raciais ainda não resolvidas e que configuram a depreciação de um grupo étnico em relação a outro. Tais questões caracterizam situações de extrema injustiça e que não raro são acompanhadas de outras relações desiguais. Configuram-se e acentuam-se dessa forma, relações antagônicas ao que diz respeito as classes sociais, à instrução educacional, desigualdade de gênero entre outras.

Ao situar o estado da arte sobre a temática abordada notou-se a carência de pesquisas associadas a este estudo. Notou-se, sobretudo, a inexistência de estudos focados em analisar o discurso midiático sobre a recepção da luta pelos direitos civis no Brasil na década de 1960. No entanto, observou-se que outros estudos se debruçaram sobre a importância de analisar, a respeito de outras temáticas, a prática discursiva da mídia brasileira, com especificidade a *Folha de São Paulo*. Sendo assim, percebe-se que o interesse em analisar o discurso do referido jornal, que possui grande destaque a nível nacional, não é uma exclusividade desta pesquisa. Isso posto pode-se suspeitar que, de fato, o discurso midiático possui caráter influenciador na construção e/ou propagação de ideologias sociais. Deste modo reafirma-se a importância de investigar a atuação da mídia, bem como as possíveis influências que esta pode realizar através do discurso por ela articulado.

Associada às questões que motivaram a escolha da temática desta pesquisa, uma breve análise de vários acontecimentos ao longo da história do Brasil é capaz de constatar uma afirmação indubitável: o racismo está fortemente presente em situações cotidianas. A negação ou silenciamento dessa constatação é antes de tudo parte fundamental de um projeto político de dominação racial-social, cujo objetivo é a manutenção do *status quo*, uma ordem social que perpetua a exclusão e opressão da população afro-brasileira no Brasil. Propagandar a inexistência do racismo no Brasil é parte fundamental do projeto de legitimação dessa ordem.

Na história que conhecemos, a abolição da escravatura no Brasil aconteceu em 1888, e o olhar pouco crítico e carente de boa instrução, notável em boa parte da população brasileira, dada as condições histórico-sociais, corrobora para que seja legitimado o pensamento de que com a abolição da escravatura se extinguiram as desigualdades raciais. O racismo, enquanto fenômeno cultural e social sobreviveu ao fim da escravidão instituindo práticas e procedimentos cotidianos que cristalizaram a exclusão social de grandes contingentes populacionais afro-brasileiros.

Se o silenciamento ou negação da existência do racismo, tal como a omissão em relação às práticas racistas, pareceu durante muito tempo um dos maiores empecilhos para tratar desta questão, nota-se em tempos mais recentes, o retorno de discursos que legitimam práticas racistas. Tais práticas objetivam justamente argumentar em prol da tese de que “não existe racismo” dando assim, continuidade a determinadas linhas preconceituosas de pensamento específicos da atualidade.

A esse respeito percebem-se ideias incoerentes e ações incabíveis que precisam ser escancaradas e questionadas para que por fim, sejam combatidas. Sobre isso, vale salientar que discursos falaciosos não fazem apenas parte da realidade brasileira, mas como numa

epidemia, são discursos que se propagam e se fortalecem cada vez mais e extrapolam fronteiras resultando em tragédias irreparáveis para a humanidade. Tragédias como a que resultou na morte do afro-americano George Floyd - O homem negro, assassinado em via pública na cidade de Minneapolis, por policiais brancos norte-americanos que não se intimidaram e não mudaram suas ações, nem mesmo ao serem filmados ou ao ouvir aos gritos pessoas clamando pela interrupção da violência excessiva ao homem que em nenhum momento demonstrou resistência. O assassinato de George-Floyd chamou atenção do mundo para a questão racial a partir de inúmeros protestos que foram realizados posteriores à tragédia, em 25 de maio de 2020.

Acontecimentos semelhantes se repetiram e se repetem com bastante frequência pelo mundo afora, mas acontecem, sobretudo, no Brasil. A exemplo disso, tem-se o episódio ocorrido em 20 de novembro de 2020 em Porto Alegre. Na data que representa a importância da consciência negra, Beto Freitas, homem negro foi brutalmente espancado até a morte em um supermercado na capital do estado do Rio Grande do Sul. O acontecimento, que assim como no caso de George-Floyd, foi registrado através de fotografias e filmagens horrorizou o país. No entanto, poucas vezes tais acontecimentos atingem grande divulgação, poucas vezes se tem visibilidade de ações cruéis em relação à questão racial, poucas vezes se admite que se trata de uma questão de desigualdade racial.

Isso evoca algumas reflexões: Seria o silenciamento uma estratégia adotada para ignorar a problemática racial e preservar uma ideologia de inexistência do racismo? Seria possível propagar uma ideologia tão forte e oposta à realidade que se apresenta cotidianamente? Diante disso, atingimos um importante aspecto a ser compreendido: a questão racial.

Para o estudo de tais questões se faz indispensável problematizar os conceitos de raça, miscigenação e racismo científico, além de conhecer sobre a segregação racial e os direitos civis nos EUA, para que se possa investigar como este evento é lido e interpretado numa sociedade que se acreditava melhor no quesito “questão racial” por conta da ideologia de democracia racial, como o era no Brasil. Pretende-se, portanto, analisar como a relação entre brancos e negros no Brasil pode ser ideologizada a partir dos acontecimentos nos EUA.

A luta pelos direitos civis nos Estados Unidos foi resultado de anos de desigualdades entre brancos e negros, humilhação e maus tratos durante o período de segregação racial. O período da década de 1960, que evidenciou a saturação deste cenário, é na verdade, o resultado da angústia e sofrimento vivenciado por muitas décadas antes. Assim, pode-se

caracterizar a década de 1960 como o estopim na luta pelos direitos civis, luta que já possuía uma longa trajetória, mas que costumeiramente e intencionalmente era *oprimida e reprimida*.

No entanto, no Brasil, diferentemente dos EUA, nunca existiram leis segregacionistas que marcaram de forma legal a diferença entre negros e brancos. A miscigenação, que nos EUA foi interpretada como um mal social, uma aberração que levaria à decadência genética e moral da nação, no Brasil, passou a ser encarada como solução para os considerados problemas raciais. A miscigenação era no Brasil um passo para o branqueamento. Assim, leis segregacionistas como as do Jim Crow não existiram por aqui, apesar da permanência prática e cotidiana de um racismo “velado”.

A inexistência de igualdade entre negros e brancos, nos EUA, evidenciava claramente uma relação de antagonismos, na qual uma parte era submissa a outra. Nesse caso, a submissão dos negros aos brancos era legitimada e legalizada, e evidenciava a relação de poder e opressão com que os brancos se posicionavam perante os negros. O poder simbólico¹ existente fez com que, em alguma medida, muitos negros aceitassem a submissão e opressão por acreditarem serem de fato, seres inferiores. É neste cenário de leis raciais que se desencadeia o movimento da luta pelos direitos civis, num embate inicial contrário ao hipócrita “separados, mas iguais” do segregacionismo norte-americano.

Diante disso, é importante notar a influência dos meios midiáticos enquanto formadores de conceitos e ideologias, sobretudo sobre a questão racial. Desse modo, é pertinente analisar como, aqui no Brasil, eram interpretados os fatos ocorridos nos EUA, a respeito da discussão dos direitos civis para os negros, sobretudo na década 1960. Assim, o desenvolvimento do estudo proposto, é metodologicamente ancorado por duas bases. Uma de caráter bibliográfico e a outra, de caráter documental.

Tendo em vista os objetivos expostos, inicialmente, a pesquisa deverá manter o caráter bibliográfico, conforme considera Gil (2010, p. 29-30):

A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet. [...] A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.

¹ Poder simbólico corresponde ao conceito tratado por Pierre Bourdieu, abordado em: BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

De posse da pesquisa bibliográfica, far-se-á o levantamento do corpus para sustentar a análise que se fará na sequência, caracterizando assim, a pesquisa documental.

Dada a proximidade da pesquisa bibliográfica da pesquisa documental, Gil (2002, p. 46) esclarece:

O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados sem arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

De outro lado, há os documentos de segunda mão, que de alguma forma já foram analisados, tais como: relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas etc. Nem sempre fica clara a distinção entre a pesquisa bibliográfica e a documental, já que, a rigor, as fontes bibliográficas nada mais são do que documentos impressos para determinado público. Além do mais, boa parte das fontes usualmente consultada nas pesquisas documentais, tais como jornais, boletins e folhetos, pode ser tratada como fontes bibliográficas. Nesse sentido, é possível até mesmo tratar a pesquisa bibliográfica como um tipo de pesquisa documental, que se vale especialmente de material impresso fundamentalmente para fins de leitura.

Diante do exposto, o presente trabalho se configura a partir da divisão em três capítulos. O primeiro capítulo refere-se à contextualização histórica sobre a questão racial no Brasil e EUA, sobretudo ao que diz respeito ao movimento pelos direitos civis na década de 1960 e o contexto do Brasil também no mesmo período. O segundo capítulo abordará a constituição e o papel da imprensa enquanto fonte de informação discursiva, com especificidade ao jornal *Folha de São Paulo*. E o terceiro e último capítulo tratará da análise descritiva de discurso a partir das notícias veiculadas sobre os direitos civis pela *Folha de São Paulo*, durante o período supracitado, embasado entre outras, na teoria de Michel Foucault, a partir da qual é possível compreender a imprensa como local onde o discurso encontra uma maquinaria de impulsionamento, de reprodução, de circulação e difusão social ampla. Visando, portanto, neste último capítulo, investigar os modos como as notícias são veiculadas para que a partir disso se possa analisar de que modo se representou no Brasil nos anos 1960 a luta pelos direitos civis nos EUA.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA QUESTÃO RACIAL NO BRASIL E NOS EUA

O termo "raça" foi corriqueiro na boca de grande parte das elites brasileiras e norte-americanas que desde meados do século XIX saudaram as "descobertas" da ciência nessa matéria, produzidas em universidades da Europa e dos Estados Unidos. Desse momento em diante, o passado, o presente e o futuro de ambas as nações foram lidos a partir do pretenso potencial explicativo contido nesse termo. A categoria científica de raça, construída no século XIX, ganhou tantos adeptos que mesmo aqueles que reconheciam a existência do "preconceito de cor" contra a população negra muitas vezes o faziam sem se desvencilhar da crença na existência de raças humanas.

Apesar do pensamento racista (aquele que divide a humanidade em raças diferentes) ter nascido na Europa e também estar conectado com o surgimento dos estados-nações e a construção das identidades nacionais; na América, especificamente, o conceito se depara com a escravidão negra, mesmo diante da ascensão do pensamento iluminista e de axiomas modernos como "todo homem nasce livre e igual por natureza". O pensamento racista relativizava a igualdade universal dos homens e justificava uma ordem social desigual e a permanência da escravidão negra na América.

A evolução do conceito de raça e a emergência do racismo científico, com estatuto de ciência moderna, ao longo do século XIX teve relevância fundamental na forma como norte-americanos e brasileiros lidaram com o fim da escravidão e a liberdade de grandes contingentes de população negra. Pensar projetos políticos nacionais que resolvessem a questão racial se tornou uma condição mediante a legitimação científica da inferioridade dos negros.

Assim, primeiramente abordaremos a relevância das teorias raciais e eugênicas de fins do sec. XIX e início do XX, cujos paradigmas foram aceitos culturalmente e ditaram os modos pela qual as elites norte-americanas e brasileiras lideraram com a questão racial.

2.1 A ASCENSÃO DO RACISMO CIENTÍFICO

Segundo Renato da Silveira (1999), a França do século XVIII, foi o terreno fértil para o desenvolvimento das concepções racistas, durante o enfrentamento das ideologias monarquistas e republicanas. Em uma luta simultânea contra as reivindicações da burguesia ascendente e o poder absoluto estabelecido os historiadores aristocratas conceberam as premissas básicas do pensamento racial. Em 1727, Henry de Boulainvilliers, na sua *Histoire*

de l'Ancien Gouvernement de la France, organizou um discurso discriminatório sobre a sociedade que seria constituída de acordo com a ordem natural ditada pela qualidade superior do sangue “claro e puro” da nobreza e do sangue “vil e abjeto” da plebe. Boulainvilliers foi, portanto, um precursor do racismo biologizante, embora sua concepção levasse em consideração não apenas o fato físico, mas também um fato histórico, a conquista, e a doutrina anexa do “direito da força”. A sociedade francesa seria, em sua percepção aristocrática, o resultado da coexistência entre a aristocracia dos conquistadores francos, uma “raça superior” germânica vinda do norte, fundadora de impérios, e a “raça inferior” dos gauleses ou galo-romanos, os nativos conquistados. A tarefa histórica da aristocracia franca seria impedir a contaminação do seu sangue privilegiado pelo sangue bastardo da burguesia galo-romana detentora do poder econômico.

A polêmica foi retomada, em seguida, pelos primeiros historiadores republicanos, particularmente pelos irmãos Augustin e Amédée Thierry, segundo os quais a Revolução Francesa tinha sido a revanche dos galo-romanos, uma vez que que “a raça dos invasores permaneceu uma classe privilegiada”. Esta teria formado uma “nobreza guerreira ociosa e turbulenta”, enquanto que “a raça invadida, despojada da propriedade do solo, do comando e da liberdade, não vivendo do uso das armas mas do trabalho (...) formou uma espécie de sociedade separada”. Assim, a raça gaulesa encarnaria a igualdade e a tendência associativa, o espírito federativo e republicano; representaria, em uma palavra, a luta contra a tirania.

Contrariamente à Inglaterra e à Alemanha, onde o racismo desenvolveu-se a partir de tentativas de unir o povo em torno de um sentimento nacional, com a aliança política da aristocracia e da burguesia emergente, na França o racismo prosperou em virtude da postura revolucionária da burguesia, da consequente divisão do país e da guerra civil.

O racismo francês surgiu, portanto, no seio de uma batalha simbólica pela redistribuição do prestígio, da riqueza e do poder, onde os republicanos foram transmutando um discurso de raça em discurso de classe. Entretanto, na segunda metade do século XIX, com a sociedade burguesa constituída e consolidada, a integração das massas trabalhadoras domésticas e a expansão imperialista tornaram-se os objetivos estratégicos fundamentais. O racismo interno então se transmutou, tornando-se pouco a pouco parte integrante de uma teoria racista global, na qual as massas das grandes cidades industriais e os camponeses de regiões remotas da Europa foram assimilados aos “selvagens” dos mundos exóticos. Mas o racismo erudito progrediu principalmente no terreno do debate científico, tomando corpo na grande polêmica a respeito das origens do homem e seu lugar no universo.

De acordo com Silveira (1999), na segunda metade do século XVIII, as doutrinas racistas não passavam de aglomerados de preconceitos baseados em aparências, impressões mal fundamentadas, interesses mal disfarçados, na extensão abusiva de imagens familiares e em padrões inspirados pela estética do classicismo. A *Enciclopédia* de D'Alembert e Diderot, ao lado da condenação intransigente da escravidão e do colonialismo, traçou no verbete “espécie humana” um retrato preconceituoso e intolerante das demais raças humanas. Frases como esta podiam ser lidas em suas páginas: “Todos esses povos são feios e grosseiros, superficiais e estúpidos”. Para o grande Voltaire, os negros teriam apenas um pouco mais de ideias “que os animais e mais facilidade para exprimi-las”. O “progresso do espírito humano” em Condorcet compreendia a rejeição das relações de opressão. Mas, no seu discurso, “as nações submetidas” e as “populações quase selvagens” deveriam, por sua vez, submeter-se à tutela dos filósofos das luzes. O indisfarçável desprezo pelo outro levou iluministas e os herdeiros da revolução a adotarem uma política colonial de assimilação social, jurídica e cultural, com imposição do modelo europeu de sociedade, uma postura opressiva entendida como fator de libertação.

Em 1758, Lineu ampliou a nomenclatura científica e estendeu suas classificações ao homo sapiens, dividindo em quatro grandes tipos. O homem branco foi assim apresentado: “Sangüíneo, ardente; cabelos louros, abundantes; olhos azuis; leve, fino, engenhoso; usa roupas estreitas; é regido pelas leis”. O asiático foi apresentado como melancólico, severo, fastoso e avaro, “regido pela opinião”. O americano seria vermelho, bilioso, teria cabelos negros, lisos e abundantes, narinas amplas, queixo quase imberbe; “teimoso, alegre, erra em liberdade; pinta-se de linhas curvas vermelhas; é regido pelos costumes”. Já o africano, teria por sua vez cabelos crespos, lábios grossos, pele oleosa e nariz simiesco; seria “indolente, de costumes dissolutos (...) vagabundo, preguiçoso e negligente (...) regido pelo arbítrio” (SILVEIRA, 1999, p. 99).

Obra influente, a *História Natural* do Conde de Buffon, o mais famoso naturalista francês do século XVIII, também começou a aplicar os métodos das ciências naturais ao estudo dos seres humanos, recapitulando no seu texto, todo o saber livresco sobre a matéria, repetindo os estereótipos raciais consagrados.

Apesar de não ter nenhum conhecimento consistente sobre a África, Buffon se arriscou a traçar do africano um retrato “divertido” porém massacrante. Para ele, o negro seria desprovido de imaginação, sempre rejeitando o progresso e a mudança, limitando-se a imitar servilmente seus antepassados; seria incapaz até mesmo de cultivar as férteis terras onde vivia. A única vantagem dos africanos sobre os americanos, segundo a versão buffoniana, é que os negros seriam capazes de escapar

da sua eterna preguiça e indolência... para cercar as mulheres. Contudo morreriam jovens, mergulhados desde muito cedo na esbórnia, esgotando-se rapidamente em virtude da sua exorbitante atividade sexual. Este retrato “picante” do “africano” estava destinado a ter um duradouro sucesso (SILVEIRA, 1999, p. 101).

Buffon procurava explicar essas diferenças por meio da história e evolução da natureza em cada continente. Para o naturalista francês o continente americano tinha “debilidade” devido sua “imaturidade”, ou seja, a Europa, como um continente mais velho já tinha acomodado o ímpeto das forças naturais, enquanto a América seguia na infância. Partindo da observação do pequeno porte dos animais existentes na América – já que não se encontravam rinocerontes, camelos, dromedários ou girafas -, e do aspecto imberbe dos nativos, o naturalista concluía ter encontrado um continente infantil, retardado em seu desenvolvimento natural.

No ano de 1768, radicalizando as ideias de Buffon, o abade Corneille de Pauw editou, em Berlim, *Recherches philosophiques sur les américains*, ou *Mémoires intéressants pour servi à l'histoire de l'espèce humaine*. Esse autor introduziu um novo termo, ao utilizar a noção de “degeneração” para designar o novo continente e suas gentes. Assolados por uma incrível preguiça e pela falta de sensibilidade, instintos e fraqueza mental, esses homens seriam “bestas” decaídas, muito longe de qualquer possibilidade de perfectibilidade ou de civilização.

Deste modo, a ciência que emerge no século XIX é informada pelos naturalistas do século XVIII que no esforço de analisar o homem como parte da natureza reproduziram os estereótipos raciais do senso comum. Todos os naturalistas passaram, em suas obras e seus cursos, a pontuar sobre as diversas raças humanas, consideradas sempre muito inferiores à raça branca ou caucasiana. Uma ciência eurocentrada do homem e da natureza humana exaltava o homem branco e legitimava uma hierarquia racial que tinha seu correspondente político na dominação colonial.

Um dos principais debates que adentra o século XIX é acerca da origem do homem entre monogenistas e poligenistas. Os monogenistas acreditavam que a humanidade teria apenas um ancestral comum (Adão e Eva, na versão bíblica do Velho Testamento), enquanto os poligenistas defendiam que a humanidade era derivada da pluralidade de espécies, ou seja, tinham origens naturais distintas.

Segundo Stephan J. Gould (1999) o poligenismo foi fundamental para alavancar o racismo científico, pois afirmava que o homem tinha origens diferentes, negando desse modo a radicalidade do axioma iluminista (e também cristão) da igualdade radical entre todos os

homens. As teorias pseudocientíficas desse momento buscavam explicar a diversidade humana pela perspectiva racial, mas ao mesmo tempo consolidavam uma ideia de diversidade hierárquica que legitimava a dominação social e política de alguns homens sobre outros.

As justificativas pré-revolucionárias da hierarquia racial adotaram duas modalidades. O argumento “mais brando” – retomando definições impróprias de um ponto de vista moderno – sustentava a unidade de todos os povos através da criação única de Adão e Eva. Esta concepção foi denominada *monogenismo*, ou origem a partir de uma única fonte. As raças humanas são produtos da degeneração da perfeição do Paraíso. A degeneração atingiu diversos níveis, menor no caso dos brancos e maior no caso dos negros. O clima foi o fator invocado com mais frequência como principal causa da distinção racial. Quanto à possibilidade de remediar os defeitos apresentados por certas raças modernas, as opiniões dos degeneracionistas estavam divididas. Alguns afirmavam que, embora gradualmente geradas sob a influência do clima as diferenças já estavam definidas e eram irreversíveis. Outros argumentavam que o fato de ter sido gradual esse desenvolvimento tornava possível a reversão em um meio ambiente adequado. Samuel Stanhope Smith, presidente do College of New Jersey (mais tarde Princeton), expressou suas esperanças de que os negros norte-americanos, submetidos a um clima mais propício aos temperamentos caucásicos, logo se tornassem brancos. Mas outros degeneracionistas achavam que os resultados benéficos do clima não se manifestariam com rapidez suficiente para provocar algum tipo de repercussão na história humana.

O argumento “duro” prescindiu da versão bíblica por considerá-la alegórica, e afirmou que as raças humanas eram espécies biológicas separadas e descendiam de mais de um Adão. Como os negros constituíam uma outra forma de vida, não participavam da “igualdade do homem”. Os proponentes deste argumento foram chamados “poligenistas”. (GOULD, 1999, p. 26).

Se, no transcurso do século XIX, a expansão do racismo erudito coincidiu com a vitória da corrente poligenista, Skidmore (1976) aponta a importância das teorias do determinismo climático para completar as teses poligenistas. Deste modo, além de a humanidade não ter uma origem comum, as condições climáticas interfeririam no perfil do ser humano a ser originado. Nestas teorias estava embutida toda a legitimação *natural* da inferioridade de algumas raças sobre outras. Assim, a ciência é utilizada para fundamentar a hierarquia racial conforme se observa:

Ideias que emergiram depois que o prestígio da ciência natural (em grande parte, uma criação europeia na sua forma moderna) tinha reforçado a autoridade intelectual da Europa. Estava armado o raciocínio segundo o qual os europeus do Norte tinham atingido o poder econômico e político superior ao dos outros devido a hereditariedade e ao meio físico favoráveis. Em resumo, os europeus do Norte eram raças “superiores” e gozavam do clima “ideal”. O que por certo, implicava em admitir, implicitamente que raças mais escuras ou climas tropicais nunca seriam capazes de produzir civilizações comparativamente evoluídas. Alguns escritores excluíram, de maneira explícita, a viabilidade civilizadora em áreas carentes das referidas condições europeias. Não por coincidência, tal análise era dirigida à área que tinha sucumbido à conquista europeia a partir do séc. XV: África e América Latina. Assim, uma Europa em expansão encontrou uma *rationale* “científica” para suas conquistas políticas e econômicas. (SKIDMORE, 1976, p. 44).

Neste ponto, Skidmore, (1976, P. 44) cita as teorias científicas que passam a ser desenvolvidas na Europa e vão ter impactos no pensamento de forma global:

Um dos mais conhecidos escritores desse tipo foi o historiador inglês Henry Thomas Buckle (1821-62), cuja *História da Civilização na Inglaterra*, em muitos volumes (1857-61), continha claramente enunciada, uma filosofia do determinismo climático. Em oito páginas, Buckle analisou precipitação, topografia, sistema hidrográfico e regime dos ventos no Brasil. Sem nunca ter visitado o país e sem dispor de estudo genuinamente científico como evidência, Buckle fiou-se em relações de viagens, que citou copiosamente. Sua descrição do Brasil soa muito como o estereótipo romântico: “Tão luxuriante é a vegetação que a natureza parece desregrar-se na ostentação do seu poder”. Prosseguiu descrevendo as “florestas emaranhadas” e “aves de esplendorosa plumagem”. Desgraçadamente, porém, “em meio a essa pompa e fulgor da natureza, nenhum lugar é deixado para o homem. Ele fica reduzido à insignificância pela majestade que o circunda”. O Brasil mereceu censura especial nessa revista da civilização de Buckle: “em nenhum outro lugar há tão penoso contraste entre a grandiosidade do mundo exterior e a pequenez do interno... de avançar, mas sem ajuda estrangeira teria, indubitavelmente, regredido. Porque mesmo no presente, com todos os aperfeiçoamentos originários da Europa, não mais sinais de progresso real...”.

Além da filosofia do determinismo climático, importante para classificar raças, emerge também, em meados do XIX, durante os anos de 1853 e 1855, o pensamento determinista proposto por Arthur de Gobineau, o principal teórico a sustentar a tese da hierarquia entre as raças humanas. Ele abordava a questão da degeneração das raças e alertava para os riscos de desaparecimento de uma nação civilizadora a partir da mistura com as raças inferiores. Assim, defendia a ideia de uma hierarquia racial na sociedade, na qual a raça branca deveria ocupar posição privilegiada.

[...] os brancos seriam dotados de inteligência enérgica, do senso do útil, mas em um sentido mais largo, mais corajoso e ideal que entre os amarelos. Seriam mais perseverantes, dotados de maior potência física, um extraordinário instinto da ordem e, ao mesmo tempo, teriam “um pronunciado gosto pela liberdade”. Distinguir-se-iam ainda por “um singular amor pela vida” e um excepcional sentimento de honra, o qual incluiria uma “noção civilizadora” desconhecida entre os amarelos e negros. Esta “imensa superioridade” dos brancos no domínio da inteligência e da moral seria, entretanto, acompanhada por uma inferioridade não menos pronunciada no domínio das sensações. O branco seria, assim, menos sensual que o homem de cor, menos dado aos pendores artísticos e “menos absorvido pela ação corporal, embora sua estrutura seja extraordinariamente mais vigorosa”. (SILVEIRA, 1999, p. 110).

Gobineau deixava explícito o seu receio em relação ao fracasso da nação em função da degeneração, presente na população nativa. Buscava assim nutrir alguma esperança de “salvação” que pudesse manter a possibilidade de progresso da nação. De acordo com Skidmore (1976 p.46) afirma:

[...] pensava ele [Gobineau] que a população nativa estava fadada a desaparecer, devido à sua "degenerescência" genética. Com um pouco de curiosa matemática, calculou que levaria “menos de duzentos anos... o fim dos descendentes de Costa-Cabral (*sic*) e dos imigrantes que o seguiram”. A única maneira de evitar esse *dénouement* seria, para a população remanescente, o fortalecer-se com a ajuda dos valores mais altos das raças europeias... “Então, a raça renasceria, a saúde pública melhoraria, o temperamento moral seria revigorado, e as melhores mudanças possíveis se operariam na condição desse admirável país”.

Por volta de 1860, todavia, as teorias racistas tinham obtido o beneplácito da ciência e plena aceitação por parte dos líderes políticos e culturais dos Estados Unidos e da Europa. De acordo com Skidmore (1966), no curso do século, emergiram três escolas principais de teoria racista. Dentre elas evidencia-se a escola etnológico-biológica, que sistematizou sua formulação filosófica nos Estados Unidos nas décadas de 40/50 e que pretendia sustentar a criação das raças humanas através das mutações diferentes das espécies (poligenia). Os etnógrafos Samuel Morton e Josiah Glidden publicaram tomos de “provas” (medidas cranianas de múmias egípcias etc.) para concluir que as raças humanas tinham sempre exibido diferenças fisiológicas, em sua conformação racial-genética. Ofereciam, na realidade, uma nova versão da antiga hipótese poligenista da criação do homem. A base de seu argumento era que a pretendida inferioridade das raças – índia e negra- podia ser correlacionada com suas diferenças físicas em relação aos brancos; e que tais diferenças eram resultado direto de sua criação como espécies distintas.

Com a publicação em 1859 de *A origem das espécies*, de Charles Darwin, colocava-se um ponto final na disputa entre monogenistas e poligenistas, além de se estabelecerem as bases para a afirmação de uma espécie de paradigma de época, com o estabelecimento do conceito de evolução. A novidade não estava tanto na tese anunciada, mas no modo de explicação e no conceito utilizado pelo naturalista inglês. Dessa maneira, rapidamente expressões como "sobrevivência do mais apto", " adaptação", "luta pela sobrevivência", escapavam do terreno preciso da biologia e ganhavam espaço nas demais ciências.

Segundo Lilia Schwarcz (1996), no que se refere as humanidades, a penetração desse tipo de discurso foi rápida e vigorosa. Herbert Spencer, em *Princípios de Sociologia* (1876), definiu que o que valia para a vida servia para o homem e suas produções. O passo seguinte foi determinar que, assim como a natureza, a sociedade era regida leis rígidas e que o progresso humano era único, linear e inquebrantável. De acordo com Schwarcz (1996):

Paralelamente, tomava força a escola "evolucionista social", que marcava, nesse contexto, os primórdios e o nascimento de uma disciplina chamada Antropologia. Representada por teóricos como Morgan (18771, Frazer e Tylor essa escola concebia o desenvolvimento humano a partir de etapas fixas e pré-determinadas, e

vinculava de maneira mecânica elementos culturais, tecnológicos e sociais. Dessa forma, tendo a tecnologia como índice fundamental de análise e comparação, para os evolucionistas a humanidade aparecia representada tal qual uma imensa pirâmide - dividida em estágios distintos, que iam da selvageria para a barbárie e desta para a civilização -, na qual a Europa aparecia destacada no topo e povos como os Botocudos na base, a representar a infância de nossa civilização. Apresentando uma forma de saber comparativa, os evolucionistas sociais pareciam dialogar com seu contexto: enquanto imperialistas, como Cecil Rhodes, afirmavam que pretendiam tudo dominar - de países a planetas -, a utopia desses etnólogos sociais era tudo classifica.

Longe de estar esgotada, a corrente poligenista tomava, nesse contexto, uma nova força. Autores como Gobineau e Gustav Le Bon recuperavam as máximas de Darwin, porém destacando que a antiguidade na formação das raças era tal, que possibilitava estudá-las como uma realidade ontológica. Partindo da afirmação do caráter essencial das raças - que as fariam diferir assim como as espécies -, uma série de teóricos, mais conhecidos como "darwinistas sociais", passam a qualificar a diferença e a transformá-la em objeto de estudo, em objeto de ciência.

Os adeptos da perspectiva de Gobineau acreditavam então que as raças constituiriam fenômenos finais, resultados imutáveis do processo evolutivo, sendo todo cruzamento por princípio entendido como um erro. De acordo com Schwarz (1999), as decorrências lógicas desse tipo de postulado eram duas: enaltecer a existência de "tipos puros" e compreender a miscigenação como sinônimo de degeneração, não só racial como social. Opondo-se, portanto, a visão humanista, os teóricos das raças partiam de três proposições básicas: 1) Afirmava-se a realidade das raças, estabelecendo que existiria entre esses agrupamentos humanos a mesma distância encontrada entre o asno e o cavalo. 2) Defendia-se uma continuidade entre caracteres físicos e morais, determinando que a divisão do mundo em raças corresponderia a uma divisão entre culturas. 3) Apontava para a predominância do grupo "racio-cultural" ou étnico no comportamento do sujeito, conformando-se como doutrina da psicologia coletiva, hostil a ideia do arbítrio do indivíduo.

Esse saber sobre as raças implicou, por sua vez, num "ideal político", um diagnóstico sobre a submissão ou possível eliminação das "raças inferiores", que se converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo social - "a eugenia" -, cuja meta era intervir na reprodução das populações. O termo "eugenia"- eu: boa; genus: geração -, criado em 1883 pelo cientista britânico Francis Galton, lidava com a ideia de que a capacidade humana estava exclusivamente ligada a hereditariedade e pouco devia a educação.

[...] um diagnóstico sobre a submissão ou mesmo a possível eliminação das raças inferiores, quase converteu em uma espécie de prática avançada do darwinismo

social, “a eugenia”, cuja meta era intervir na reprodução das populações. A eugenia, doutrina criada pelo cientista inglês Francis Galton, em 1883, teve ampla aceitação principalmente na Alemanha. A “ciência eugênica” tinha com o pressuposto a ideia de que os caracteres mentais e, sobretudo, a inteligência eram hereditários ao mesmo título que os caracteres físicos (POLIAKOV, 1974, p. 284).

As ideias eugenistas, segundo Nancy Stepan (1991) tiveram ampla repercussão mundial. A autora, ao analisar como essa ciência foi recepcionada nos EUA e na América Latina, aponta que enquanto na Europa e EUA a eugenia foi apropriada dentro de um arcabouço teórico darwinista com a correspondente teoria da hereditariedade genética, no Brasil, apesar de alguns expoentes darwinistas, se tornou preponderante uma concepção lamarckista. Essa diferença gerou perspectivas distintas quanto à questão da miscigenação, permitindo uma adaptação teórica no Brasil que viabilizasse a tese do branqueamento da população brasileira. Sem dúvida que o Brasil já tinha uma sociedade mais miscigenada em detrimento de sua história social, econômica e cultural derivada da colonização portuguesa. Em compensação, na América do Norte, como evidencia João Feres Júnior (2004), a repulsa pela mestiçagem era uma herança cultural, atribuída em parte ao predomínio de uma cultura protestante cujo conceito de eleição e predestinação permitia uma perspectiva mais exclusivista na identidade gerando barreiras à miscigenação. No contexto norte-americano, portanto, a repulsa pela mestiçagem ganhava estatuto de legitimidade e cientificidade diante da ciência eugênica.

2.2 EUGENIA, MESTIÇAGEM E DEMOCRACIA RACIAL: Uma contextualização a partir da realidade brasileira

No final do século XIX, o Brasil passava por um grande momento de ebulição. A escravidão acabara em 1888 e em 1889 caía a monarquia. Com essas mudanças iniciava-se, também, o debate sobre os critérios de cidadania e acerca da introdução da imensa mão-de-obra livre, no mercado de trabalho. Neste contexto, a discussão racial também se intensificou, moldando o debate sobre cidadania.

Segundo Schwarcz (1996, p.86), desde os anos 1870, as teorias raciais passaram a ser largamente adotadas no país, sobretudo nas instituições de pesquisa e de ensino brasileiras predominantes na época. Percebe-se uma clara seleção de modelos, na medida em que, frente a uma variedade de linhas, nota-se uma evidente insistência na tradução de autores darwinistas sociais que destacavam o caráter essencial das raças e, sobretudo, o lado nefasto da miscigenação.

A temática racial não era uma novidade entre os intelectuais brasileiros organicamente relacionados com instituições estatais. O romantismo nativista havia acolhido o indígena como símbolo de singularidade e identidade nacionais. O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1841, havia premiado o naturalista alemão Karl Von Martius por defender a tese de que a história do Brasil deveria ser escrita pela confluência das três raças: o branco, o negro e o indígena. Apesar de destacar a superioridade branca, a tese de Martius enaltecia especificidades das outras raças na construção da nação.

No entanto, a interpretação dos anos 1870 é diferente, pois destacava os "perigos da miscigenação" e a impossibilidade da cidadania universal. Como afirma Schwarcz (1996), em maio de 1888, Nina Rodrigues publicou um artigo polêmico, onde o famoso médico da escola baiana concluía que "os homens não nascem iguais", criticando a igualdade jurídica entre as raças. Assim, solapando o discurso da lei, esse "homem de ciencia", logo após a abolição formal da escravidão, passava a desconhecer a igualdade, e o próprio livre arbítrio, em nome de um determinismo científico e racial. Em 1894, Nina Rodrigues publicou *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil*, onde defendia não somente a proeminência do médico na atuação penal, como defendia a necessidade da existência de dois códigos no país - um para negros, outro para brancos - correspondentes aos diferentes graus de evolução apresentados por esses dois grupos.

Na perspectiva estrangeira, o Brasil era visto com uma espécie de laboratório racial, um local onde a mistura de raças era interessante de ser observada. De acordo com Schwarcz (1996, p. 88):

Agassiz, por exemplo, suíço que esteve no Brasil em 1865, assim concluía seu relato: "que qualquer um que duvide dos males da mistura de raças, e inclua por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que a separam, venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente da amálgama das raças mais geral aqui do que em qualquer outro país do mundo, e que vai apagando rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia e capacidade mental". Gobineau, que permaneceu no Brasil durante quinze meses, como enviado francês, queixava-se: "Trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito e assustadoramente feia. Gustave Aimard, que andou pelo país no ano de 1887, assim descrevia o "espetáculo das raças" que assistia: "Eu destaco um fato singular que só observei no Brasil: é a mudança que se opera na população por meio do cruzamento das raças, eles são os filhos do sol".

A miscigenação era um processo de degeneração racial, na percepção dos teóricos raciais do período. Explicava o atraso e a própria inviabilidade da nação. Nina Rodrigues, representava a internalização desta perspectiva, problematizando os ideais liberais de cidadania igualitária a partir da questão racial.

Influenciado também pela escola de criminologia italiana (que conectava traços da personalidade criminosa a características físicas raciais), Nina Rodrigues adequava os traços lombrosianos ao perfil dos mestiços, encontrando, assim um modelo para explicar a degeneração racial no Brasil.

[...] A partir de inícios do século, são os estudos de alienação e a defesa dos “manicômios judiciários” que passam a fazer parte da agenda local, aliando a “certeza do caráter negativo da miscigenação”, à incidência de casos de loucura nessas populações. Em “Mestiçagem, crime e degenerescência” (1899), Nina Rodrigues analisava casos de alienação estabelecendo uma correlação quase mecânica entre miscigenação racial e loucura. Era a face pessimista do racismo brasileiro, que diagnosticava no cruzamento a falência nacional e a primazia dos médicos sobre os demais profissionais. (SCHWARCZ, 1996, p. 93).

Embriaguez, alienação, epilepsia, violência ou amoralidade comprovavam os modelos darwinistas sociais em sua condenação da imperfeição da hereditariedade mista. A tese do “enfraquecimento da raça” legitimava a ação política no sentido eugênico. Conforme Schwarcz (1996) aponta citando trecho da revista *Brazil médico* (1918, p.118):

Nova ciência a eugenia consiste no conhecer as causas explicativas da decadência ou levantamento das raças, visando a perfectibilidade da espécie humana, não só no que se refere o físico como o intelectual. Os métodos tem por objetivo o cruzamento dos sãos, procurando educar o instinto sexual. Impedir a reprodução dos defeituosos que transmitem taras aos descendentes. Fazer exames preventivos pelos quais se determine a sífilis, a tuberculose o alcoolismo, a trindade provocadora da degeneração. Nesses termos a eugenia não é outra coisa senão o esforço para obter uma raça pura e forte ... Os nossos males provieram do povoamento, para tanto basta sanear o que não nos pertence.

Não serão poucos os elogios de muitos intelectuais às políticas eugenistas adotadas por outras nações. O professor Renato Kehl, fervoroso eugenista que publicou a *A cura da fealdade* em 1923, defendeu em seus artigos a política de imigração branca empregada na África do Sul e apoiou as leis de esterilização aplicadas em Nova Jérsei (EUA). Em ambas o objetivo político de eliminação das raças inferiores e da não reprodução genética dos degenerados era elogiado.

Para cientistas como Nina Rodrigues e Renato Kehl, familiarizados com os projetos eugenistas alemães e em especial com a política restritiva adotada nos EUA, não existiria outra saída para o país senão aquela que previsse medidas radicais de controle racial da população. “Vemos assim como o “país da democracia racial” esteve a um passo do apartheid sócio-racial, só vencido por políticas opostas que começam a ser implantadas a partir dos anos trinta.” (SCHWARCZ, 1996, p. 95).

O debate acerca da questão racial tinha adeptos em outros campos que não apenas os das ciências médicas. O zoólogo, H. Von Ihering, em 1911, defendeu o extermínio dos Kaingang em artigo publicado no *Estado de São Paulo* devido ao problema criado pela construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil. O diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista Lacerda, no I Congresso Internacional das Raças (1911), defendeu o branqueamento como solução nacional. A questão racial fazia parte da agenda desses cientistas e de tantos outros que pensavam a construção do futuro da nação a partir das premissas eugenistas. De certa forma, se antagonizaram duas percepções.

A primeira, apoiada pelos darwinistas sociais, olhava a miscigenação racial como problema e defendia com a radicalidade subjacente a teoria darwinista dos genes adquirindo medidas severas de resolução do problema. Segundo Nancy Stepan (1991, p. 40), essa perspectiva, que também foi predominante na Europa e na América do Norte fez emergir 3 modalidades de políticas públicas: 1) a instauração de regimes segregacionistas (a exemplo do Apartheid e das leis do Jim Crow); 2) esterilização dos degenerados (exemplo do caso de Nova Jersey e outros estados norte-americanos, bem como países como a Suécia); 3) extermínio das raças inferiores (o *Holocausto* e outras seria uma faceta dessa perspectiva).

A segunda perspectiva aponta para uma combinação de eugenia com lamarckismo. Muitos cientistas defensores das políticas higienistas acreditavam que por meio da sanitização das cidades, implantação de bons hábitos, educação e miscigenação dos inferiores com os genes superiores dos brancos, haveria uma possibilidade de redenção de um povo com uma massa de raças inferiores e degeneradas. Essa perspectiva apostou na imigração europeia e na tese do branqueamento como elemento fundamental para a construção sadia do corpo da nação. Deste modo, a miscigenação deixava de ser uma maldição para ser uma benção. Era na mestiçagem que estaria a saída para eliminar o problema da degeneração racial. Inundar a nação com sangue branco era apostar na regeneração racial do povo brasileiro.

Seguindo esta linha de pensamento, Silvio Romero foi um dos intelectuais que, no Brasil, buscou formular teorias sobre a miscigenação. Em suas teorias, Romero admitia a miscigenação brasileira e nutria motivações para a idealização de um branqueamento evolutivo. Suas posições influenciaram ações impactantes na província de São Paulo. Tais quais, relembra Schwarcz (1996, p. 91):

[...] a bancada paulista limitou a admissão de trabalhadores a apenas alguns países da Europa, a saber: italianos, suecos, alemães, holandeses, noruegueses,

dinamarqueses, ingleses, austríacos e espanhóis -, uma clara indicação da coloração que se pretendia para a população local.

Para Schwarcz (1996), foi na década de trinta que sinais de uma certa positivação da ideia da mestiçagem tornavam-se mais evidentes. Celebrada em verso e prosa, a miscigenação de grande mácula transformou-se em sublime especificidade, sem que o tema fosse, de fato, enfrentado. Nesse movimento, o conflito virava sinal de identidade, ao mesmo tempo em que o "mito das três raças" passava a equivaler a uma grande representação nacional.

Foi, fundamentalmente, Gilberto Freyre, que ao publicar *Casa Grande & Senzala* (1930), de alguma maneira oficializou essa imagem difusa. Nessa obra, a mestiçagem aparece como o "grande caráter nacional", que interfere não apenas na conformação biológica da população, mas, sobretudo, na produção cultural que nos singulariza. Propagador do famoso mito da democracia racial brasileira, Freyre de fato "adocicava o ambiente" ao priorizar uma certa história sexual brasileira, em detrimento de uma análise cuidadosa das contradições existentes nessa sociedade tão marcada pela escravidão.

De acordo com Burke (2009, p. 90):

[...] Freyre havia, por um tempo, partilhado o interesse internacional, tanto da direita quanto da esquerda, na sinistra pseudociência da eugenia (e também em seu oposto, "cacogenia", como ele a chamava) e admirado os programas oficialmente sancionados dos Estados Unidos pra a melhora da espécie, programas que eram muito ligados à assim chamada "ciência da raça".

É evidente que pelo menos por um período, como muitas pessoas respeitáveis na época, Freyre pensou e observou de acordo com paradigma racial prevalente e estava convencido de que a superioridade de uma raça e a inferioridade de outra eram fatos imutáveis provados pela ciência. Apesar de ter abandonado essa visão virando-a do avesso e começado a pensar e observar de uma perspectiva diferente, na qual a cultura suplantava a raça, Freyre continuou a usar os conceitos e a linguagem da eugenia, apesar de fazê-lo principalmente de uma maneira descritiva e algumas vezes provocadora [...].

Nesse sentido convém mencionar a existência da "categoria" mulatos, que oriunda do processo de miscigenação, gerou duas situações significativas e antagônicas ao longo da história do Brasil. Inicialmente esta "categoria" era tão rejeitada quanto os negros, pois tratava-se de um povo "derivado" dos negros, e portanto, seria ainda mais indesejável quanto aqueles já eram. Ao passar do tempo, contudo, essa visão sobre os mulatos se alteraria. E tal alteração se daria, sobretudo, com a intensificação das teorias de eugenia assim como o interesse pelo o ideal de branqueamento. Sob este novo viés os mulatos passam a ser vistos como um povo mais próximo dos brancos haja vista que eram resultado da união entre branco e negro e, portanto, não eram unicamente negros. Surgia assim a ideia da miscigenação, sobre a qual Freyre (2006, p. 110) considera:

À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização. Começaram juntas, uma a formar o brasileiro – talvez o tipo ideal de homem moderno para os trópicos, europeu com sangue negro ou índio a avivar-lhe a energia; outra, a deformá-lo. Daí certa confusão de responsabilidades; atribuindo muitos à miscigenação o que tem sido obra principalmente da sifilização; responsabilizando-se a raça negra ou a ameríndia ou mesmo a portuguesa, cada uma das quais, pura ou sem cruzamento, está cansada de produzir exemplares admiráveis de beleza e de robustez física, pelo “feio” e pelo “bisonho” das nossas populações mestiças mais afetadas de sífilis ou mais roídas de verminose.

Ainda sobre o impacto da miscigenação na formação da população brasileira, Freyre, (2006, p. 110-111) afirma:

Precisamente sob o duplo ponto de vista da miscigenação e da sifilização é que nos parece ter sido importantíssima a primeira fase de povoamento. Sob o ponto de vista da miscigenação foram aqueles povoadores à toa que preparam o campo para o único processo de colonização que teria sido possível no Brasil: o da formação, pela poligamia – já que era escasso o número de europeus – de uma sociedade híbrida. Dos Diogos Álvares, dos Joões Ramalhos, um tanto imprópriamente de Jerônimo de Albuquerque (que já pertence a outra fase de povoamento) escreveu Paulo Prado que “proliferam largamente, como que indicando a solução para o problema da colonização e formação da raça no nosso país”. Do seu contato com a população ameríndia resultaram, na verdade, as primeiras camadas de mestiçagem formando porventura pontos mais fáceis à penetração da segunda leva de gente europeia. Quando os povoadores regulares aqui chegaram, já foram encontrando sobre o pardo avermelhado da massa indígena aquelas manchas de gente mais clara. Ainda que sem definida caracterização europeia, esses mestiços, quase pelo puro fato da cor mais próxima da dos brancos e por um ou outro traço de cultura moral ou material já adquirido dos pais europeus, devem ter sido um como calço ou forro de carne amortecendo para colonos portugueses ainda virgens de experiências exóticas – e os havia decerto numerosos, vindos do Norte – o choque violento de contato com criaturas inteiramente diversas do tipo europeu.

Diante desta perspectiva, desenvolveu-se a ideia de que a concretização de uma nação “resgatada” no processo de branqueamento seria apenas uma questão de tempo, e para isso se desenvolveram algumas teorias que ofereciam inclusive estimativas de quanto tempo duraria a “limpeza da raça negra”. Nota-se que embora inicialmente, influenciado pelo meio social em que era inserido, Freyre defendia um ideal de *raça pura*, no entanto, por fim, o sociólogo passa a reconhecer a importância da miscigenação da população brasileira para a constituição da nação e para o desenvolvimento da mesma. Assim, é fundado o conceito de *democracia racial* que abrange três diferentes povos, a saber, portugueses, escravos africanos e ameríndios, ou seja, brancos, negros e indígenas.

Freyre não foi o primeiro a abordar a questão da injunção das três raças. Na verdade, o autor retoma a tradição dos missionários religiosos que estiveram no Brasil durante o período colonial e falavam de uma sociedade de raças mistas, aonde o catolicismo não se impõe de

forma previsível. É essa a opinião de vários viajantes que aqui estiveram, sobretudo no século XIX, e descreveram muitas vezes com horror, as práticas mestiças e o "catolicismo adocicado". Nessa linha, também, abordaram com suas especificidades a questão Silvio Romero, Paulo Prado, Euclides da Cunha, Oliveira Viana ou mesmo Mário de Andrade, que em 1928 revigorava o mito das três raças, dessa vez de forma metafórica, fazendo Macunaíma, "um preto retinto", virar branco, enquanto um de seus irmãos transformava-se em índio e o outro permanecia negro (mas branco na palma das mãos e dos pés).

A questão do Brasil como “paraíso racial” também não era nova. Segundo Celia Marinho Azevedo (2004), a ideia retrocede até meados do século XIX, quando abolicionistas norte-americanos, para enfatizar a violência da escravidão nos EUA, descreveram a escravidão brasileira como mais suave. Retomada, de quando em quando a ideia esteve presente inclusive na militância negra, como o jornal *Clarim da Alvorada* (14-11-1926):

Enquanto o negro norte americano desbotôa o peito e se atira contra o branco n'uma luta exterminante, barbara e sanguinária, arrastado pelo ódio mortal; enquanto corre pelas sargetas os jactos estenuantes de sangues irmãos, o negro brasileiro estende a mão da fraternidade aos seus irmãos brancos e fortalecem o cunho de amizade que os ligam porque apesar de tudo, do nosso esforço educativo, não nutrimos odio contra quem, em épocas longínquas, dominou pelo poderio e venceu pela chibata. Em abro teu peito de negro e beijo teu coração escarlata. A mão do branco não se mancha em apertar a mão do negro. No Brasil não há preconceitos.

O que a *democracia racial* sintetiza como conceito é a ideia da convivência harmônica, igualitária e não violenta entre as raças. Como o sistema racial estadunidense servia de parâmetro às avaliações locais, racismo era interpretado como sinônimo de segregacionismo institucionalizado. Qualquer exclusão de outro gênero, inclusive a não institucionalizada – que tipicamente marcou a caracterização do sistema racial brasileiro –, era entendida como ausência de racismo. Daí a auto-imagem tão positiva das relações raciais no país que o conceito de democracia racial de Freyre reverberou. Segundo Florestan Fernandes (1978, p. 249):

[...] o conceito de democracia racial estabelece que o Brasil é uma terra inteiramente livre de impedimentos legais e institucionais para a igualdade racial, e em grande parte (particularmente em comparação com países como os Estados Unidos) também isento de preconceito e discriminação raciais informais. A nação oferece a todos os seus cidadãos – negros, mulatos ou brancos – uma igualdade de oportunidade virtualmente completa em todas as áreas da vida pública: educação, política, empregos, moradia. Por isso, os afro-brasileiros desfrutam de oportunidades para se aprimorar e da liberdade para competir com seus concidadãos na luta por bens públicos e privados, em um grau desconhecido em qualquer outra sociedade multi-racial do mundo.

Essa observação de Florestan Fernandes é bem relevante, pois a exaltação da mestiçagem presente na obra de Gilberto Freyre e no conceito de democracia racial se tornou a ideologia de estado e da elite brasileira. A partir dos anos 1930, oficialmente o Brasil alerdava a característica miscigenada de sua população e apontava a convivência harmônica entre as raças como espécie de antípoda do modelo norte-americano. A ausência de leis segregacionistas, que limitavam a cidadania negra em boa parte do território norte-americano, era vista como prova cabal de uma convivência racial harmônica. No Brasil, o racismo não existiria, pois não haveria confronto racial e nem leis de segregação que institucionalizavam a subcidadania negra.

Assim, o conceito de democracia racial surgiu como uma forte ideologia, que ao mascarar a realidade vivenciada no Brasil, silenciava mais uma vez a voz dos negros que embora tivessem alguns direitos assegurados por lei, tal quais os brancos, ainda sofriam fortemente com o preconceito, já que no dia a dia as formas de exclusão impetradas pelo racismo estrutural permaneciam. Na verdade, a democracia racial se tornou uma ideologia a serviço de uma ordem desigual racial e socialmente. Ela celebrava a construção da nação por suas elites indicando que o caminho havia tido êxito. Acerca da função ideológica, segundo Manomalo (2014, p. 184):

Para Bourdieu (2003), as classes dominantes fazem existir através da “ideologia distintiva” as diferenças corporais e sociais (acrescentamos as raciais) e, ao mesmo, tempo contribuem para naturalizá-las, inscrevendo-as num sistema de diferenças, igualmente todas naturais em “aparência”. As classes dominantes, alerta o mesmo sociólogo francês, por uma “estratégia de inversão”, invertem as categoriais de oposições construídas culturalmente em causas naturais e universais, em vez de tratá-las como efeitos de sua construção ideológica, escondendo, assim, a dominação que está na sua base.

Portanto, a naturalização do conceito de democracia racial, ao esconder a dominação que está em sua base, tal qual sinaliza Manomalo sobre Bourdieu, é o que permite com que as desigualdades entre negros e brancos fossem e continuassem de fato ocultadas. O discurso de que a legislação assegurava aos negros os mesmos direitos que aos brancos, ignorava absolutamente a discriminação vivenciada no trabalho, na educação e em todos os outros setores da vida social de pessoas negras.

A esse ponto, Andrews (1998, p. 206) discorre sobre o argumento utilizado para reforçar o mito da democracia racial:

[...] os ex-senhores de escravos – e os brancos brasileiros em geral – tinham de sustentar que os danos e as injustiças da escravidão, embora objetáveis, não eram tão ruins quanto poderiam ter sido.

Este argumento é apresentado de forma bastante pura em um artigo de 1889 de autoria de Lívio de Castro (ele próprio um mulato), publicado em *A província de São Paulo*. A escravidão, admitiu ele, “não foi obra da convicção como tantas outras servidões voluntárias, foi obra da força e a força desata a força. Todavia, por efeito de um natural impulso democrático que relaxou os preconceitos, por influência cumulativa do hábito, a fazenda constitui-se sem que houvesse luta entre as raças, sem que em seus alicerces ficassem depositados os elementos para um regime de castas como o de todas as autocracias antigas, da generalidade dos estados orientais e da própria confederação norte-americana”. Negros e brancos viviam em paz, juntos na fazenda, “cedendo ao chefe a maioria de seus direitos e ao escravo uma parcela de sua afeição.” Assim começou “a formação de um povo que herdou os vícios e as virtudes do passado, e é leal àquele passado do qual ele nasceu e no qual ele encontra sua razão de existir”. E aquele passado na fazenda, com seu “espírito democrático”, impossibilitou o conflito racial no Brasil. “Onde está o ódio das raças? No Brasil não há duas raças, não há mesmo uma: as que existem perderam os caracteres distintivos [através da miscigenação] a que deve existir [no futuro] está em elaboração.”

Assim, o mito da democracia racial se propagou e estabeleceu raízes, ao passo que os atos de racismo se tornaram naturalizados. Dessa forma, nota-se que o racismo silencioso de tipo brasileiro se consolidou a partir da premissa de não haver racismo no Brasil. O peso desse discurso que cria o mito da democracia racial pode ser associado à força do poder simbólico conforme definido por Bourdieu (2001 p. 14-15):

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder que mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos < sistemas simbólicos > em forma de uma < illocutionary force > mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença*. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou a de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.

Neste ponto, a existência de um antagonismo que corresponde aos negros em oposição aos brancos, permite que um exerça poder e por consequência domínio sobre sua oposição. No Brasil, a evidência da supremacia dos brancos em relação aos negros foi ocultada devido à ideologia da democracia racial. Ideologia que, assim como outras, *servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo*. (BOURDIEU, 2001, p. 10).

Manomalo (2014, p. 182) expõe de forma clara as sutilezas da permanência do racismo debaixo do mito da democracia racial brasileira ao desnudar expressões discursivas que denunciam a permanência de uma cultura racista:

[...] as categorias discursivas usadas para discriminar o negro perpassam as estruturas sociais e as estruturas mentais dos negros e brancos, intelectuais e não intelectuais, enfim, o homem brasileiro comum. As expressões discursivas, como “trabalho do negro”, “a coisa está preta”, “cabelo ruim” e outras do mesmo gênero, incentivam-nos a pensar nesse jogo de oposições discursivas. Deixam-nos a brecha para questionarmos o outro lado “invisível” do discurso. O que a tradição wittgensteiniana classifica como o “não dito”: as representações incorporadas nos corpos dos cidadãos brasileiros, brancos e negros, o ideal do branqueamento, que aponta para tudo o que é bom e perfeito e está presente nas expressões como: “inveja branca”, “mesa branca”, “magia branca”, “a coisa está branca” (se é que se pode falar assim; fica um “porque não” para o filósofo resolver), o “cabelo bom” ou o “dia do branco”.

Ao fazer uma breve análise sobre as considerações supracitadas, nota-se o quão naturalizado está o discurso sobre a figura do negro enquanto algo negativo e inferior, na sociedade brasileira. Este pequeno exemplo já é suficiente para evidenciar como a democracia racial e a suposta convivência harmônica das raças que atestava a inexistência de racismo no Brasil tiveram função ideológica na manutenção de uma ordem social e racial de exclusão do negro.

Ao negar o preconceito racial, contribuía-se para desarticular a luta política antirracista, pois não se combate o que não existe. O mito da democracia racial propagava um éden multirracial no Brasil. A relação entre negros e brancos era desenhada como harmoniosa e fraternal. Decerto, a maior proeza do mito da democracia racial foi ter ocultado: primeiro, o conflito inter-racial; segundo, a abissal desigualdade social entre negros e brancos. Essa solução, mais que prescindir a instauração de um regime de apartheid, forjou o fetiche da integração simbólica do negro no seio da nacionalidade.

O idílico cenário racial era apontado como vantagem para o desenvolvimento nacional. A situação racial, no Brasil, seria de total união entre as raças, ao passo que nos EUA o negro travava uma luta "sanguinária" contra o branco. O mito da democracia racial fundou-se, também, na incessante comparação da situação brasileira de suposta inexistência de discriminação legal, com o regime de Jim Crow do Sul dos Estados Unidos.

Essa imagem por contraste, esse espelho invertido em relação aos Estados Unidos foi crucial para a consolidação da ideologia do mito da democracia racial no Brasil. Numa semântica de pares de oposições assimétricas, o Brasil criava uma imagem positiva de si no que concerne às relações raciais e ao racismo, negando a imagem do outro, no caso os EUA.

2.3 EUGENIA, ÓDIO RACIAL E SEGREGAÇÃO NOS EUA

Diferentemente do Brasil, os Estados Unidos pertencem ao grupo de países para os quais a ameaça separatista constituiu um elemento central na formação de uma orientação nacionalista e na cristalização da unidade territorial. Isso se deu no contexto das lutas políticas anteriores da Guerra Civil (1861-1865) que levariam à separação dos estados do Sul e a formação de um novo país, ainda que um país de curta duração, os Estados Confederados da América. Interessa-nos, entretanto, neste trabalho, salientar a presença da escravidão nos estados do sul enquanto o elemento fundamental para a eclosão da guerra que dividiu a União - criada pela Declaração da Independência (1776) e pela Constituição norte-americana (1787) - em duas regiões distintas: o Norte livre e o Sul escravista.

Essa divisão geográfica e política levou a uma crescente diferenciação nos níveis de desenvolvimento econômico, do grau de liberdade, da escala de valores e da capacidade de cada região para elaborar, desenvolver e aplicar novas tecnologias aos seus ambientes. No entanto, tais divisões tinham raízes anteriores a década de 1860 do século XIX.

Segundo Vitor Izecksohn (2003), Thomas Jefferson, o maior expoente político sulista na primeira metade do século XIX, apoiava a expansão territorial como o meio mais eficaz de manter e expandir a virtude cívica americana. Nessa perspectiva que evidenciava o ideário sulista, a disponibilidade de terras garantiria que a república continuaria a ser dominada pelo “fazendeiro independente”, que simbolizava o ideal de cidadão da república. Os antifederalistas acreditavam que somente pelo acesso contínuo a novas terras seria possível perpetuar a possibilidade de construir uma nação de proprietários, independentes da vontade dos ricos e poderosos membros da minoria do dinheiro.

Deste modo, nos estados do Sul este ideal pastoral oferecia um apelo mais forte do que nos estados do Norte. De acordo com Izecksohn (2003), três razões explicam esta diferença: 1) o predomínio das atividades agrícolas; 2) a exploração do trabalho escravo como cerne da força produtiva; 3) exclusão política dos negros. Nessas circunstâncias, era mais fácil para os escravistas do Sul forjar um *modus vivendi* compatível com as aspirações democráticas dos brancos não-proprietários de escravos, que constituíam a maioria da população. Jefferson, John Taylor e outros líderes do Sul sustentavam uma visão mais igualitária do interesse público. Eles defendiam a superioridade da organização social agrária sobre o ambiente urbano-industrial. Nesse mundo agrário idealizado, os fazendeiros, fossem eles escravistas ou não, podiam usufruir direitos iguais e compartilhar as mesmas aspirações por liberdade e democracia. Mas essa aliança só era possível porque a ordem democrática a que eles

aspiravam era limitada, incluindo somente os homens brancos. Essa ordem denotava o que John Ashworth denominou “igualitarismo racista”.

No Norte, onde a escravidão não era forte e a industrialização, mais significativa, uma aliança com brancos pobres (não detentores de escravos), seria muito menos provável porque o conflito de classes e a ebulição social contestavam as estratégias patrícias de controle social. Nos anos iniciais da república o medo do povo e do radicalismo dominou as elites do Norte enquanto os líderes do Sul podiam ser mais consistentes nos seus apelos por participação política (mesmo quando restritos por considerações raciais).

Os sulistas tentaram conciliar liberdade e escravidão apelando para um importante aspecto conservador da ideologia republicana. Eles proclamavam que a escravidão fortalecia o senso de igualdade entre os homens brancos e confinava o trabalho desqualificado a uma raça inferior. Todo homem branco estaria pelo menos um gigantesco degrau acima do status dos escravos e, assim, em relação aos escravos, a igualdade existiria no grupo dominante de cidadãos. Deste modo, segundo Izecksohn (2003, p?):

No Sul as demandas dos brancos pobres não eram consideradas como um desafio direto ao poder escravocrata enquanto no Norte a massa de brancos pobres constituía uma ameaça potencial à manutenção da hierarquia social. Desse prisma, as posições nortistas soavam inicialmente muito mais conservadoras do que as apresentadas por homens como Thomas Jefferson e, posteriormente, Andrew Jackson. Foi geralmente sob a inspiração das idéias e ações desses líderes originários do Sul que se deram os apelos pela expansão da franquia eleitoral durante a primeira metade do século dezenove. O paradoxo da democracia americana é o de uma sociedade que avança a questão do sufrágio universal masculino ao mesmo tempo em que ignora o problema da escravidão. Próximo à eclosão da Guerra Civil, o Sul era, com poucas exceções, tão democrático quanto o Norte e mais democrático que qualquer sistema político europeu. Tal como definido por um importante líder, a escravidão seria “o melhor governo do homem pobre”.

Essa situação *sui generis* explica não apenas a resistência sulista a abolição negra como também a difícil relação que esses estados tiveram com o fim da escravidão decretado por Lincoln. A diferença de projetos nacionais entre Norte e Sul dos Estados Unidos elevou as tensões na década de 1850. Os interesses do Norte na abolição representavam a confluência da luta abolicionista com as possibilidades de sucesso econômico e político, uma vez que a população negra apresentava condições e interesses em trabalhar no setor industrial em desenvolvimento, além de se tornar um amplo mercado de consumo para as produções obtidas neste setor. Assim, destacava-se uma grande oposição entre os estados do norte e sul, marcadamente pela posição ocupada pela população negra nos projetos nacionais de cada um dos segmentos.

Mesmo tendo interesses e estruturas bem diferentes, não se pode afirmar que as regiões fossem completamente antagônicas. O Norte, mais avançado em termos industriais, tinha uma classe média nascente e uma indústria de importância crescente. O Sul, embora apresentando características fundamentalmente agrícolas, baseava-se no sistema de plantation e escravidão, muito bem inserido no sistema capitalista; o escravo era visto como mercadoria. O Sul interagiu economicamente com o Norte e participava do comércio internacional, especialmente com a Inglaterra. Mesmo se constituindo como dois “mundos” bastante diferentes, um, ao Norte – de trabalhadores livres, assalariados, pequenos proprietários e mais consistente classe média urbana –, e o outro, ao Sul – escravista e senhorial –, a idéia da superioridade do homem branco era comum e inquestionável em ambos. Nos dois mundos, os negros estavam fora das decisões políticas e eram vítimas de preconceito, principalmente no Sul, onde a escravidão era garantida por lei. (Isso subsistiria na primeira metade do século XX quando se manifestariam dois tipos muito diferentes de racismo: um determinado juridicamente, no Sul, e o outro um pouco “envergonhado”, mas sempre presente, no Norte.) (KARNAL, 2007, p.129).

Segundo Karnal et al (2006) na década de 1850, o Norte superava o Sul em população, mas o Sul detinha maior força política no governo federal. Neste período, os sulistas exigiam o direito de estender a escravidão aos novos territórios conquistados pelos Estados Unidos, o que parecia ser essencial ao “imperialismo do algodão”. Além disso, os políticos do Sul poderiam manter o maior número de representantes no governo federal. As regiões de Kansas e Nebraska entraram nessas disputas com o Norte pelo controle dos territórios conquistados. Os sulistas, representados por David Atchison, propuseram uma lei em que nenhum projeto de administração territorial poderia ser aprovado a não ser que contivesse uma cláusula que anulasse a proibição da escravidão. O Congresso aprovou o projeto, que passou a se chamar Lei Kansas-Nebraska, e os nortistas ficaram indignados pelo fato de o governo federal ter se curvado diante da “escravocracia”. Desse modo, o império do algodão desafiava, de uma vez por todas, o “imperialismo do solo livre”.

O debate sobre a escravidão foi a grande questão das eleições de 1860. O principal nome de indicação dos democratas foi Stephen Douglas e dos republicanos, um jovem advogado, de grande eloquência, chamado Abraham Lincoln. Este, por sua vez, era favorável aos ideais de solo livre, trabalho e homens livres. Lincoln venceu as eleições. Novos rumos seriam tomados na história norte-americana. A maior parte dos sulistas ficou irritada com a eleição de Lincoln, visto por eles como um verdadeiro abolicionista. Já alguns nortistas o viam como conservador, na medida em que não defendia abertamente uma luta para terminar com o regime escravista, embora o condenasse como um grande erro da humanidade. (...)

Afirmava, por exemplo, que a “raça branca” era sim superior. Dizia que não toleraria que algo fosse feito contra a escravidão nos territórios em que ela já existia, mas, ao mesmo tempo, que defenderia a todo custo os interesses da União, que invadiria os estados que quisessem se separar e recolheria, da mesma forma, os direitos aduaneiros de importação nos estados que fossem a favor da secessão. O próprio Lincoln demonstrou suas expectativas ao afirmar que não esperava que “a casa” não caísse, mas que, ao menos, deixasse de ser dividida (KARNAL, 2007, p. 131).

O conflito estourou em 1861 e perdurou até 1865. Segundo Karnal et al (2007), graças aos escravos e aos abolicionistas, um combate, que se iniciara em nome da recuperação da unidade territorial do país, transformou-se numa luta pelo fim da escravidão. Lincoln, diante das pressões crescentes de diversos setores pela abolição e da ausência de acordo sobre a escravidão nas novas terras do Oeste, percebeu que a emancipação total dos escravos lhe traria popularidade, e que poderia acelerar o fim da guerra, além de angariar apoio de europeus críticos do regime de escravidão. Assim, no dia 1º de janeiro de 1863 foi proclamada a Lei de Emancipação dos escravos. Nas áreas longe do alcance legal da União, os escravos tornavam-se livres na medida em que as tropas do Norte venciam.

A vitória dos yankees, do Norte industrial e abolicionista, significou de imediato a imposição do projeto nacional do Norte para todo território dos EUA. A questão anti-federalista estava derrotada e a União, hegemonicamente comandada pelo Norte passou a impor sua agenda nacional. Estava quebrada politicamente em âmbito nacional a espinha dorsal do estilo de vida sulista – escravidão, fazendeiro autônomo e igualitarismo civil branco. Sobre esse desfecho Hope (1989, p. 218) afirma:

A rendição do Exército confederado em 1865 significou uma vitória não somente para as poderosas forças militares do Norte como também para uma União indestrutível. De uma vez por todas, foi resolvida a questão sobre se os estados tinham o direito de separar-se da União. A questão da relação exata de um estado com o governo federal poderia ressurgir, mas todos os estados estavam destinados, dali em diante, a reconhecer a soberania superior do governo federal.

De acordo com Karnal et al (2007), o tema da reconstrução nacional passava por um intenso debate político. Havia aqueles que defendiam uma “reconstrução” radical dos territórios devastados dos antigos estados da Confederação. Esses radicais não ofereciam garantia alguma aos “direitos” dos antigos donos de escravos que reivindicavam indenização. Além disso, aceitavam a readmissão dos estados sulistas desde que comandada por “homens leais” ao Norte. Queriam também que os negros do Sul se beneficiassem dos direitos básicos da cidadania norte-americana. Por outro lado, havia os que buscavam uma “reconstrução” mais moderada, que não garantiria aos libertos nada mais que sua liberdade, abrindo margem ao desejo dos proprietários sulistas de utilizar a mão-de-obra dos ex-escravos em algum tipo de regime de trabalho compulsório.

Cerca de 286 mil negros vestiam o uniforme do exército da União, alguns haviam se estabelecido nas fazendas confiscadas nas ilhas ao largo da costa das Carolinas, e muitos simplesmente perambulavam entre os acampamentos dos exércitos da União e as cidades sulistas, cheios de esperança, mas sem garantia alguma de sustento. Embora lideranças negras tenham rapidamente aparecido, a imensa maioria dos ex-escravos era analfabeta e nunca participara da política ou de instituições econômicas. Para a maior parte dos mais de quatro milhões de negros libertos, a aquisição de terras, o acesso à educação e o direito de voto eram os meios de atingir a cidadania (KARNAL, 2007, p.139).

A questão da cidadania negra nos período pós-Guerra Civil encontra barreiras sociais fortíssimas. A crença na inferioridade dos negros estava presente inclusive em muitos abolicionistas, que condenavam a escravidão como instituição oralmente repugnante, mas concordavam com ideia da inferioridade inata dos negros. Os negros tinham forte preferência em se estabelecer como pequenos proprietários em vez de serem trabalhadores nas plantações de donos brancos. Durante algum tempo, tiveram razão em esperar que o governo apoiasse suas ambições. Algumas propriedades de 40 acres chegaram a ser distribuídas pelo governo entre os escravos libertos. Em julho de 1865, 40 mil fazendeiros negros trabalhavam 300 mil acres do que eles pensavam ser sua própria terra. Mas o sonho de “40 acres e uma mula” não se realizaria para a grande maioria. Nem o presidente Johnson nem o Congresso foram favoráveis a um programa efetivo de confisco e redistribuição de terras. Conseqüentemente, a maior parte dos negros que já ocupavam um pedaço de terra e efetivamente trabalhavam nele não obteve títulos de propriedade, tendo sido, então, abandonado. A guerra tinha terminado com a escravidão no Sul, mas não representou a integração dos negros como cidadãos efetivos.

Por todo o Sul, a sociedade começou a consolidar uma profunda segregação baseada em “critérios raciais”. À exceção do mundo do trabalho, em que brancos e negros conviviam, a sociedade sulista comportava dois mundos separados. Por meio de instrumentos legais e ilegais, as pessoas consideradas negras ficavam segregadas das brancas na maioria dos locais públicos, na maioria dos hotéis, restaurantes e outros estabelecimentos particulares. Mesmo quando os governos republicanos, apoiados pelos negros, assumiram o poder, em 1868, e foram aprovadas leis de direitos civis exigindo acesso igual às instalações públicas, muito pouco esforço foi feito para aplicar a legislação.

Apesar da derrota oficial, a identidade sulista gerada pela guerra e o ressentimento da derrota faziam ecoar melancolicamente o saudosismo sulista. De acordo com Borges (2007), embora o Sul tenha sofrido uma derrota militar e econômica na Guerra Civil, a sua ideologia não foi esmagada pela força das armas. E assim, no pós-guerra, quando a situação serenou, o Sul procurou recuperar o seu tradicional modo de vida e até assumir posições que anteriormente não seriam aceitáveis. Efetivamente, nessa região dos E.U.A., onde viviam 95 por cento dos negros americanos, assinalam-se então inúmeros estratagemas destinados a impedir que os antigos escravos, agora com estatuto de homens livres, gozassem dos direitos cívicos recentemente adquiridos. A Décima Terceira Emenda à Constituição (1865) tinha confirmado a abolição da escravatura, a Décima Quarta Emenda (1868) tinha garantido o

direito de cidadania aos homens livres e a Décima Quinta (1870) interditava expressamente qualquer legislação restritiva ao seu direito de votar.

Mas, à medida que a lei marcial foi deixando de vigorar e as tropas nortistas foram abandonando os territórios sulistas ocupados depois da guerra (principalmente durante o período da chamada Reconstrução Radical, entre 1867-1870), o Sul tratou de arranjar maneira de os negros não exercerem, de facto, os seus direitos.

Lentamente cada estado do sul foi aderindo às leis segregacionistas que voltavam a restringir a cidadania e que na prática era um retrocesso. Nota-se, portanto, que os avanços para o processo de igualdade, concedidos aos estados sulistas não tiveram aplicabilidade efetiva. Em muitos estados sulistas começaram a serem aprovadas legislações locais, os denominados “Códigos Negros” (Black Codes). Segundo Karnal (2007, p. 143) eram leis que restringiam a liberdade dos negros em diversos aspectos. Entre essas leis, estavam as de vadiagem, que obrigavam os ex-escravos a trabalhar sem poder escolher seus empregadores. Em alguns estados, os negros não tinham permissão para se reunir, casar-se com brancos, beber álcool, possuir armas de fogo, ou atuar em ofícios especializados. Aqueles que cometessem alguma infração podiam ser vendidos em leilão. Na Carolina do Sul, uma lei definiu os contratos de trabalho: os negros só poderiam trabalhar em serviços rurais ou domésticos. No Mississippi, poderiam lavrar a terra, jamais possuí-la. Até mesmo alguns sulistas brancos acharam que essas medidas eram muito provocadoras para os nortistas, que as consideravam uma “escravidão disfarçada”.

A década de 1870 começava com a aprovação da 15ª Emenda, que, ao mesmo tempo em que era celebrada por garantir o voto universal masculino, decepcionava os advogados dos direitos das mulheres. Na prática, foram criados limites à “universalidade” do próprio voto masculino, como a exigência de alfabetização, a possibilidade de votar condicionada à propriedade ou a existência de impostos para votar (todas medidas que visavam, especialmente, à exclusão dos negros dos pleitos). Leis de segregação racial haviam feito breve aparição durante a reconstrução, mas desapareceram até 1868. Ressurgiram no governo de Grant, a começar pelo Tennessee, em 1870: lá, os sulistas brancos promulgaram leis contra o casamento interracial. Cinco anos mais tarde, o Tennessee adotou a primeira Lei Jim Crow e o resto do Sul o seguiu rapidamente.

O termo “Jim Crow”, nascido de uma música popular, referia-se a toda lei (foram dezenas) que seguisse o princípio “separados, mas iguais”, estabelecendo afastamento entre negros e brancos nos trens, estações ferroviárias, cais, hotéis, barbearias, restaurantes, teatros, entre outros. Em 1885, a maior parte das escolas sulistas também foram divididas em

instituições para brancos e outras para negros. Houve “leis Jim Crow” por todo o Sul. Apenas nas décadas de 1950 e 1960 a Suprema Corte derrubaria a ideia de “separados, mas iguais”, como resultado da luta pelos direitos civis nos EUA.

Dentro dessa postura segregacionista surgiu uma corrente ainda mais extremada, que defendia, em última instância, o extermínio da “população inferior”. Desse grupo emergiu a Ku Klux Klan (KKK) – do grego *Kyklos*, “círculo”–, criada em Nashville, em 1867. A ideia de círculo aparece como símbolo de sociedade secreta, fechada em si mesma. Ancorada numa antiga tradição de linchamentos de negros, a KKK combatia, além dos negros, os brancos liberais que apoiavam o fim da segregação, também chamados de *negro lovers* (amantes de negros, com duplo sentido), os chineses, os judeus e outras “raças” consideradas inferiores.

A KKK colocava-se como uma entidade moralizante, de defesa da honra, dos costumes e da moral cristã. A prática pavorosa dos linchamentos era justificada por seus membros a partir de acusações de supostos estupros de mulheres brancas por negros (numa clara hierarquização da sociedade: a mulher, indefesa e inocente, estaria sendo vitimizada pelo negro, ser “inferior e bestial”, que precisava ser combatido pelos protetores dos “bons costumes”, os cavaleiros brancos da Klan)².

Entre 1867 e 1871, as estimativas falam em mais de vinte mil pessoas mortas por terroristas brancos. Alguns desses grupos, como a própria Klan, usavam um lençol branco como vestimenta, simbolizando os senhores mortos durante a Guerra Civil que voltavam para se vingar na forma de espíritos, acusando os ex-escravos de os terem abandonado em meio ao conflito. Outra explicação para o uso do lençol branco é a ideia de que os negros seriam supersticiosos e que, portanto, acreditariam em espíritos que voltavam para assombrar os vivos.

A KKK era apoiada pela participação de muitos políticos sulistas, mas toda a sua base era composta por brancos pobres ressentidos. Para se tornar membro da Klan era necessário ser branco, não ser judeu, “defender a pátria até as últimas consequências” e ser um “bom cristão protestante”, já que não se aceitavam católicos. Nos anos de 1871 e 1872, o governo federal aprovou leis e tomou providências que contiveram o avanço dessas organizações. A Klan reapareceu, mais tarde, na Geórgia, em 1915. O século XX abriu-se com 214 linchamentos promovidos por organizações racistas apenas em seus dois primeiros anos.

² A organização tem começo incerto, mas se sabe que surgiu da união de vários outros grupos locais, associações clandestinas e racistas, como a Fraternidade Branca, do Tennessee, por exemplo. Outras organizações como a dos Cavaleiros do Sol Nascente, os Cavaleiros da Camélia Branca, as Guardas Constitucionais e os Caras Pálidas antecederam e coexistiram com a Klan, assemelhando-se a ela em preceitos, princípios e ações, numa demonstração do racismo profundamente arraigado.

Entre 1889 e 1899, quase duzentas pessoas por ano, em média, foram linchadas por supostos crimes contra a supremacia branca. Esse período foi também o auge da promulgação das leis Jim Crow. A cultura escravista do sul somado ao ressentimento de brancos pobres que haviam perdido com guerra com a abolição o “igualitarismo racista” dos velhos tempos, foi um terreno forte para manifestações de ódio racial. Para além do aspecto cultural revanchista presente nos estados sulistas que instalou uma verdadeira ordem baseada no ódio racial, a segregação racial também era legitimada pela proeminência do racismo científico.

As leis Jim Crow fundavam-se em duas tendências de opinião da intelectualidade americana, sobretudo a partir de 1890, a saber: as novas ciências sociais, tais como a antropologia, haviam determinado “cientificamente” que os negros eram inferiores aos brancos e os historiadores, por sua vez, sendo muitos deles oriundos do Sul, traçavam um quadro nostálgico da escravatura, apresentando o tempo em que esta vigorara como um período digno, pacífico e até benigno. (BORGES, 2007, p.21).

Com o estabelecimento de leis cada vez mais restritivas se evidencia ao passar do tempo, a inferioridade com que os negros eram considerados em relação aos brancos. As constantes privações dos direitos civis, aplicadas inicialmente em menor intensidade, aumentavam gradualmente e escancaravam, assim, “os princípios” racistas. Princípios estes, que encontrarão suporte em teorias científicas, conforme se observa:

Por volta de 1910, todos os Estados da antiga Confederação tinham adotado leis que segregavam os mais diversos aspectos da vida diária (especialmente em escolas e lugares públicos) onde negros e brancos pudessem ter de encontrar-se, nos seus afazeres.

Também por esta altura se divulgou na América a pseudo-ciência da eugenia (um estudo de métodos destinados a melhorar, pretensamente, as capacidades mentais e físicas dos seres humanos, mediante a selecção prévia dos potenciais progenitores), a qual reforçou pressupostos racistas da inferioridade dos negros. (BORGES, 2007, p.23).

A denominada regra do *one drop rule* (uma gota de sangue) afirmava na linhagem mais estreita do pensamento eugenista que uma gota de sangue negro transformava a pessoa em negro, uma espécie de “contaminação” que condenaria os indivíduos miscigenados à degeneração. Daí a necessidade de políticas públicas que evitassem esse mal, ou seja, a miscigenação racial. Esses elementos conjugados possibilitaram a emergência do regime segregacionista e sua institucionalização, que vai perdurar até a década de 1960.

A partir dos regimes segregacionistas o espaço a ser usufruído pelos negros no contexto social dos Estados Unidos, era extremamente limitado. Diferentemente do Brasil, as linhas raciais eram mais rígidas. Enquanto no Brasil a existência do mulato, a partir da década

de 1930, passou a simbolizar a democracia racial e a miscigenação típica de um país que não convivia com o racismo, nos EUA, o mulato era considerado um negro. Isso ocorria, pois a combinação da repulsa cultural em relação à mestiçagem com o darwinismo social que compreendia as heranças genéticas como determinantes consolidou o segregacionismo, principalmente nos estados sulistas.

Uma das principais associações de combate ao segregacionismo nos EUA foi A Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (*National Association for the Advancement of Colored People*; NAACP). Trata-se de uma das mais antigas e mais influentes instituições a favor dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Fundada em 12 de fevereiro de 1909 por um grupo de ativistas para lutar pelos direitos de afro-americanos.

A NAACP combatia em duas frentes: na educação e em questões judiciais, a exemplo dos processos impetrados contra as chamadas Leis de Jim Crow, que privavam os negros de direitos civis. Em 1915, graças à NAACP, a "cláusula do avô"³ foi anulada pela Suprema Corte dos Estados Unidos. Em 1954, a NAACP já era a maior organização de defesa dos direitos civis no mundo, nessa época com meio milhão de sócios. No ano seguinte, 1955, Rosa Parks, uma costureira que participava como secretária na NAACP, foi presa por recusar-se a obedecer à ordem de segregação racial num ônibus da cidade de Montgomery, no Alabama e cuja prisão motivou o movimento que seria denominado boicote aos ônibus de Montgomery.

Era uma vez uma senhora negra chamada Rosa Parks que vivia na cidade de Montgomery, no Estado de Alabama, sul dos Estados Unidos. Era dezembro de 1955 e ela regressava para sua casa depois de um dia de trabalho. Estava sentada no ônibus, quando subiu um homem branco. De acordo com a legislação segregacionista local, ela deveria dar-lhe seu lugar, mas como estava muito cansada, recusou-se a seguir viagem em pé. O motorista (branco) do ônibus chamou a polícia e Rosa Parks foi presa. (PAIVA, 2010, p.104)

A partir deste episódio, sucedeu-se uma série de boicotes que intensificaram a manifestação da insatisfação dos negros com o atual contexto social e político. Diante desse contexto, e diante da condição de inferioridade que os negros eram submetidos, a única instituição em que poderiam ter voz, era a Igreja. Nesse ponto, surge a questão religiosa como forte referência. A Igreja vai se apropriar das aflições vivenciadas pelos negros, sobretudo em função de seus líderes religiosos também serem negros, a fim de lutar no combate à segregação racial e restabelecer os princípios humanitários de forma igualitária a todos.

³ A "cláusula do avô" dava direito de voto apenas a homens cujos avôs já tivessem participado de processo eleitoral, excluindo os negros descendentes (na grande maioria) de escravos.

Emerge-se assim, a necessidade de uma renovação de valores religiosos que permitam o engajamento na luta pelos direitos civis.

Sobre isso, Paiva (2010, p.103) considera:

[...] Foi o momento em que as igrejas negras realmente se tornaram um poder social, não só porque representaram o espaço físico onde era possível organizar as assembleias, mas também pelo papel preeminente de seus pastores. Os valores religiosos serão, então, a referência principal na análise do momento em que pastores abandonaram as homilias tradicionais sobre a purificação da alma e começaram a pregar uma nova leitura da Bíblia, na qual valores cristãos genuínos – quais sejam, a liberdade e a igualdade que deviam ser conquistadas pela comunidade cristã, luta legitimada justamente por ser uma comunidade cristã, e a solidariedade implícita nesse processo – seriam enfatizados, revelando uma nova maneira de se vivenciar a fé cristã.

Para compreender a discriminação racial nos Estados Unidos convém retomar a significação de diferença racial proposta por Hall (2016, p.169):

As representações populares da “diferença” racial durante a escravidão tendiam a aglomerar-se em torno de dois temas principais. O primeiro era o *status* subordinado e a “preguiça inata” dos negros – “naturalmente” nascidos e aptos apenas para a servidão, mas, ao mesmo tempo teimosamente indispostos a trabalhar da forma apropriada à sua natureza e rentável para seus senhores. O segundo tema era o inato “primitivismo”, a simplicidade e a falta de cultura, que os tornava geneticamente incapazes de “refinamentos civilizados”. [...]

A prática de reduzir as culturas do povo negro à natureza, ou **naturalizar** a “diferença” foi típica dessas políticas racializadas da representação. A lógica por trás da naturalização é simples. Se as diferenças entre negros e brancos são “culturais”, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são “naturais” – como acreditavam os proprietários de escravos - , estão além da história, são fixas e permanentes. A “naturalização” é, portanto, uma estratégia representacional que visa *fixar* a “diferença” e, assim, *ancorá-la* para sempre. É uma tentativa de deter o inevitável “deslizar” do significado para assegurar o “fechamento” discursivo ou ideológico.

A segregação racial impedia que negros pudessem exercer a cidadania como os brancos exerciam. Tratados como seres inferiores e lutando por condições humanitárias igualitárias ainda na década de 1950, os negros do sul dos Estados Unidos adotavam estratégias pacifistas para reivindicar direitos humanos.

A reivindicação pelos direitos civis dos negros já não era uma luta com participação exclusiva de negros. Somavam-se às manifestações, também brancos, que em sua maior parte, eram universitários bem instruídos.

Na época em que os quatro estudantes negros lançaram o movimento do protesto sentado, o cenário já estava pronto para o início das mudanças mais profundas e mais revolucionárias na condição dos negros norte-americanos, que haviam ocorrido desde a emancipação. O caminho para a revolução havia sido aberto por migrações significativas da população negra das áreas rurais para as cidades e do Sul para o Norte e o Oeste, por decisões da Corte Suprema sobre a segregação no voto e na

escola, pela recusa de Rosa Parks a passar para a parte traseira do ônibus, pelo boicote aos ônibus de Montgomery a que se seguiu, pelo surgimento de Martin Luther King, pela aprovação da Lei dos Direitos Civis de 1957 e pelo nascimento de Estados nacionais independentes, na África. (FRANKLIN, 1989, p. 456)

Em 1960 claramente a luta pelos direitos civis já não podia ser ignorada e nem silenciada e tensões políticas eram cada vez mais evidentes.

No verão de 1960, a questão da condição dos negros já se havia tornado tão acalorada que nenhum dos dois grandes partidos enfrentando a campanha presidencial pode deixar de reconhecer sua importância. Já havia mais de um milhão de eleitores negros alistados em doze estados sulistas. Em pelo menos seis dos oito estados mais populosos do país, os negros detinham o equilíbrio do poder nas eleições muito disputadas. Em sua plataforma, em 1960, ambos os grandes partidos, tomaram forte posição a favor da justiça e da igualdade raciais. Esperavam não ser culpados do que Theodore White observou em seu livro *The Making of the President 1960* quando disse: “Não considerar o voto do negro e a insistência do negro nos direitos civis, deve ser um ato de absoluta loucura – ou um completo erro de cálculo”. (FRANKLIN, 1989, p. 457).

Entre as lideranças no movimento pelos direitos civis, encontra-se Martin Luther King Jr. Estadunidense, nascido na cidade de Atlanta no estado de Georgia dos Estados Unidos, foi uma importante figura durante a luta pelos direitos civis. Com formação em Teologia e Filosofia, a atuação de King no movimento pelos direitos civis destaca-se por vários motivos, mas principalmente pela sua particularidade ao que diz respeito aos seus princípios de não-violência na luta por igualdade.

Após ser designado para atuar religiosamente na cidade de Montgomery, King passa a exercer papel importante na luta pelos direitos civis a partir do acontecimento da recusa de Rosa Parks no ônibus segregacionista.

No início de 1960, outro fato importante vai catapultar as atividades de King: sua transferência para Atlanta a fim de assumir com seu pai o co-pastorado da histórica Igreja Batista Ebenezer. Os anos seguintes vêm King cada vez mais articular politicamente a luta contra o racismo, tanto local como nacionalmente. Demonstrações *sit-in*, marchas, piquetes, vigílias de oração, tudo isto é motivo para prisões, julgamentos, e atentados, não só contra King, mas contra outros ativistas dos direitos civis, inclusive com o assassinato de Medgar Evers, líder do NAACP no Mississippi. (MATTOS, 2006, p.76).

Martin Luther King defendia o combate ao racismo e à pobreza, e por este motivo se engajou na luta de várias causas sociais, tal qual a greve dos trabalhadores ocorrida em 1968, no Estado do Tennessee. Acreditando na resolução de conflitos a partir de princípios da não-

violência, King resolve apoiar o movimento e durante uma marcha de protesto, a violência irrompe e deixa o saldo de um morto e cerca de cinquenta feridos.

No dia 3 de abril, King profere diante da assembleia dos grevistas o seu discurso “Eu estive no alto da montanha”. No dia seguinte King é assassinado. (MATTOS, 2007, p.77). De acordo com PAIVA (2010, p. 110):

O Movimento dos Direitos Civis foi, portanto, a oportunidade que parte da igreja negra teve de levar a cabo a tarefa de ajudar na promoção de uma ação social inovadora, desconhecida tanto da igreja dos brancos, quanto da igreja negra conservadora de classe média.

A luta pelos Direitos Civis consistiu numa busca pela derrubada das leis segregacionistas do Jim Crow. A disputa em torno desse racismo legalizado trazia tona a faceta de uma sociedade norte americana marcada pelo conflito racial. De que modo, essa luta política dos negros norte-americanos foi retratada pela imprensa brasileira, especificamente pelo jornal Folha de São Paulo?

3. O PAPEL DA IMPRENSA

Notadamente a imprensa constitui importante fonte de informação de uma nação. A esse respeito ela trata de aspectos, políticos, sociais, econômicos entre outros, que necessitam seguir uma regulamentação ética na produção de conteúdo. Ao tratar de produção de conteúdo jornalístico e do seu enquadramento estético, imagético e em termos de forma, trata-se concomitantemente da produção de discurso, que visa dar sentido, ou seja, significado aos acontecimentos, seja no campo da política, sociedade, cultura e economia. Daí ser extremamente relevante a pesquisa acerca da imprensa e do material por ela produzido.

A pesquisa nestes diferentes materiais proporciona visibilidade a um grande repertório de instigantes indagações relacionando-as a campos essenciais da reflexão histórica, como as relações entre imprensa, poder e a configuração dos sistemas políticos em diversas situações; a imprensa atuando como um espaço de mobilização, difusão e generalização de vários projetos, valores e construção de personagens e grupos que disputam e afirmam suas hegemonias no decorrer das conjunturas históricas.

De acordo com Brandão e Jardim (2014, p.164), ao analisar a trajetória da imprensa brasileira desde o seu aparecimento até o limiar do século XXI, considera:

Nesse percurso, a imprensa brasileira passou por diversas fases: o seu surgimento como imprensa áulica a serviço da colonização portuguesa; os momentos de insurreição dos pasquins, combatentes contra a dominação colonial, em que se enfrentou o fechamento total; alguns momentos de liberdade controlada pelo Estado; até sua transformação em empresa dentro do sistema capitalista, tornando-se um instrumento da corrente hegemônica desse sistema. Apesar da sua transformação em linha de sustentação do poder, em virtude das próprias contradições inerentes ao sistema capitalista, ela sofreu em vários momentos da sua história períodos de repressão e censura.

Dessa forma, compreende-se a imprensa não apenas como uma “ferramenta” transmissora de fatos, dissociada do seu objeto de análise, mas compreende-se que ela é também, em alguma medida, a própria constituinte de tais fatos. Ao desenvolver uma narrativa que dê sentido aos acontecimentos históricos, a imprensa institui o próprio acontecimento, já que este não existe enquanto acontecimento neutro, mas como parte de uma rede semântica da linguagem que busca fazer do acontecimento algo compreensível, repleto de sentido.

Neste sentido, analisar um jornal, ou suas notícias, como documento histórico, exige uma atenção para os meandros de construção dos acontecimentos históricos como narrativas jornalísticas. Por ser uma empresa constituída numa lógica de mercado, um jornal deve ser

pensado na gama de relações que estabelece com a ordem social, com a vida social e política da nação, da relação com seus anunciantes, com as expectativas de um público leitor que em última instância, ao longo do século XX, era sua clientela. Segundo Lapuente (2016, p.15)⁴:

[...] deve-se destacar que uso da imprensa escrita encontra grande apelo na renovação que o campo da história política vem tendo nas últimas décadas, sacramentado pelo trabalho *Pour une histoire politique*, do francês René Remond (2003). Francisco das Neves Alves (2002), por exemplo, destaca que os periódicos são uma fonte importante para a análise das lutas políticas, pois, além de retratá-las, o jornal acaba sendo como um elo ou agente de combate entre as distintas correntes. Sua assertiva, em parte, corrobora aquilo que Maria Helena Capelato (1988) menciona: os periódicos, para ela, sempre atuaram como uma força política, por isso governos e elites a adulam, vigiam, controlam e a punem. O fato dos jornais serem uma importante ferramenta para a história política é endossado por Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes (2014). Em sua pesquisa sobre o golpe militar de 1964, eles ressaltaram que a utilização de periódicos com distintas posições políticas possibilitou perceber as diferenças nas coberturas realizadas pelos jornais.

No caso específico de nossa análise, trata-se de extrema relevância as observações de Maria Helena Capelato (1988) e de Jorge Ferreira e Ângela de Castro Gomes (2014) que apontam para a estreita relação entre os jornais e a política, analisando sua força na produção de significados que são tomados como opinião pública e cujas consequências políticas são a legitimação ou deslegitimação de uma ordem social, de uma regime político, de ideias econômicas e políticas, de normas sociais, etc.

Assim, mantendo a ênfase na investigação do papel assumido pela imprensa através do discurso por ela enunciado diante dos acontecimentos políticos e sociais vivenciados pelo Brasil na década de 1960 em relação aos acontecimentos ocorridos no mesmo período da luta pelos direitos civis nos EUA, busca-se analisar discursivamente o material produzido pelo jornal *Folha de São Paulo*.

Pois, de acordo com Oliveira (2011, p.125):

[...] a imprensa se mostrou uma importante ferramenta para o trabalho do historiador. Mas, acima de tudo, o historiador deve buscar compreender a sua fonte para melhor interpretá-la. Marialva Barbosa aponta a questão das duas “temporalidades”, ou seja, entre a imprensa que relatou o acontecimento no momento em que este aconteceu e o historiador que o reinterpreta no futuro.

3.1 IMPRENSA E SOCIEDADE: IDEOLOGIA E HEGEMONIA

⁴LAPUENTE, R. S. **A imprensa como fonte:** Apontamentos-teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. *Bilros*, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.- jun. 2016. Seção Artigos.

Ao reconhecermos a imprensa como fonte de pesquisa, reconhecemos também o seu poder de relação com as sociedades. Relações essas que podem ser criadas e recriadas ou até mesmo apagadas a depender do discurso utilizado por este meio informativo.

Oliveira (2011, p.125) considera:

Como aponta Francisco das Neves Alves, a evolução histórica da imprensa sempre esteve ligada à busca por informações inerentes às sociedades – ou pelo menos à grande parte delas – sendo que a curiosidade pública, a narração dos acontecimentos e as necessidades burocrático-administrativas dos Estados, entre outros, se tornaram elementos fundamentais para o surgimento de sistemas de coleta e propagação de informações.

Dentro deste viés, informativo, especulativo e criativo no qual a imprensa se insere observou-se uma gama de funções que poderiam ser operacionalizadas em prol das diferentes sociedades. Nesse sentido, incorporou-se ao trabalho jornalístico o viés de propagação política de modo levar a voz a todos.

Neste sentido, Oliveira (2011, p. 133) retoma o surgimento da imprensa no Brasil:

Em um primeiro momento a imprensa no Brasil se configurou a partir da produção de “pasquins”. Estes, contudo, não apresentavam necessariamente uma relação orgânica com os grupos políticos dirigentes e muitas vezes até entravam em conflitos com os mesmos.

‘Os *pasquins* que caracterizaram a imprensa brasileira no século [XIX] são a melhor expressão desse *jornalismo*. A falta de ligação orgânica das forças políticas com os jornais favorecia a falta de responsabilidade com os conceitos externados e uma série de excessos de linguagem, até porque quem respondia pelos crimes de imprensa não são os verdadeiros redatores da matéria, mas os diretores da publicação. Para estes, por sua vez, não havia escolha, seu destino estava ligado diretamente ao curso do processo político, traduzido nas páginas de seus pasquins como verrina e polêmica pessoal’ (RÜDIGER, op. cit., p. 23).

Considerando que a atuação da imprensa, portanto, não é imparcial, compreende-se a grande possibilidade de transformações que ela pode provocar na sociedade de forma bastante ampla. Observa-se, assim, a importante função que assumiu ao longo da história política brasileira, conforme relata Capelato (2013, p.56):

A importância da imprensa na política também foi destacada por Francisco Weffort (1984). O cientista político escreveu um artigo no qual afirmou “Jornais não são partidos. Mas como se parecem às vezes!”. A colocação é pertinente porque, sobretudo num país de estrutura partidária frágil, como o Brasil, as mídias exercem papel semelhante aos dos partidos, chegando a sobrepujá-los. Cabe lembrar a atuação dos jornais e televisão na campanha presidencial de Fernando Collor de Mello e também no movimento que resultou na sua queda. Nas duas situações, a mídia atuou de forma decisiva como mostra o livro *A imprensa faz e desfaz um Presidente. O papel da imprensa na ascensão e queda do “fenômeno” Collor* (Lattman-Weltman, 1994).

Assim, verifica-se a existência de uma relação entre a produção de informação jornalística e a propagação de determinadas ideologias que visam impulsionar formas de pensamento. Neste sentido, contribui Orlandini (2001, p.46):

[...] o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer? Nesse movimento da interpretação o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. Interpreta-se e ao mesmo tempo nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, há transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidências, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência.

Constatado na atuação da imprensa o exercício da produção ou reprodução de percepções ideológicas, compreende-se que a imprensa não apenas reproduz pura e simplesmente a informação tal como recebe, pois ao receber ela já atribui interpretações condizentes com os seus princípios ideológicos, e ao compartilhar, ela o faz com determinada intencionalidade ideológica, que corresponde aos interesses políticos e econômicos por ela determinados.

Ao fazer uso deste poder de fala que os meios de comunicação possuem, sintetiza-se que a imprensa age de forma a expor as suas intencionalidades e de forma a promover o convencimento dos seus receptores sobre determinada abordagem. Uma vez que cada receptor terá sua interpretação adequada a sua linguagem, a sua realidade de mundo e aos seus hábitos investigativos, tal procedimento implica diretamente nas transformações sociais. Tais implicações são configuradas ao passo que possibilita a refutação, ou a adesão e ainda a (re) propagação das informações a partir do que é compreendido por cada receptor. Nesse ponto, a intencionalidade é imprescindível, pois ao informar será delimitado o que informar, para quem informar e de que modo informar afim de corresponder a tal intencionalidade.

Portanto, por vezes confundida como um meio de entretenimento ou meio informativo neutro, a imprensa trabalha de modo a encontrar e fazer uso de estratégias que sejam adequadas ao momento, à situação e ao público que se pretende atingir.

Nessa linha de pensamento contribui Maria Helena Capelato (1988, p.15):

Todos os jornais procuram atrair o público e conquistar seus corações e mentes. A meta é sempre conseguir adeptos para uma causa, seja ela empresarial ou política, e os artifícios utilizados para esse fim são múltiplos. Na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são

indispensáveis. A concorrência de mercado obriga cada jornal a enfrentar os adversários com as armas mais apropriadas à clientela que pretende atingir.

Assim, a imprensa acompanha ao mesmo tempo em que promove alterações de pensamentos, ações e interpretações na sociedade, o desenvolvimento da sociedade capitalista. A própria imprensa é parte desta sociedade onde as transformações acontecem.

Ao inserir a imprensa no jogo das relações sociais e econômicas da sociedade capitalista, Sodré (1999) destaca a disputa política, social e econômica em torno do controle dessas plataformas cujo alcance social lhes garante importante papel para a construção daquilo que Antonio Gramsci (2004) definiu como hegemonia. Segundo ele, a imprensa se insere no âmbito dos “aparelhos privados de hegemonia”. Estes aparelhos agiriam no nível da sociedade civil, ou, seja, onde ocorrem as disputas pela hegemonia. Dessa forma, a imprensa se constitui, num elemento básico para a sustentação da hegemonia de uma classe dominante. Portanto, ao fazer parte da sociedade, a imprensa se utiliza do espaço por ela ocupado para realizar as reivindicações da classe cujos interesses ela representa e defende.

Nesta perspectiva, o trabalho da imprensa se apoia na lógica das sociedades capitalistas, que são caracterizadas pelo domínio de uma classe dominante consciente sob uma classe dominada alienada, conforme indica a teoria marxista.

Deste modo, pode-se apontar que a imprensa colabora para uma continuidade de perspectivas ancoradas sob o mesmo viés ideológico com vistas a privilegiar, as classes dominantes. Classes estas, que historicamente estão associadas ao acúmulo de capitais, entre os quais, o capital intelectual, que por consequência atribui o poder de maior potencial ideológico sob as classes dominadas. Encontra-se assim, o lugar da imprensa, como detentora de capital intelectual e também de poder. Ela, conforme Capelato corresponde à “primeira expressão de mídias, foi definida como 4º poder porque a ela se atribuía o papel de vigiar os demais”.

Relata ainda, Capelato (2013, p.55):

A crença nas possibilidades de conquista do público leitor é antiga, como mostra a definição sobre o jornal, de autoria de Plínio Barreto, publicada em 1928. Segundo o jornalista, o jornal constituía para o público “uma verdadeira benção porque o dispensa do trabalho de formar opinião e formular ideias: dá-lhas já feitas e polidastodas as tardes, sem disfarces e sem enfeites, lisas, claras e puras” (*O Estado de S.Paulo*, 14/01/1928).

Obviamente, esta definição é datada, pois o jornal impresso já foi amplamente superado pela mídia televisiva e eletrônica. No entanto, todas elas, das mais simples às mais sofisticadas, continuam se preocupando em “conquistar os corações e mentes” de um público consumidor cada vez mais ávido de novidades.

Por oposição à classe dominada, tem-se a classe dominante como as que são, em sua maioria, desprovidas de meios de informações variadas, e também de instrução educacional, correspondendo, em sua maioria, ao sujeito alienado sob o qual o poder ideológico exerce sua força de forma mais intensa.

Diante do exposto se sobressai, para além da importância da imprensa ao reproduzir e constituir parte de uma história, a importância da função do historiador em analisar como os fatos são reproduzidos e narrados por tal ferramenta ideológica, a fim de compreender as possíveis intencionalidades dos discursos publicados, considerando os contextos e recortes históricos em que se inserem.

De acordo com Barbosa (1998, p.87, apud OLIVEIRA, 2011, p.126):

Na verdade, o que aproxima o ofício do jornalista ao trabalho do historiador é o olhar com que deve focar os fatos. Não se procura a *verdade* dos fatos, mas tão somente interpretar, para, a partir de uma interpretação – onde não se nega a subjetividade de quem a realiza – tentar registrar um instante, no caso do jornalismo, ou recuperar o instante, no caso do historiador (BARBOSA, 1998, p. 87).

A partir de tais considerações, apresentar-se-á a seguir a Análise de Discurso como ferramenta de desconstrução ideológica do texto.

3.2 A ANÁLISE DO DISCURSO COMO FERRAMENTA DE DESCONSTRUÇÃO IDEOLÓGICA DO TEXTO.

Para além da dinâmica externa, das relações sociais e a imprensa, como apontada na crítica marxista, por se tratar de um instrumento que manuseia a linguagem, a lógica interna da estruturação textual é um fator de extrema relevância para a constituição de significados pelos periódicos. Nesse sentido, uma abordagem que privilegia a Análise de Discurso (AD) complementa uma perspectiva crítica que visa dar conta da lógica textual interna e compreender seu ordenamento discursivo como forma e suporte para interpretações ideológicas que em última instância atendem a interesses de poder e dominação social. De acordo com Brandão (2004, p.11):

Como elemento de mediação necessária entre o homem e sua realidade e como forma de engajá-lo na própria realidade, a linguagem é lugar de conflito, de confronto ideológico, não podendo ser estudada fora da sociedade, uma vez que os processos que a constituem são histórico-sociais.

Ao tratar da perspectiva teórica francesa, a autora evidencia algumas considerações acerca da escola francesa de AD. Conforme afirma, a AD surge a partir de uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise, e envolve a preocupação de vários profissionais que não só linguistas. A AD, portanto, se apoia sobre conceitos e métodos da linguística. A partir das dimensões apontadas por Maingueneau (1976), a autora valoriza a importância de estudar a linguagem enquanto formação ideológica.

Portanto diante desta perspectiva evidencia-se o potencial ideológico da linguagem, sobretudo quando em larga propagação. Neste sentido, Brandão (2004, p.18) lembra que “[...] as duas grandes vertentes que vão influenciar a corrente francesa de AD são, do lado da ideologia, os conceitos de Althusser e, do lado do discurso, as ideias de Foucault”.

Ao considerar a relevância do conceito de ideologia para a virada linguística, a autora salienta como a concepção de ideologia derivada do pensamento marxista. Na percepção de Brandão (2004, p.19), Marx e Engels identificaram “ideologia” com a separação que se faz entre a produção das ideias e as condições sociais e históricas em que são produzidas.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, a o mesmo tempo, sua força espiritual. A classe que tem à sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual. [...] Na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que o façam em toda sua extensão e, conseqüentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias; que regulem a produção e distribuição de ideias de seu tempo e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época (MARX; ENGELS, 1965, p. 14).

A característica da ideologia, conforme defendida por Marx, é base fundante da dominação de classe. Trata-se da busca pela universalização das ideias da classe dominante, numa lógica de naturalização do significado e do discurso que, na concepção marxista promove a inversão da realidade. Esse antagonismo entre ideologia e verdade, ou mesmo entre ideologia e ciência (compreendido como mecanismo de produção do conhecimento legítimo e verdadeiro) compõe a perspectiva mais tradicional do pensamento de Marx sobre ideologia.

Entretanto, para Althusser, a dominação e a ideologia se executam de maneira diferenciadas. Para este autor, o principal responsável pela permanência da ideologia é o Estado que atua perante dois importantes tipos de aparelhos, os Aparelhos Repressores, tidos como ARE, que são relacionados com o governo, administração, Exército, polícia, tribunais, prisões, entre outros e os Aparelhos Ideológicos, identificados por AIE, que compreendem a

escola, a família, o direito, a política, o sindicato, a cultura, a informação. Nessa última acepção, as concepções althusserianas vão ao encontro das formulações elaboradas por Gramsci. Ambos autores marxistas que lançaram seus olhares sobre os mecanismos de dominação de classe da classe burguesa em determinados momentos da história, capaz de construir certa coesão social a partir da partilha de concepções de mundo entre as classes subalternizadas e elites dominantes a partir da questão ideológica. No fundo esses autores se perguntavam como a luta de classes se arrefecia em determinados momentos históricos e a classe dominante exercia seu controle social com a adesão de amplos setores dominados. Gramsci aponta o caminho que Althusser pavimenta de um modo mais materialista. Enquanto Gramsci estabeleceu a partir do conceito de hegemonia a ideia de uma ampla difusão da ideologia burguesa como elemento de cimento social da dominação de classe, Althusser procurou apontar um ponto de origem e encontro dessa ideologia apontando o Estado como central para o processo ao desenvolver o conceito de “aparelhos ideológicos”.

Entre os aparelhos ideológicos, ao que diz respeito a informação associam-se os meios de comunicação, tal como a mídia e jornais informativos.

Althusser defende que a ideologia é sustentada através dos Aparelhos Ideológicos do Estado, que permeiam toda a sociedade e que permitem o domínio da classe dominante. Para explicar esse processo, o autor se utiliza de três hipóteses. A primeira hipótese defende que a ideologia representa a relação imaginária de indivíduos com suas reais condições de existência. A segunda, a ideologia tem uma existência porque existe sempre num aparelho e na sua prática ou suas práticas. E a terceira hipótese, “a ideologia interpela indivíduos como sujeitos” (BRANDÃO, 2004, p. 25).

Gramsci se distancia da hegemonia pensada por Althusser ao que diz respeito as variações entre estrutura e superestrutura. Gramsci propõe a hegemonia como um elemento capaz de oferecer a unidade intelectual. Portanto, embora a origem da conceituação de hegemonia tenha forte caráter marxista (na qual se trata de duas perspectivas diferentes e opostas, por exemplo, classe dominante e classe dominada), Gramsci parte dos pressupostos de Lenin para alcançar outro caráter ao conceito de hegemonia. A esse respeito tem-se a hegemonia como elemento capaz de permitir a elevação daqueles que anteriormente eram tratados como classe dominada, ao mesmo patamar daqueles que eram ditos como a classe dominante. Essa elevação se realiza mediante ao desenvolvimento intelectual e ampliação de conhecimentos, que precisa estar ao acesso de todos.

Sobre a diferenciação entre o pensamento de Althusser e Gramsci, Moraes (2010, p.60) considera:

O conceito de aparelho privado de hegemonia de Gramsci não se confunde com o de Louis Althusser (1983, p. 66-81) sobre os aparelhos ideológicos de Estado. O prisma althusseriano implica uma ligação umbilical entre Estado e aparelhos ideológicos, enquanto o de Gramsci pressupõe uma maior autonomia dos aparelhos privados em relação ao Estado em sentido estrito. Essa autonomia abre a possibilidade – que Althusser nega explicitamente – de que a ideologia (ou o sistema de ideologias) das classes oprimidas alcance a hegemonia mesmo antes da conquista do poder de Estado. Em condições de hegemonia, a burguesia solidariza o Estado com as instituições que reproduzem os valores sociais, conformando o que Gramsci chama de Estado ampliado. Essas instituições se comportariam como aparelhos ideológicos de Estado, de acordo com Althusser.

De acordo com o pensamento de Gramsci, o conceito de hegemonia corresponde ao grupamento de duas sociedades, a saber, a política e civil. Nas sociedades civis encontram-se organismos autônomos que agem de acordo com seus princípios e objetivos. É neste grupo que se insere a imprensa.

Gramsci (2005, s./p. apud Moraes, 2010, p.63):

Tudo o que se publica é constantemente influenciado por uma idéia: servir a classe dominante, o que se traduz sem dúvida num fato: combater a classe trabalhadora. [...] Todos os dias, [...] os jornais burgueses apresentam os fatos, mesmo os mais simples, de modo a favorecer a classe burguesa e a política burguesa, com prejuízo da política e da classe operária. [...] E não falemos daqueles casos em que o jornal burguês ou cala, ou deturpa, ou falsifica para enganar, iludir e manter na ignorância o público trabalhador (GRAMSCI, 2005, s./p.).

Neste sentido, salienta-se a intencionalidade dos recursos midiáticos, bem como, jornais de ampla circulação, que são carregados de sentidos e imposições fundantes de um pensamento ideológico propagado ao longo da história. O fortalecimento de um viés ideológico viabilizado por meio de tais recursos manifesta a oposição entre duas classes de bases desiguais, que se distinguem por aspectos morais e culturais. Sendo assim, a classe com mais limitações sociais, será justamente aquela privada do acesso as ideias estabelecidas pela racionalidade hegemônica.

Assim, surgem os princípios das ações contra-hegemônicas, conforme aponta Moraes (2010, p.73):

Gramsci (1999, p. 314-315) situa as ações contra-hegemônicas como “instrumentos para criar uma nova forma ético-política”, cujo alicerce programático é o de denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista. A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável. Gramsci nos faz ver que a hegemonia não é uma construção monolítica, e sim o resultado das medições de forças entre blocos de classes em dado contexto histórico.

Pode ser reelaborada, revertida e modificada, em um longo processo de lutas, contestações e vitórias cumulativas.

De acordo com Brandão (2004), Ricoeur, em diálogo com o postulado althusseriano, analisa o conceito de ideologia em suas três instâncias. A primeira compete a função geral da ideologia. Dentro desta instância, a ideologia é caracterizada por cinco formas, a ideologia como ato fundador inicial; a ideologia dinâmica e motivadora; ideologia simplificadora e esquemática; ideologia operatória e não-temática; e a ideologia como método de conservação e resistência às modificações.

A segunda instância em que Ricoeur analisa o conceito de ideologia é em detrimento de sua função de dominação, que se relaciona com os aspectos hierárquicos da organização social cujo sistema de autoridade interpreta e justifica.

A última instância analisada é a função de deformação e, conforme Brandão, para Ricoeur é básico no fenômeno ideológico, o papel mediador incorporado ao mais elementar vínculo social.

Apesar de herdeira de toda uma tradição do pensamento marxista acerca da ideologia, a AD vai distanciar-se das formulações marxistas mais tradicionais e também de Althusser, ao propor uma reflexão que incide sobre a impossibilidade de pensar em termos de ideologia versus ciência, e ideologia como elemento de falseamento da realidade. Esse será o percurso de Michel Foucault, por exemplo, que evita utilizar o conceito de ideologia para que o mesmo não traga para suas reflexões acerca do discurso toda a carga semântica da discussão marxista precedente, a fim de evitar uma espécie de lugar de neutralidade onde fosse possível produzir conhecimento ou significado no campo das ciências humanas contemporâneas que poderia revelar ou desmascarar a ideologia. Para Foucault a dinâmica da linguagem é a constituição de significados, e seu interesse é esclarecer como esse fenômeno acontece na modernidade sem recorrer a filosofia platônica que recorre sempre a última instância livre de “linguagem-cultura-ideologia”. Foucault também não foca num ponto de convergência para onde retornam e de onde saem as concepções ideológicas, como no caso do pensamento de Althusser. Compreendendo a dinâmica discursiva como instituinte da realidade, o francês não a vê como ideologia nos termos da teoria clássica marxista que a compreende como legitimação de uma ordem material. Enfatizando o aspecto da linguagem na constituição da realidade e dos sujeitos, o autor francês, em suas obras da segunda metade dos anos 1960⁵,

⁵ As obras em que Foucault se dedica a pensar a constituição dos discursos é “A palavra e as coisas” (1966); “Arqueologia do saber” (1969) e “A ordem do discurso” (1971).

desloca a discussão para compreender as dinâmicas internas de produção de um discurso com vontade de verdade.

Sobre a teoria foucaultiana, Brandão (2004) afirma que os discursos são concebidos como sendo formados por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade. Dessa forma, Foucault busca salientar as regras de formação, capazes de determinar uma formação discursiva, que se apresentam sempre como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativo, conceitos e estratégias.

Ao definir o discurso como um conjunto de enunciados que se remetem a uma mesma formação discursiva, Brandão (2004, p. 33) salienta que, para Foucault, a análise de uma formação discursiva consistirá, então, na descrição dos enunciados que a compõem. Deste modo, Foucault considera quatro características constitutivas do enunciado.

A primeira característica diz respeito ao referencial, que é aquilo que o enunciado anuncia. A segunda característica é a relação do enunciado com seu sujeito. Conforme Brandão (2004, p.35):

Para Foucault, o sujeito do enunciado não é causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de um enunciado e nem a fonte ordenadora, móvel e constante, das operações de significação que os enunciados viriam manifestar na superfície do discurso.

A terceira característica é em relação à existência de um domínio, ou seja, de um “campo adjacente” ou “espaço colateral”, considerando que não existe um enunciado isoladamente.

A quarta característica refere-se a condição material do enunciado. Neste aspecto, “[...] Foucault faz uma distinção entre enunciado e enunciação. Esta se dá toda vez que alguém emite um conjunto de signos; enquanto a enunciação se marca pela singularidade, pois jamais se repete, o enunciado pode ser repetido”. (BRANDÃO, 2004, p.35).

É justamente visando a uma articulação entre a concepção de discurso de Foucault e uma teoria materialista do discurso, que Pêcheux e Fuchs (1975) preconizam um quadro epistemológico geral da AD que englobe três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, a lingüística e a teoria do discurso. (BRANDÃO, 2004).

A respeito da formação ideológica e formação discursiva BRANDÃO (2004, p.46) considera:

Na reprodução das relações de produção, uma das formas pela qual a instância ideológica funciona é a da “interpelação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico”. Essa interpelação ideológica consiste em fazer com eu cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas, ao contrário, tenha impressão de que é

senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social.

Neste sentido, retoma-se novamente as ideias dos aparelhos ideológicos propostos por Althusser, mas não nos mesmos termos do autor. Apesar da tentativa de Foucault de afastar-se do conceito de ideologia, a tradição de análise marxista presente em Pêcheux a retoma ao indicar que os sujeitos são constituídos discursivamente e isso significa dizer que são constituídos ideologicamente, pois o papel social a eles atribuído responde a uma dada concepção ideológica de sociedade vigente na ordem dominante ou em diálogo com percepções ideológicas contra hegemônicas.

Desse modo, no que se refere ao papel da imprensa encontramos aqui uma complexidade maior do que a simples identificação entre a constituição desta como uma empresa na lógica capitalista que atende diretamente aos interesses da classe dominante. Estabelece-se um novo patamar de reflexão que precisa levar em conta as contradições e regras de funcionamento do discurso no âmbito da imprensa. A verossimilhança, a aparente neutralidade narrativa, a linguagem objetiva (no caso das reportagens e notícias) e opinativa (presente nos editoriais e nas entrelinhas dos demais textos), são elementos condicionantes da construção discursiva interna no âmbito do jornal que precisam ser levados em consideração numa análise histórica cujo objeto de reflexão é a imprensa, no caso específico, de um jornal de grande circulação nacional.

3.3 A FOLHA DE SÃO PAULO

Interessa-nos especificamente analisar, de que modo a Folha de São Paulo narrou e interpretou a Luta pelos Direitos Civis nos EUA. A partir da definição proposta acima, analisaremos a seguir, a constituição histórica do conglomerado Folha de São Paulo a fim de compreender sua importância no cenário da imprensa nacional no início dos anos 1960, quando começam a aparecer as primeiras reportagens e notícias acerca do desenvolvimento da luta pelos direitos civis nos EUA na década de 1960.

Inicialmente é importante mencionar que a história da *Folha de São Paulo*, não configura um percurso de regularidades, haja vista as transformações sofridas pelo jornal em cem anos de atuação. A história do Jornal acompanha a história do desenvolvimento do país, variando assim, desde recursos tecnológicos até as propostas dos discursos jornalísticos. A partir de fontes disponibilizadas pelo próprio jornal, retomaremos alguns dos seus momentos históricos que marcaram essa trajetória.

O jornal inaugurou seus trabalhos no dia 19 de fevereiro de 1921, após ter sido registrada como firma em nome de Olival Costa, num processo sem muitas burocracias. A respeito desse procedimento, tem-se o investimento do proprietário:

O jornalista desembolsou 9.000 réis com as duas taxas, uma de 4.000 réis pela inscrição do registro da empresa e outra de 5.000 réis pelo arquivamento dos papéis. Era dinheiro suficiente na época para comprar 90 exemplares do jornal. Em valores atualizados, as duas taxas somariam menos de R\$ 100. (FOLHA DE S. PAULO, 2021)

Assim começou a história da *Folha da Noite*. Inicialmente com poucos recursos financeiros, mas num curto espaço de tempo, o êxito comercial já permitia a alteração de sua configuração inicial. Sendo assim, foi “transformada numa sociedade limitada, registrada por Olival e quatro sócios com capital de 80 contos de réis.”, de acordo com o Círculo Folha (2021).

O sucesso do jornal garante a continuidade das mudanças, conforme pode-se notar em Círculo Folha(2021): “Em julho de 1925, é criado o jornal *Folha da manhã*, edição matutina da *Folha da Noite*. Na sequência, o terceiro nicho do jornal criado em 1949 será denominado *Folha da Tarde*.

Em primeiro de janeiro de 1960, inaugurando uma nova década, a *Folha* inaugura um novo jornal. Dessa vez, com a junção da *Folha da noite*, *Folha da manhã* e *Folha da Tarde*, surge então, a *Folha de São Paulo*.

Observa-se que a essa altura o próprio grupo caracteriza o jornal como empresa. Sendo assim, compreende-se que trabalhará em prol da propagação de algumas ideologias políticas específicas.

Lembremos, ainda, que a década de 1960 é um período marcado fortemente pelas tensões políticas, sobretudo ao que diz respeito a idealização do Golpe militar. Sobre este aspecto, a *Folha de São Paulo*, já reconhecida como um jornal de prestígio e larga abrangência, utilizará de seus recursos midiáticos e poder de propagação de ideologias, afim de apoiar a derrubada do então presidente, João Goulart e a implantação da ditadura militar no Brasil.

Sobre isso, Krause (2015, p. 21) considera:

O jornal assumiu em 2011 ter não só colaborado com o golpe de 1964 e com a ditadura militar, mas também ter entregue a redação da **Folha da Tarde**, em 1969, para agentes dos órgãos de segurança da época. No mesmo comunicado, a **Folha** também reconhece que se submeteu à censura e às proibições do regime, ao contrário de outros jornais que se fizeram de artifícios editoriais para enfrentar a censura prévia.

Uma das acusações que se dirigem ao grupo relatam que o mesmo teria emprestado carros para que policiais do Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-Codi), órgão de repressão da ditadura, fizessem

campana e prendessem militantes da esquerda. A convicção de que a **Folha** apoiava ativamente a ditadura levou um grupo a interceptar e incendiar camionetes do jornal e a ameaçar Octavio Frias, diretor de redação, no final de 1971.

A década de 70, no levantamento histórico elaborado pela própria Folha (2021), define esse momento do jornal com o enunciado de que *Folha dá voz a intelectuais e políticos perseguidos em 'Tendências/Debates'*. Durante este período a *Folha* apresenta uma nova fase radicalmente oposta a manifestada durante a década de 1960.

Nesse sentido, o ano de 1976 é novamente marcado pela importante influência do jornal no âmbito político, conforme destaca o grupo:

A **Folha** desempenha um papel decisivo no processo de redemocratização do Brasil, quando abre suas páginas ao debate de idéias que fervilhavam na sociedade civil. Em 22 de junho, começa a circular "Tendências/Debates", que abriga textos de intelectuais e políticos perseguidos pelo regime militar. (CÍRCULO FOLHA, 2021).

Nos anos 80 quando a *Folha de São Paulo* se efetiva como jornal de maior circulação do país, registram-se alguns momentos de destaque, a saber, em 1983:

A *Folha* se torna a primeira redação informatizada na América do Sul com a instalação de terminais de computador para a Redação e edição de texto. O jornal passa a economizar 40 minutos no processo de produção. É criado o Datafolha, instituto de pesquisa de opinião pública e de mercado, que faz levantamento de temas de interesse dos leitores e fornece informações à produção editorial.

Em 1984:

Em junho, surge o documento, também de circulação interna, "A **Folha** depois da campanha diretas-já", devido ao destaque do jornal na campanha em relação aos outros veículos de comunicação. O modelo proposto é o de um jornalismo crítico, pluralista, apartidário e moderno. A **Folha** implanta o Manual da Redação. Pela primeira vez, um manual de jornalismo condensa uma concepção de jornal, da política editorial às fases de produção.

Os recortes acima demonstram uma conexão cada vez maior do jornal com a sociedade, haja vista a intencionalidade do então criado *Datafolha*. Do mesmo, em relação à situação política do país, a *Folha de São Paulo* anuncia a exibição de uma postura crítica, de caráter apartidário e moderno.

Nota-se que embora tenha assumido importante função para a implantação do regime militar em 1964, a *Folha de São Paulo*, a partir da década de 1980 se apresentou com um jornal voltado a defesa da democracia. Isso se apresenta de forma mais evidente a partir do posicionamento de apoio ao movimento das "Diretas já". De modo a promover o esquecimento do seu apoio ao governo militar, o jornal investiu no discurso em prol da democracia.

Já na década de 1990 a *Folha* se destaca pela posse do maior parque gráfico da América Latina e inaugura uma versão totalmente computadorizada, a partir do qual os leitores podem ser informados a respeito do plebiscito sobre as formas de governo.

De acordo com Krause (2015, p. 22):

Em 1989, nas primeiras eleições diretas do país após a redemocratização política, a **Folha** adota uma postura crítica com relação à candidatura de Fernando Collor apesar de declarar não ter tomado editorialmente nenhum lado na campanha, assumindo o que qualifica como “preceito de manter a independência em relação aos partidos políticos”, em seu acervo histórico. No ano seguinte, já eleito, Fernando Collor determina que a Polícia e a Receita Federal façam uma diligência nos escritórios do grupo a fim de procurar irregularidades em sua contabilidade. O ato foi visto pelo jornal como uma represália às denúncias feitas pelo mesmo à campanha de Collor.

Outros acontecimentos que marcam o crescimento do jornal na década de 90 correspondem ao ano de 1994 quando “Agência **Folha** passa a comercializar seu serviço noticioso 24 horas por dia. O serviço atende jornais, revistas, rádios e TVs de todo o Brasil” e ao ano de 1999 quando “é lançado o jornal “Agora” pelo Grupo **Folha** em substituição à “Folha da Tarde”.”

Já nos anos 2000 a *Folha* inicia uma nova era voltada ao mundo online, onde se destacam a *Folha Wap* e a *Folha online* para navegação na internet.

Atualmente a *Folha de São Paulo* possui um Banco de Dados, que corresponde à “um grande acervo jornalístico que contém mais de nove décadas da história do Brasil. Além da coleção da Folha desde 1921, o acervo do Banco de Dados Folha possui mais de 100 mil pastas temáticas com recortes dos principais jornais e revistas do país e mais de 20 milhões de fotos em arquivos físico e digital.”. (FOLHA DE S.PAULO, 2021).

O que essa pequena trajetória histórica da Folha de SP nos mostra é sua constante mudança e adaptação diante de determinados contextos sociais, econômicos e políticos. A postura crítica do jornal no início dos anos 1960, sobre o governo João Goulart e adesão à ditadura militar instalada em 1964 nos interessa sobremaneira, pois é o momento em que a Luta pelos Direitos Civis nos EUA estavam no auge. Considerando que o Golpe de 1964 expressa por parte da elite nacional a ojeriza em relação a um regime político que buscava reformas sociais – por isso tachado de comunista em pleno contexto de internacional de Guerra Fria –, a Folha de São Paulo, enquanto conglomerado empresarial, ao aderir ao Golpe, evidencia sua sintonia e alinhamento com o pensamento dessa elite.

Segundo Luiz Antonio Dias (2011), a aparente legalidade da Folha de São Paulo no início dos anos 1960 não é verificada em suas páginas. A relação estreita com o IPES (Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais) e o IBAD (Instituto Brasileiro de Ação

Democrática) - institutos aglutinavam vários setores reacionários de direita (políticos, militares, empresários, representantes de multinacionais e latifundiários) que eram contrários à permanência do presidente João Goulart no poder; as duras críticas a João Goulart; o destaque e o enquadramento positivo dado a *Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade* (1962); a retórica anticomunista e antipopulista virulenta; a confusão semântica entre populismo e comunismo; a celebração do Golpe como vitória da democracia, são alguns exemplos do posicionamento da Folha de São Paulo no contexto dos anos 1960.

Segundo Moraes (1989, p.130 apud Dias, 2011, p.8):

Com poucas exceções, os veículos de comunicação funcionavam como correias de transmissão da máquina de propaganda ideológica anticomunista e antijanguista. Isto é, ao apresentarem o real social, atuavam nos conflitos e tomavam partido claramente (...). Os *mass media* recolhem a matéria-prima (fato) que, reprocessada sob a forma de notícia, vai tecer um real próprio, específico do código informativo e capaz de gerar efeitos de poder.

Entretanto, segundo Luiz A. Dias (2011), a Folha por ter criado historicamente naquele momento uma identidade de jornal de informação, e não de opinião (caso do *Estado de São Paulo*), apresentava editoriais mais anódinos. Independente desta pequena divergência nos moldes de condução do jornal, a Folha de São Paulo, como conglomerado empresarial, se posicionou de modo classista e antinacionalista no contexto do Golpe de 1964. Junto com outros grandes veículos de comunicação – a exceção do jornal *A Última Hora* – identificou-se com um projeto nacional de manutenção da ordem e do *status quo*, deixando claro sua característica elitista, adepta do liberalismo econômico e contrário a uma concepção mais democrática e popular do poder político.

Instrumento da burguesia na construção da hegemonia de dominação de classe, quando, num momento histórico específico, essa dominação passou a ser questionada e outros projetos políticos de poder surgiram, a Folha de São Paulo, posicionou-se a favor dessa dominação, estabelecendo uma estreita aliança com essa estrutura social. Nesse sentido, naquele momento, o jornal apresenta sua faceta empresarial-burguesa e usa de suas ferramentas midiáticas para auxiliar na construção de uma perspectiva narrativa dos acontecimentos que legitimem a derrocada do governo João Goulart e a repressão posterior que se abateu sobre os movimentos sociais a fim de conter a ameaça ao desmoronamento de uma ordem social na qual ocupa posição privilegiada.

Deste modo, numa análise social do papel da Folha de São Paulo na sociedade brasileira nos anos 1960, encontramos um jornal com característica empresarial, voltado para a acumulação de capital derivada de seus lucros e crescentemente alinhado ideologicamente

às classes dominantes. Resta-nos agora, analisar de que maneira um periódico com tais características construiu sua narrativa acerca da questão racial nos EUA num contexto de recrudescimento ideológico à direita.

4. A LUTA PELOS DIREITOS CIVIS NAS PÁGINAS DA *FOLHA DE SÃO PAULO*

Esse capítulo tratará da análise descritiva do discurso referente ao corpus definido no recorte temporal à qual esta pesquisa se propõe a fim de verificar como ocorre a construção da narrativa da *Folha de São Paulo* no Brasil sobre os acontecimentos relativos à luta pelos direitos civis nos EUA e como essa narrativa se relacionou com a ideologia da democracia racial no Brasil.

Para a realização desta análise, o *corpus* é composto por textos informativos veiculados pela *Folha de São Paulo* durante o período histórico correspondendo à década de 1960. O critério de seleção do *corpus* de pesquisa foi a repercussão mundial de determinados fatos históricos ocorridos durante o período analisado, ou seja, aqueles acontecimentos mais impactantes ocorridos na luta pelos direitos civis nos EUA. Os documentos que compõem o *corpus* de análise foram acessados por meio da versão *online* do referido jornal. Sendo assim os materiais selecionados correspondem às datas dos seguintes acontecimentos:

- 15/10/1964 – Dia posterior ao recebimento do prêmio Nobel da Paz por Martin Luther King Jr.
- 22/02/1965 – Data imediatamente posterior à morte de Malcolm X.
- 17/03/1965 – Data imediatamente posterior a marcha de Selma à Montgomery
- 04/04/1968 – Data imediatamente posterior ao assassinato de Martin Luther King Jr.
- 06/04/1968 – Data posterior ao assassinato de Martin Luther King Jr.

4.1 O NOBEL DA PAZ

Partindo da importância da tese da não-violência defendida por Martin Luther King, sobretudo ao que diz respeito às ações em prol da conquista pelos direitos civis nos EUA, configura-se um momento de importância histórica e simbólica o prêmio Nobel da Paz de 1964 por este ativista.

Sobre isso, cabe investigar como esse fato foi divulgado pela *Folha de São Paulo* em 16 de outubro de 1964 que corresponde ao dia posterior ao recebimento do prêmio. Mantendo inicialmente esse fato como objeto investigativo localizou-se menção sobre o evento em duas partes do jornal, a saber, na capa e em seguida na página 3 do jornal.

A capa do jornal faz menção à premiação do Nobel da Paz à Martin Luther King e introduz de forma resumida do que tratará a notícia. O resumo referencia o premiado dentro de três âncoras. A primeira a partir da sua ocupação religiosa; a segunda a partir da designação de principal dirigente na luta dos direitos civis; e a terceira a partir da sua cor, afirmando que “Luther King, dirigente do Conselho de Direção Cristã do Sul, é o terceiro negro a conseguir o prêmio”. O resumo, contudo, não indica quais seriam as motivações para a atribuição do título ao ativista.

Prefeito meio minuto

SÃO PAULO, 14 (FOLHA) — O presidente da...

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

ANO XLIV * São Paulo — Quinta-feira, 15 de outubro de 1964 * Nº 12.905

Johnson ia ser morto

CONRADO GILBERTI, DA FAP, INFORMANDO...

Nossa opinião

Presidente Castello...

Medicina e greve

PAG. 11

Brasil consolida relações com Inglaterra

P. 11 - 2º CAD.

Britânia prepara-se para eleições

PAZ FOLHA DESTINADA

Osvaldinha complexa Edipo

PAG. FOLHA DESTINADA

Perfecciona-se diagnóstico precoce do câncer

PAG. 2 - FOLHA DESTINADA

Olimpíada

Trial de 100 metros...

Teveira volta com háquei-tebol

—

Voluntários novamente desfilam

—

Festa de confraternização realizada

—

Alta dos ônibus em 1 m 70

—

Jôão Herculano vai lutar com crianças

—

Os filhos de Espirito Santo...

—

Assuntos diversos

- Editor 2
Polícia 4
Esportes 4
Economia 8
Internacional 8
Mundo 8
Música 8
Indústria 8
Café Centralizado 8
Variedade 10

De Gaulle quer união com Brasil agora e no futuro



No Instituto Pasteur De Gaulle sentiu mais uma vez a liberdade, no símbolo de sua vida: a Cruz de Lorena.



O Sol e o povo encheram as ruas para saudar o presidente. E o general De Gaulle sentiu em São Paulo o calor do Brasil pela França.

França reage a incidente

Os incidentes com os japoneses...

Britânicos escolhem Parlamento

Cerca de 35 milhões de britânicos...

Luther King é Premio Nobel da Paz

ORLO (AP-FOLHA) — O Comitê Nobel de Oslo...

Prisão para dirigentes comunistas

74 membros de célula do Partido Comunista...

Correção de ativos tem prazo maior

O ministro da Fazenda divulgou...

Brasil e França precisam unir-se mais estreitamente...

Os presidentes De Gaulle e Castello...

A Associação Comercial do Rio de Janeiro...

Luther King é Premio Nobel da Paz

OSLO (AFP-FOLHA) - O Comitê Nobel do Parlamento norueguês outorgou o Premio Nobel da Paz de 1964 ao pastor norte-americano Martin Luther King, o principal dirigente na luta dos direitos civicos dos negros nos EUA. O premio, cerca de 50 mil dolares, será entregue no dia 10 de dezembro proximo, aniversario da morte de Alfred Nobel, na Universidade de Oslo.

Luther King, dirigente do Conselho da Direcção Cristã do Sul, é o terceiro negro a conseguir o premio, que no ano passado foi entregue a Cruz Vermelha Internacional, e declarou que doará a importancia ganha aos movimentos pelos direitos civicos nos Estados Unidos.

PAG. 3 - FOLHA

Ampliação de recorte da capa do jornal *FOLHA DE SÃO PAULO* de 15/10/1964.

Luta anti-segregacionista deu a Martin King um Nobel paradoxal: o da Paz

MA RTIN Luther King sempre foi homem da não-violência, apesar de suas várias complicações com a Polícia e com a Justiça norte-americana. Sua distinção com o Premio Nobel da Paz, ontem efetivada, veio coroar uma vida de

lutas sempre guiadas pelo pacifismo.

Apesar de ser realmente um líder, pode-se dizer que King é mais intelectual do que político. Sua própria técnica de operação o evidencia. Até o surgimento de Martin Luther King, o negro nor-

te-americano buscava o certo por caminhos errados. Pastor, filho de pastor e neto de pastor, King imprimiu uma autentica "bossa nova" à luta anti-segregacionista. Com ele, chegou a era do boicote e uma fase de amplas vitórias para a gente de cor.

Sucesso do silêncio

Enquanto os brancos promoviam tumultos e mais tumultos em Little Rock, ganhando as manchetes em todo o mundo, o grupo do pastor travava uma luta silenciosa mas de grande importância na história das liberdades individuais: o boicote dos ônibus em Montgomery. Embora o movimento tenha passado despercebido no noticiário das agências internacionais, sua importância histórica é de grande significado, já que se apresenta como a primeira manifestação da «bossa nova» integracionista. Deixando de andar nos ônibus de Montgomery por estar cansados de ceder seus lugares aos brancos, os negros do Alabama conseguiram um sucesso grevista sem precedente. Foi o primeiro boicote aos transportes a lograr êxito durante tanto tempo: 17 semanas.

Para que o negro grevista pudesse ir trabalhar, organizou-se sistema próprio de transporte. Ora, os negros somavam 34 do total de usuários do transporte coletivo de Montgomery e para a companhia não havia saída: ou capitulava ou ia à bancarrota.

Movimento cresce

Para o empresário, a situação era ameaçadora. Se no transporte fôra eficiente, o boicote poderia ser usado contra cinemas, supermercados, lojas e teatros segregacionistas. Era a vitória da pacifidade e, por conseguinte, da paz.

Com o emprego do método, o pastor passou a ser visto pelos seus como um novo Gandhi. As campanhas de um e outro tinham muito em comum. Mas, talvez pelo exemplo de seu santo precursor, a vitória de King não se fez demorar tanto quanto a de Gandhi.

Um de seus grandes triunfos registrou-se justamente na área norte-americana mais segregacionista: o um dia escravista Sul. Os empresários dessa parte do território norte-americano se viram economicamente pressionados quando King e seus seguidores resolveram, e sempre pacificamente, violar to-

dos os regulamentos da discriminação racial, fazendo as prisões se superlotarem, pois os negros contraventores não pagavam as multas estipuladas. Preso 13 vezes, com ele se fizeram encarcerar milhares de aderentes. As prisões regurgitavam de gente, a administração da justiça estava impedida e as desordens e escândalos resultantes provocavam a fuga dos capitais do sul, em grande fase de desenvolvimento econômico.

Paradoxalmente, os empresários tiveram de aliar-se ao pastor. Exigindo que se pusesse fim as desordens, davam em troca a não-resistência dos mais ferrenhos segregacionistas. Era mais um tento do negro norte-americano e mais uma das numerosas vitórias de um líder que luta pela paz.

Ele

Martin Luther King nasceu em Atlanta, capital da Geórgia, em 15 de janeiro de 1929. Tanto o pai quanto o avô já haviam desempenhado papel saliente no anti-segregacionismo e induziram o jovem, após o curso primário e o secundário no negro «Morehouse Col-

lege», onde se dedicou principalmente à Filosofia, a matricular-se no «Crozer Theological Seminary». Se se dedicou ao ramo que a tradição familiar consagrara, deve de abrir mão de suas inclinações pela Medicina e pelo Direito. Mas sempre permaneceu como advogado da gente de cor.

Aprofundou-se no estudo da filosofia de Kant e Hegel e logo após sua formatura casou-se com a cantora de ópera Coretta Scott. Posteriormente, aceitava o batizado em uma igreja batista de Montgomery.

All, em 1957, chamava a atenção do mundo pela pregação da não-violência em pleno desencadear do conflito racial. Quando sua casa foi dinamitada, impediu um grupo de negros de invadir as ruas de Montgomery. Era o início de uma liderança que seria nacional.

A primeira de suas prisões ocorreu em 1961, quando participava de manifestação pacífica de protesto em Albany. Em 1963, quando dos graves acontecimentos de Birmin-

gham, iniciou ardua e eficiente campanha para convencer o povo da justiça da causa negra. Em 70 dias, percorreu 16 cidades, proferindo 28 discursos.

Talvez a maior manifestação, o movimento tomava vulto e acontecia a marcha de Washington, com a maciça adesão de participantes brancos.

Ampliação de recortes da página 3 do Jornal FOLHA DE SÃO PAULO de 15/10/1964.

A reportagem, que visa detalhar a chamada da primeira página, inicia com a manchete “Luta antissegregacionista deu a Martin Luther King um Nobel paradoxal: o da Paz”. Este enunciado oferece de forma imediata a ideia de contrariedade e literalmente categoriza como paradoxal o fato de Martin L. King ter recebido o prêmio Nobel da Paz.

Na sequência o Jornal é tachativo e afirma que King “é mais intelectual do que político” permitindo ou induzindo interpretações de que este não seria um bom político, ou que poderia ocupar outras funções com maior excelência, sugerindo portanto, uma incapacidade ou incoerência como ativista.

O texto afirma que os negros estavam no caminho errado antes do surgimento de Martin Luther King, mas que com ele iniciou uma nova era “a era do boicote e uma fase de amplas vitórias para a gente de cor.”. Para especificar a mudança proporcionada a partir de King o texto aborda o termo “bossa nova”, relacionando com os momentos de mudanças que eram vivenciados no Brasil recentemente.

Convém mencionar que no Brasil, a *Bossa Nova* trazia, sobretudo, através da arte e da música, uma nova forma de expressão e ritmo. Este movimento acontecia no mesmo momento em que o país vivia um acelerado ritmo de inovações e transformações que visavam intensificar o crescimento econômico a fim de que o desenvolvimento de cinquenta anos fosse efetivado em cinco anos. Tal ideia foi defendida pelo então presidente do Brasil Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Entretanto, o que mais se destaca nesse trecho da reportagem da Folha de São Paulo é a indicação de que qualquer outro caminho, que não o do pacifismo, para os negros reivindicarem sua condição de cidadania igualitária nos EUA é errado. Implícita nesta afirmação está a ideia de uma luta violenta pela igualdade, que o jornal rechaça de antemão como sendo equivocada.

A reportagem segue com a divisão em três partes cujo subtítulos são: “O sucesso do silêncio”, “Movimento cresce”; e “Ele”. Vale destacar também que esta é a principal reportagem da página em questão. Bem posicionada, no início do jornal, com uma grande fotografia do Dr. King logo abaixo e uma menor na região central da página. Nas duas fotografias Dr. King está sentado o que aumenta a sensação de pacifismo, termo recorrente na reportagem. A visibilidade dada ao episódio e à premiação conferida ao líder norte-americano parecem indicar o único caminho aceitável para a Folha de São Paulo de reivindicação legítima.

O texto abordado no primeiro subtítulo destaca a característica particular das lutas travadas pelo grupo do pastor: o silêncio. A esta característica o texto atribui o sucesso sem

precedentes, dos negros a respeito da luta pela a igualdade de direitos mediante a realização do boicote dos negros ao transporte coletivo em Montgomery. Apesar do destaque dado a eficácia da greve feita pelos ativistas negros, a ideia de uma mobilização silenciosa parece ser aquela que representou maior eficiência, na perspectiva do jornal.

O segundo subtítulo faz menção ao crescimento que o movimento pela paz foi atingindo. Neste ponto, registra-se a preocupação dos empresários com novos boicotes, haja vista o sucesso do primeiro boicote realizado em Montgomery. Assim, violando os regulamentos da discriminação social os negros promoveram grande desorganizações, afugentando as pessoas e impactando fortemente a economia. Como resultado dessas ações observou-se a aliança dos empresários com o líder Martin L. King. A reportagem indica que a adesão da classe empresarial parece ter sido decisiva para as subseqüentes vitórias do movimento negro norte-americano. Para a Folha de São Paulo, é a questão econômica o fator de vitória do movimento negro sob a liderança pacifista do Dr. King.

Já a terceira parte com o título de abordagem “Ele” oferece um breve histórico da vida de Martin Luther King apresentando a sua trajetória acadêmica, a sua vida pessoal e enfatizando o trabalho de pastor e de defensor da não-violência em “pleno desencadear do conflito racial”. O texto é finalizado tratando da importância do uso dos discursos de King para o convencimento da causa negra.

ONDE ENTRA O BRASILEIRO

Também o brasileiro fez alguma coisa pela indicação de Martin Luther King para o “Nobel da Paz”. No último dia 3, o Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia de São Bento, da PUCSP, lançou manifesto e enviava telegrama ao presidente Castelo Branco, sugerindo a indicação do pastor norte-americano para o Prêmio Nobel da Paz. O corpo discente da escola enviava ainda a Câmara Municipal de São Paulo voto de congratulação pela unanimidade com que a indicação era apoiada pela Eadidade.



Em 1961, quando uma turba de brancos sitiava a igreja em que King se encontrava, em Montgomery, sua atitude foi de reflexão.

Ainda na página n. 03 o jornal apresenta uma imagem de Martin Luther King seguida de um breve texto, intitulado “Onde Entra o Brasileiro”. Neste texto o escritor indica a participação de acadêmicos brasileiros ligados a PUC afirmando que estes teriam enviado ao Presidente Castelo Branco a sugestão de indicação para o Nobel ao líder pacifista. Esta nota parabeniza também a Câmara Municipal de São Paulo pela unanimidade com que a indicação foi apoiada.

A palavra pacifismo é reiteradamente utilizada no texto. O caráter pacífico dos movimentos liderados pelo Dr. King são exaltados. A legenda da fotografia de Martin L. King afirma que mesmo a igreja em Montgomery estando sitiada, Dr. King sentou-se para refletir. A legenda corrobora a representação de um Dr. King, ele mesmo, enquanto característica pessoal, uma pessoa calma e tranquila. O jornal não discorre acerca do pacifismo como estratégia política antissegregacionista. O movimento dos Direitos Civis é descrito como uma consequência da atuação de King, descrito como um novo Gandhi. A ênfase nesse atributo pessoal do pacifismo de Martin Luther King ofusca a construção histórica e coletiva da lutas pelos Direitos Civis nos EUA. Percebe-se por trás dessa leitura uma concepção de que líderes bem educados, de classe média, conscientes é que devem liderar as bandeiras históricas de reivindicação. Podemos inferir certo elitismo na narrativa construída pela Folha de São Paulo, como se pessoas comuns fossem incapazes de promover grandes mudanças históricas. A própria comparação com Gandhi reitera esse argumento da necessária liderança e tutela sobre as classes oprimidas para que elas alcancem sua própria libertação. Aliás, em nenhum momento a reportagem explica por que os EUA tem um regime de segregação racial, suas origens e a questão da sub cidadania dos negros nos EUA.

4.2 O ASSASSINATO DE MALCOLM X

VIETNÃ DO SUL: DESTRUÍDO, NGUYEN KHANH RENDE-SE

Últimas notícias

Basquetebol: Brasil campeão no Triangular

CURTINHA E VITÓRIA — O Brasil venceu o torneio de basquetebol disputado no Rio de Janeiro, derrotando o Chile e o Uruguai. O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60. O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60.

O Brasil venceu o Chile e o Uruguai — O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60. O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

Junta do Equador quer militares nos quartéis

QUITO, 21 (AP)— A Junta Militar do Equador quer militares nos quartéis. A Junta Militar do Equador quer militares nos quartéis.

Tchombe manda mercenários tomar Mahagi

LEOPOLDVILLE, 21 (AP)— Tchombe manda mercenários tomar Mahagi. Tchombe manda mercenários tomar Mahagi.

Papa sagra hoje novos cardeais

CIDADE DO VATICANO, 21 (AP)— Papa sagra hoje novos cardeais. Papa sagra hoje novos cardeais.

Engenheiro gastou 10 milhões em pesquisa

WASHINGTON, 21 (AP)— Engenheiro gastou 10 milhões em pesquisa. Engenheiro gastou 10 milhões em pesquisa.

COLEGIO "ALFREDO PUCCA"

CLASSICO E CIENTIFICO — 1º e 2º ciclos DIURNO e NOTURNO MATRICULAS ABER'AS

Instituto "Ciencias e Letras"

Dr. Ruyel, Portuguesa, 50 (Trav. de Ritz, Tobiasas e Casper Libero)

CORAÇÃO

ESPECIALIZADO EM DOENÇAS DO CORAÇÃO

NERVOSISMO - TIMIDEZ - INFERIORIDADE

CIENCIAS ECONOMICAS — Como Daniel Goleman — RJA, Anual, Outubro, 22

URSS lança foguete com três satélites

MOSCOW, 21 (AP)— URSS lança foguete com três satélites. URSS lança foguete com três satélites.

EUA: assassinado o lider racista negro Malcolm X

NOVA YORK, 21 (AP)— EUA: assassinado o lider racista negro Malcolm X. EUA: assassinado o lider racista negro Malcolm X.

Fotografias do "Ranger-8" mostram superficie da Lua

WASHINGTON, 21 (AP)— Fotografias do "Ranger-8" mostram superficie da Lua. Fotografias do "Ranger-8" mostram superficie da Lua.

URSS: marechal Krylov adverte Estados Unidos

MOSCOW, 21 (AP)— URSS: marechal Krylov adverte Estados Unidos. URSS: marechal Krylov adverte Estados Unidos.

O Sudão continua sem governo

Khartoum, 21 (AP)— O Sudão continua sem governo. O Sudão continua sem governo.

Guerrilheiros atacam soldados na Guatemala

GUATEMALA, 21 (AP)— Guerrilheiros atacam soldados na Guatemala. Guerrilheiros atacam soldados na Guatemala.

Dois suspeitos de atividades subversivas

MAIA DE POLÍCIA — Dois suspeitos de atividades subversivas. Dois suspeitos de atividades subversivas.

Matou o irmão o golpes de faco

JOÃO DE SAO PAULO — Matou o irmão o golpes de faco. Matou o irmão o golpes de faco.

REPORTER AMADOR 52-7902

De Política

Dois suspeitos de atividades subversivas

Matou o irmão o golpes de faco

REPORTER AMADOR 52-7902

De Política

Dois suspeitos de atividades subversivas

Últimas notícias

Basquetebol: Brasil campeão no Triangular

CURTINHA E VITÓRIA — O Brasil venceu o torneio de basquetebol disputado no Rio de Janeiro, derrotando o Chile e o Uruguai. O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60.

O Brasil venceu o Chile e o Uruguai — O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60. O Brasil venceu o Chile por 80 a 60 e o Uruguai por 75 a 60.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

BRASIL: 100 mil em greve — O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve. O Brasil tem 100 mil em greve.

EUA: assassinado o líder racista negro Malcolm X

NOVA YORK, 21 (UPI-FOLHA) -- Malcolm X, dirigente nacionalista negro, faleceu hoje, pouco depois de haver sido conduzido a um hospital. Malcolm foi fatalmente ferido por quatro disparos de bala, durante uma reunião da organização que dirigia, a Organização para a Unidade Afro-Americana, formada por dissidentes dos muçulmanos negros, agrupação dirigida por Ehjah Mauhammed.

Os disparos ocorreram num salão de baile localizado no setor Noroeste de Manhattan, entre Broadway e a Rua 166. O líder negro foi retirado do salão numa maca e conduzido a toda pressa à clínica Vanderbilt, no Centro Médico Presbiteriano da Universidade de Columbia. Seus parâmetros de vida estavam ruins quando o líder nacionalista negro era conduzido para a ambulância. A mulher de Malcolm, chorava e gritava: "Estão matando meu marido!".

DESPEJO

O atentado produziu-se apenas uma semana depois que foram lançadas bombas incendiárias contra a residência de Malcolm X, situada no bairro de Elmhurst Est. na cidade de Nova York. Ainda ontem, depois de uma ordem judicial de despejo contra Malcolm, os muçulmanos negros se apoderaram de sua casa. A sentença judicial reconheceu-lhes os direitos alegados de que a casa era sua propriedade e Malcolm devia abandoná-la ao ser expulso da entidade, que a havia cedido gratuitamente.

Quando as balas alcançaram Malcolm seus partidários se lançaram à rua e trataram de deter todos os automóveis que por ali passavam. Sua esposa fazia parte do grupo, gritando e com os braços para o alto.

Malcolm chegou à clínica com o corpo coberto de sangue e foi introduzido imediatamente na sala de emergência. Informou-se que a Polícia deteve vários suspeitos, imediatamente depois da agressão.

A seita dos muçulmanos negros, da qual se desligara Malcolm X, há algum tempo, proclama a superioridade da raça negra sobre a branca e prega o uso da força para combater os brancos. A seita conseguiu aumentar o número de prosélitos nos últimos anos.

Os muçulmanos negros não adotam os métodos não violentos de outras organizações negras e chamam os integracionistas pacíficos de "Tio Tomás", referindo-se ao espírito submisso da personagem "A Cabana do Tio Tomás".

Malcolm X, negro de grande inteligência e eloquência oratória, depois de deixar os muçulmanos negros e fundar sua Organização, continuou defendendo métodos mais radicais entre a população negra dos Estados Unidos para combater a política racista de algumas regiões norte-americanas.

Página 2 – 1º Caderno – Folha de São Paulo, 22/02/1965 – Ampliação

Ao que diz respeito a data de 22 de fevereiro de 1965, o jornal Folha de São Paulo aborda de forma bastante breve o assassinato de Malcolm X. O enunciado da reportagem é "EUA: assassinado o líder racista negro Malcolm X.". A publicação informa que "Malcolm foi fatalmente ferido por quatro disparos de bala durante uma reunião da organização que dirigia, a Organização para a Unidade Afro-Americana, formada por dissidentes dos muçulmanos negros, agrupação dirigida por Ehjah Mauhammed.". O texto indica que a motivação dos disparos, que levaram à morte do ativista, possui relação direta com a ordem de despejo judicial contra Malcolm, uma vez que este devia abandonar a sua residência após ter sido expulso da entidade dos muçulmanos.

Para além de tratar do fato concreto acerca do assassinato de Malcolm X, trata-se de situar contextualmente quem era Malcolm X. São destacadas, no curto espaço de informações publicadas, algumas características bastante pessoais sobre o ativista. Em linhas gerais se apresenta um ativista que "ironiza" a luta pacifista, e aposta na necessidade da violência para alcançar algumas conquistas.

Interessante observar que Malcolm X é denominado de nacionalista negro. O termo é completado no interior da reportagem com a ideia de que Malcolm X defendia a superioridade dos negros em relação aos brancos e que se posicionava de forma mais radical que o grupo dos integracionistas. A descrição do episódio de sua morte recorre à cena dramática e de sangue em tom novelesco ao descrever a atitude de sua mulher presente no momento de seu assassinato. A reportagem cria uma dúvida quanto ao caráter de Malcolm X ao atribuir a causa do assassinato a uma situação prévia de despejo do líder negro de sua residência requisitada pela Irmandade Muçulmana. A fotografia no centro da página retrata um líder altivo, em pé, de cabeça erguida. A reportagem destaca a característica “radicalizada” das ideias e postura de Malcolm X sintetizada nas palavras nacionalista, radicais, crítico do espírito submisso e principalmente racista. Malcolm X é retratado com um líder racista negro. Em nenhum momento a reportagem faz menção a uma sociedade norte-americana racista, antes atribui o segregacionismo a um fenômeno restrito a alguns estados. No entanto, não pensa duas vezes em estampar na manchete de primeira página que um líder negro da luta antirracista nos EUA era ele racista. A legenda abaixo da imagem do líder negro reitera o adjetivo “líder racista negro”. No todo a ideia subjacente é que o radicalismo político e racial de Malcolm X é que levou ao seu trágico fim, a reportagem se apresenta de um modo singelo como libelo anti-radical.

Em contraponto com a imagem construída de Martin Luther King é possível perceber a discrepância de aceitação em relação às estratégias políticas de ambos os líderes negros norte-americanos. King, o intelectual pacifista, que conduz os negros a vitórias sociais e políticas. Malcolm X, o radical racista que colhe um trágico fim de sangue e violência por sua estratégia radicalizada de luta.

4.3 A MARCHA DE SELMA À MONTGOMERY

der

Crise no Santos FC

Nossa opinião

Nova direção no ensino vocacional

Confessaram assassino e foram inocentados

DOPS apanha mais de 110 contraventores

Brandão aprova lista de Nei e Silva

Fia-Fin está na rede pelo Rio-SP

O São Paulo não consegue em Paulo Valentim

Camisa da Ponte Interfêdo por 30 dias

Movimento estudantil nos EUA

Raibha do IV Centenario viria SP

Assuntos diversos

elhorrivito

Crise no Santos FC

A crise no Santos Futebol Clube, após a vitória por 2 a 0 sobre o Flamengo no jogo de domingo, não parece ter sido resolvida. O clube não consegue pagar os salários dos jogadores e a situação financeira continua precária. O presidente, Paulo de Almeida, não consegue obter recursos suficientes para manter o clube em funcionamento. A situação é crítica e pode levar ao fim do Santos FC.

FOLHA DE S. PAULO

Um jornal a serviço do Brasil

ANO XLV * São Paulo - Quarta-feira, 17 de março de 1965 * N.º 13.058

100 milhões para Eder

BRASÍLIA, 16 (UPLA) — Uma comissão de 15 membros, nomeada pelo presidente Juscelino Kubitschek, vai estudar a possibilidade de conceder ao governador de São Paulo, Eder Joffe, uma indenização de 100 milhões de cruzeiros em caso de renúncia ao cargo. A comissão é formada por membros de diversos partidos políticos e terá o objetivo de avaliar a situação financeira e política do governador e a possibilidade de uma indenização em caso de sua saída do cargo.

Gov. já tem formula para eleição nos Estados



VOLTA DE SUEZ — Um grupo de deputados e senadores, após a reunião com o governador Eder Joffe, para discutir a possibilidade de sua renúncia ao cargo.

Depois de um ano Auro renunciará ao Senado

volta ao Brasil o Batalhão Suez

A volta de Auro Soares de Moura Andrade ao Brasil, após sua renúncia ao Senado Federal, é considerada uma vitória para o governador Eder Joffe. Auro, que renunciou ao cargo em dezembro de 1964, retornará ao Brasil em março de 1965. Ele foi substituído no Senado por outro senador. A volta de Auro é vista como um sinal de reconciliação entre o governador e o Senado.

EUA vão enviar mais armas e homens ao Vietnã

WASHINGTON, 16 (AP) — O Estado Unidos decidiu enviar mais armas e homens ao Vietnã do Sul. O presidente Lyndon B. Johnson anunciou que o governo vai enviar mais tropas e equipamentos militares para apoiar as forças locais. A decisão é considerada uma escalada da intervenção americana no Vietnã. O anúncio foi feito durante uma reunião com o Congresso e a imprensa.



ELÓI NO RIO — Escortado por investigadores do DOPS de São Paulo, chegou ao Rio de Janeiro, onde será preso em conexão com o caso de Eder Joffe.

Elói, solto por Lacerda, é preso pelo I Exército

RIO, 16 (FOLHA) — O ex-vice-governador do Guanabara, sr. Elói Dutra, foi solto por Lacerda, mas logo depois foi preso pelo I Exército. Elói, que foi solto por Lacerda em conexão com o caso de Eder Joffe, foi preso pelo I Exército em conexão com o mesmo caso. A prisão ocorreu em uma operação conjunta das forças de segurança.

Empregados da Panair colados

BRASÍLIA, 16 (UPLA) — Os empregados da Panair de Brasil estão colados em uma greve. Os funcionários reivindicam melhores condições de trabalho e salários. A greve já dura há alguns dias e afeta as operações da companhia aérea.

Operada a esposa de Leitão

BOGOTÁ, 16 (UPLA) — A esposa de Leitão foi operada em Bogotá. A cirurgia foi realizada com sucesso e a paciente está em boas condições. A notícia foi divulgada por fontes próximas ao casal.

LAUDO

é garantia

ALABAMA: POLICIA VOLTA À CARGA COM BRUTALIDADE

MONTGOMERY, 17 (AP) — Uma manifestação formou-se imediatamente após a brutal carga da Polícia Montada contra um grupo de 650 estudantes não-violentos em Montgomery. Duas novas cargas, num protesto branco e um estudante japonês, estão entre os feridos. A identidade dos alunos não foi revelada. Parecem que os agressores, os quais não haviam recebido ordem de atacar todos manifestantes pacíficos, os quais foram dispersos com casacaetes e chicotadas.

Depois dessa violenta cena, um grupo de mil negros se dirigiu ao Capitólio para entregar um pedido ao governador Wallace, o qual não os recebeu. O presidente Johnson foi imediatamente posto a par dos sucessivos episódios de Montgomery, enquanto que o pastor Martin Luther King, sobeirão do movimento, viajou imediatamente para a capital do Alabama, para anunciar que os manifestantes continuaram neste estado.

CORTEJA MANIFESTAÇÃO
Uma grande manifestação para hoje pela manhã foi planejada para o lado norte da cidade de Montgomery. O grupo de manifestantes, liderado por Martin Luther King, se reuniu às 10 horas da manhã em frente ao Capitólio. O grupo foi dispersado com casacaetes e chicotadas. O governador Wallace não recebeu o grupo.

A força do argumento



MONTGOMERY — A Polícia de Alabamã voltou com casacaetes e chicotadas para dispersar a manifestação pacífica dos estudantes. (Foto: AP)

Alemanha prevê "voo espetacular" dos soviéticos

BERLIM (Alemãnia), 17 (AP) — Um porta-voz alemão em matéria de defesa disse hoje que se espera que os soviéticos lancem um lançamento espetacular nos próximos dias. "Provavelmente será um avião tripulado por 3 a 6 horas, ou um experimento de testes tripulados no espaço", declarou Heinz Komnick, chefe da Defesa Federal alemã. "O avião será lançado a uma altitude de 100 mil metros, e será lançado a uma velocidade de 10 mil metros por segundo. O lançamento será feito a partir de um lançador de fogos de artifício de 100 metros de comprimento, e será lançado a uma velocidade de 10 mil metros por segundo. O lançamento será feito a partir de um lançador de fogos de artifício de 100 metros de comprimento, e será lançado a uma velocidade de 10 mil metros por segundo."

Tramita projeto de nacionalização do cobre chileno

SANTIAGO DO CHILE, 17 (AP) — O projeto de lei que prevê a nacionalização do cobre chileno está tramitando no Congresso chileno. O projeto prevê a criação de uma empresa estatal para administrar a produção e a distribuição do cobre. O projeto também prevê a criação de uma comissão para estudar a possibilidade de nacionalizar outras indústrias estratégicas do Chile.

Queda de cabelos. Doenças alérgicas e da pele (por causas ext. e ints.)

EM TULLIO
CURSO DE TULLIO OBTÉM O MAIOR ÍNDICE PORCENTUAL DE APROVAÇÕES NOS VESTIBULARES DE 1965

377 aprovações
O Curso Di Tullio apresenta os seguintes resultados parciais:
1º Lugar na Escola de Engenharia Mauá
2º Lugar na Faculdade de Odontologia da USP
3º Lugar na Faculdade de Direito da USP
4º Lugar na Faculdade de Ciências e Letras da USP
5º Lugar na Faculdade de Engenharia Industrial da USP
6º Lugar na Faculdade de Ciências e Letras da USP
7º Lugar na Faculdade de Engenharia de São Carlos
8º Lugar na Faculdade de Engenharia de São Carlos
9º Lugar na Faculdade de Engenharia de São Carlos
10º Lugar na Faculdade de Engenharia de São Carlos

Iraquianos ateam fogo à Embaixada alemã em Bagdá

BAAGDA, 17 (AP) — Iraquianos ataram fogo à Embaixada alemã em Bagdá, capital do Iraque, hoje. O ataque ocorreu durante uma manifestação em apoio à Alemanha Ocidental. O fogo foi lançado por um grupo de iraquianos que estavam protestando contra a presença da Alemanha Ocidental no Iraque. O ataque resultou em danos materiais à embaixada, mas não houve vítimas.

Saigon: Bombardeiros contra o Vietnã do Norte vão continuar

Saigon, 17 (AP) — Bombardeiros americanos contra o Vietnã do Norte vão continuar. Os ataques são realizados regularmente por forças da 7ª Frota dos Estados Unidos. Os bombardeiros atacam alvos militares e de infraestrutura no norte do Vietnã. Os ataques são realizados em resposta às atividades militares do Vietnã do Norte.

Economistas vêm integração interamericana

SANTIAGO DO CHILE, 17 (AP) — Economistas vêm integração interamericana. O Chile está se preparando para a integração econômica com outros países da América Latina. O Chile está realizando negociações com outros países para estabelecer acordos comerciais e econômicos. O Chile está se preparando para a integração econômica com outros países da América Latina.

Presidentes de 10 países da AL visitarão Paris

PARIS, 17 (AP) — O presidente de 10 países da América Latina visitarão Paris. Os presidentes vão se reunir em Paris para discutir questões de cooperação econômica e política. Os presidentes vão se reunir em Paris para discutir questões de cooperação econômica e política.

Panorama internacional

Guerra e diplomacia no Sudeste asiático

As negociações internacionais no Sudeste Asiático continuam a ser complicadas. O Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul estão envolvidos em negociações para a paz. O Vietnã do Norte está insistindo em condições que são consideradas muito favoráveis para eles. O Vietnã do Sul está insistindo em condições que são consideradas muito favoráveis para eles.

DE TODO O MUNDO

- **ARGENTINA** — Foi anunciado o início de negociações para a paz no Vietnã do Sul. As negociações são lideradas por representantes do Vietnã do Norte e do Vietnã do Sul.
- **FRANÇA** — O presidente francês, Charles de Gaulle, anunciou que o Vietnã do Norte não deve ser reconhecido como um país independente. De Gaulle afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **CHINA** — O governo chinês anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo chinês afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **URUGUAI** — O governo uruguaio anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo uruguaio afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **REPÚBLICA DOMINICANA** — O governo dominicano anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo dominicano afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **ARGENTINA** — O governo argentino anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo argentino afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **URUGUAI** — O governo uruguaio anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo uruguaio afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **REPÚBLICA DOMINICANA** — O governo dominicano anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo dominicano afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **ARGENTINA** — O governo argentino anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo argentino afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **URUGUAI** — O governo uruguaio anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo uruguaio afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.
- **REPÚBLICA DOMINICANA** — O governo dominicano anunciou que não reconhecerá o Vietnã do Norte como um país independente. O governo dominicano afirmou que o Vietnã do Norte é apenas uma parte do Vietnã.

MONTGOMERY, 17 (APP) - Oito manifestantes foram hospitalizados após brutal carga da Polícia Montada contra um grupo de 650 estudantes não-violentos, em Montgomery. Duas moças negras, um professor branco e um estudante japonês estão entre os feridos. A identidade dos outros não foi revelada. Parece que os agentes a cavalo não haviam recebido ordem de atacar estes manifestantes pacíficos, os quais foram dispersados com cassetetes e chicotadas.

Depois dessa violenta cena, um grupo de mil negros se dirigiu ao Capitólio para entregar um pedido ao governador Wallace, o qual não os recebeu.

O presidente Johnson foi imediatamente posto a par dos sangrentos episódios de Montgomery, enquanto que o pastor Martin Luther King, sabedor do sucedido, viajou imediatamente para a capital do Alabama, para anunciar que as manifestações continuarão nesta cidade.

OUTRA MANIFESTAÇÃO

Uma grande manifestação para hoje pela manhã foi solicitada pelo pastor Martin Luther King, que falou a cerca de mil negros. Disse: "Estamos fartos da brutalidade da Polícia. Não podemos suportá-la mais tempo. Chegou a hora de protestar."

Os reverendos Luther King e Ralph Abernathy não a frente da manifestação interracional de hoje em Montgomery, anunciou que, ao terminar a reunião, depois da qual 36 eclesiásticos brancos e 3 negros foram rezar ante o Capitólio do Alabama. Cerca de 50 "state troopers" fecharam o caminho ante o Capitólio, armados com cassetetes.

Os eclesiásticos rezaram unidos pelo rádio, o reverendo Daniel Holtz e, em seguida, cantaram o hino "We'll overcome". Em seguida, sentados no chão, leram certos trechos da Bíblia. A manifestação dos religiosos terminou em silêncio.

Por outro lado, James Foreman, secretário do Comitê de Coordenação dos Estudantes Não-Violentos, anunciou que milhares de estudantes se levantaram em marcha na capital Washington, onde vão submeter à prova o presidente Johnson, depois de seu discurso de ontem no Congresso.

A força do argumento



MONTGOMERY -- A Polícia do Alabama voltou ontem a carga contra a manifestação de Polícia Montada contra a violência para acabar com a discriminação racial. (Montado UPI)

Página 2 – 1º Caderno – *Folha de São Paulo*, 17/03/1965 – Ampliação

A capa da *Folha de São Paulo* não apresenta nenhum resumo destaque com menção direta à manifestação da marcha à Montgomery. Apesar disso, logo na página 2 do primeiro caderno aparece em primeiro plano uma reportagem sobre o episódio.

Sobre o título “Alabama: Polícia volta à carga com brutalidade”, se constitui a publicação da *Folha de São Paulo* que informa sobre a realização da marcha pacífica à Montgomery, no Alabama ocorrida no dia 16 de março de 1965. O texto evidencia a brutalidade da Polícia montada contra os 650 estudantes que se manifestavam de forma pacífica e considera: “Parece que os agentes a cavalo não haviam recebido ordem de atacar estes manifestantes pacíficos, os quais foram dispersados com cassetetes e chicotadas”.

Seguido da narrativa inicial, o texto relata a postura de Martin L. King sobre o ocorrido, informando que este foi imediatamente até o Alabama, onde anunciou a continuidade de manifestações.

O jornal complementa este texto com outro cujo subtítulo é “Outra manifestação”. Neste, é abordada a organização para outra manifestação, solicitada pelo Dr. King, logo após a violenta ação policial em Montgomery. De acordo com o jornal, o líder pacifista negro convocava novo movimento afirmando que: “Estamos fartos da brutalidade da Polícia. Não podemos suportá-la mais tempo. Chegou a hora de protestar.”.

O jornal indica ainda que seguido da reunião, resultante da violência a qual foram submetidos os manifestantes pacifistas, eclesiásticos brancos e negros rezaram ante o Capitólio do estado onde não foram recebidos pelo governador. Diante de tal cenário, o secretário do comitê de organização dos estudantes não-violentos anunciou a mobilização de

milhares de estudantes em marcha para Washington com vistas a questionar o discurso do presidente Johnson no Congresso.

Ao lado dos textos, o jornal apresenta uma imagem do conflito que retrata a repressão policial aos manifestantes. O título dado à imagem é “A força do argumento”. Trata-se de um título ambíguo que por um lado ressalta a característica pacifista e não violenta do movimento pelos Direitos Civis, por outro destaca ironicamente a violência repressiva da força policial. No entanto, a reportagem isenta as autoridades norte-americanas ao destacar que tal repressão foi uma decisão própria do destacamento policial ali presente, sem ordens superiores para tanto.

A reportagem tem uma posição crítica ao uso da violência e se simpatiza com a atuação dos manifestantes pacifistas. Destaca o caráter multi-étnico do movimento ao apontar brancos e asiáticos feridos no ato, além de salientar o aspecto religioso e novamente multi-étnico do movimento e de suas lideranças religiosas.

WASHINGTON, 16 (UPI-AP-FOLHA) — Cito dias depois dos graves incidentes raciais ocorridos em Selma, o presidente Lyndon Johnson reagiu ontem ao Congresso, numa sessão conjunta da Câmara e Senado, promovendo em defesa do projeto de lei que garante o direito de voto a todos cidadãos norte-americanos, «qualquer que seja sua raça, o qual elemantra de imediato a discriminação em eleições municipais, estaduais ou locais».

Johnson afirmou enfaticamente que "todos cidadãos deste país têm direito de votar" e pediu que "isto se torne realidade, incluindo aos índios em eleições locais, aos negros nas eleições locais, estaduais ou nacionais, mediante o estabelecimento de um dispositivo que lhes permita ser inscritos em qualquer distrito eleitoral que quiserem votar".

Pouco antes da reunião do presidente Lyndon Johnson, a maioria republicana do Senado manifestou que estavam entediados no título, junto a outros. Os políticos tiveram que lutar para a sua inclusão. — "Estas mudanças", continuaram afirmando, "vão à liberdade".

Após as mudanças Johnson declarou ao Congresso a sua decisão de garantir o direito de voto à população negra, afirmando que essa é a única maneira de cumprir o que prescreve a Constituição. "Nada poderia ser feito sem o Congresso", afirmou, "mas não deve haver discriminação racial".

Apresentando que agiu em defesa da justiça, afirmou que o governo federal em sua competência, espera que devam manter um estado permanente local sobre as eleições, a proposta é complexa. Ainda não estava disponível a toda a população.

Recordou que levou pressão à lei para aprovar o projeto de lei, que foi promulgado em 1964, mas quando a iniciativa saiu do Congresso, as disposições sobre o direito de voto tinham sido eliminadas.

URGÊNCIA

"Não podemos permitir a qualquer um o direito de discriminar os cidadãos norte-americanos e votar. Não podemos esperar que o Congresso, de qualquer modo, se movimente. O chefe do Executivo pediu o Congresso a estabelecer uma comissão sobre o direito de voto, e a aprovar este projeto de lei que lhe dá o direito de votar".

esses atos de violência racial, a grande maioria de muitos negros e o Grande Sul.

John da história sobre o Johnson declarou em um momento de sessão no parlamento norte-americano de hoje a religião é core, de todos os povos, a unidade de um país que qualquer que seja a raça da cidadania de todos e do direito da democracia.

O presidente falou aos membros reunidos em Selma há 8 dias, afirmando que "homens e mulheres que poderiam fazer esforços profundos para promoverem a unidade de seu direito como norte-americanos". "Muitos foram atacados brutalmente — assassinados e outros homens, em Selma há três, há mais".

"Não há motivo de orgulho que ocorre em Selma, mas há motivo de satisfação em se verem os princípios de igualdade de direitos de cidadãos norte-americanos. Porém, há motivo de preocupação, no que está ocorrendo em Selma, esta noite".

PROTESTO

O protesto do presidente aos cidadãos dos Estados Unidos em que se reuniu a maioria dos membros do Congresso em Selma, no dia 16 de março, ao término da sessão do Congresso. Quando se trata do direito de voto, será discutido no Congresso amanhã.

Ainda a medida a nível do governo, o projeto de lei para também que os Estados Unidos, Alabama, Mississippi, Carolina do Sul, Louisiana, Virgínia e Geórgia — que se uniram de qualificar o projeto para discutir o direito de voto, os votos atribuídos e registrados.

MARCHA DE SELMA

Por outro lado, 4500 manifestantes negros e brancos, entre os quais havia membros de várias igrejas de diversas religiões, dirigidos pelo Rev. Martin Luther King, realizaram ontem uma marcha em Selma, seu sexto aniversário para Selma. Esta foi a primeira marcha integracionista autorizada em Selma.

Presidindo a comissão, pastor King, o arcebispo Irvindo, bispo de Selma, e Walter Rieber, presidente do governo estadual de Selma, foram os principais participantes. O chefe do Executivo pediu o Congresso a aprovar este projeto de lei que lhe dá o direito de votar".

Em uma sessão conjunta do Congresso, o presidente Johnson afirmou que "todos cidadãos deste país têm direito de votar" e pediu que "isto se torne realidade, incluindo aos índios em eleições locais, aos negros nas eleições locais, estaduais ou nacionais, mediante o estabelecimento de um dispositivo que lhes permita ser inscritos em qualquer distrito eleitoral que quiserem votar".

EM MONTAGNARY

Quando o presidente Johnson falou ao Congresso em Selma há 8 dias, afirmando que "homens e mulheres que poderiam fazer esforços profundos para promoverem a unidade de seu direito como norte-americanos". "Muitos foram atacados brutalmente — assassinados e outros homens, em Selma há três, há mais".

EM THROSTU

Em Throston, Carolina do Sul, um grupo de cidadãos negros e brancos, liderados por Rev. Martin Luther King, realizaram ontem uma marcha em Selma, seu sexto aniversário para Selma. Esta foi a primeira marcha integracionista autorizada em Selma.

A publicação do texto intitulado “Johnson defende no Congresso o direito de voto dos negros” aborda a postura do presidente Johnson, que se manifesta em defesa do direito ao voto de todos independente da raça. O fato acontece logo após os acontecimentos recentes em Selma.

De acordo com o jornal, o presidente declarou que todas as restrições impostas aos negros deveriam acabar. Argumentando a necessidade de cumprir a Constituição afirmou que “aqueles que desejam evitar a ação do governo nacional em suas comunidades, aqueles que desejam manter um contato puramente local sobre as eleições a resposta é simples: Abram seus centros de votação a toda população.”

O jornal segue na perspectiva de demonstrar o caráter de urgência com que o presidente Johnson encarou a necessidade de permitir a prática efetiva dos direitos civis, afirmando que o presidente qualificou esse processo como “a causa da dignidade do homem e do destino da democracia.”.

A Folha de São Paulo destaca, portanto, o efeito político e imediato, consequência da repressão violenta das manifestações em Selma. Dá voz e protagonismo ao presidente Lyndon Johnson e a seu discurso igualitarista em prol dos direitos civis centralizando a questão em torno do direito ao voto das populações negras cujo exercício de cidadania era restringido nos estados segregacionistas. Novamente destaca o caráter integracionista da marcha em Selma o que induz a uma percepção da ampliação gradativa do movimento e da adesão de outros grupos étnicos e religiosos à bandeira dos direitos civis e à estratégia da não-violência.

De acordo com o Jornal, King afirmava “Não há motivo de orgulho no que ocorreu em Selma. Não há motivo de satisfação em si mesmo na prolongada negação de igualdade de direitos de milhões de norte-americanos. Porém há motivo de esperança e fé em nossa democracia, no que está ocorrendo aqui, esta noite.”.

Na sequência o jornal faz menção a marcha em Selma, como a primeira marcha integracionista autorizada em Selma. Conduzido por Martin Luther King, esse movimento reuniu 4500 manifestantes de diferentes religiões.

4.4. O ASSASSINATO DE MARTIN LUTHER KING

Assassinato de Martin Luther King. — 05-04-1968

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ANO XLVIII SÃO PAULO, 6.ª-FEIRA, 5 DE ABRIL DE 1968 N.º 14.173

Edição vespertina: Rua do Comércio, 425

RG-5 030

Diretor Presidente: Octávio Frias de Oliveira

Chuvas de novo

Nada de bom hoje com o tempo, dizem os meteorologistas. Vai chover de novo e deverá esfriar um pouco.

AMANHÃ NA FOLHA AGROPECUÁRIA



Retormas de pastos e alimento do gado

NO CADERNO DE TURISMO



Nova Friburgo, convite ao descanso

NA FOLHA ILUSTRADA



Estreia "Viuva Porem Honesta"

Estreia hoje no Teatro de Arte "Viuva Porem Honesta", encenada pelo grupo dirigido por Ruyli Filho, que dirige a peça de Nelson Rodrigues dividida em duas partes. Os primeiros 14 espetáculos já estão vendidos para grupos estudantis. Se depois disso não houver mais, a peça será oferecida ao público em geral. Na página 3



Peugeot vai fazer carros elétricos

A fábrica Peugeot confirmou ter chegado a acordo com a empresa Alsthom para a fabricação de automoveis elétricos. A filha Alsthom proporcionará tecnologia econômica e cómoda, embora os veículos não sejam tão rápidos quanto os carros atuais com seus gases tóxicos. — 1.ª pagina

Nossa opinião

O estado de sítio não teria, possivelmente, nem sequer sido motivo de orgulho, se houvesse o famoso diálogo entre as autoridades federais e os estudantes. Não tendo aquelas responsabilidades no brutal tragédia do Caspary — ponto de partida para as mudanças que se seguiram — nada honesto em alegar as razões anteriores, e a inabilidade com que o problema estudantil vem sendo sistematicamente tratado, explicam o agravamento da situação. ("Sítio" — Pag. 4)

Assuntos diversos

Estados Unidos... Economia... Brasil... FOLHA ILUSTRADA... Esportes...

GAMA DIZ QUE AINDA NÃO É HORA DO SÍTIO

Pag. 3



Pela manhã e à tarde foram efetuadas missas na Candelaria, pela alma do estudante morto. Desde cedo a PM e o Exército estavam nas ruas, os milicianos na repressão direta, a infantaria a distensão, localizada em pontos estratégicos. Nos choques que se verificaram, houve muitos feridos. Páginas 8 e última

Comissão de alto nível verá a crise

Nos meios parlamentares informou-se ontem que será constituída uma comissão de alto nível para tentar resolver a crise nacional, através de contatos diretos com o presidente da República e com personalidades capazes de contribuir para a reabertura do diálogo Governo-povo. Os presidentes do Congresso Nacional, da Câmara e do Senado já teriam aprovado essa iniciativa.

Pretende-se restringir as imunidades

Pag. 3

Chateaubriand faleceu ontem aos 75 anos

Pag. 11

Litro de leite volta a custar 33 centavos

O leite tipo C, que havia sido aumentado pelos usineiros sem consulta à SUNAB, voltará imediatamente ao preço antigo de 33 centavos o litro, informou a Secretaria da Fazenda.

Os usineiros reconheceram ter sido o aumento uma medida precipitada, já que o motivo alegado — a elevação do ICM — não se verificara no caso do leite.

Pag. 10



A passeata em São André foi calma e sem incidentes com a polícia. Somente um homem sofreu ferimentos leves. Ver noticiário completo na pagina oito.

Assassinato lider negro Luther King

MEMPHIS, TENNESSEE, 4 (UPI-FOLHA) — O pastor Martin Luther King Jr., premiado Nobel da Paz e principal líder integracionista dos Estados Unidos foi assassinado hoje com um tiro no pescoço por um jovem branco quando passava com seu carro em frente ao hotel "Lorraine" desta cidade. Conduzido imediatamente ao hospital, King expirou pouco depois.

Noticiário e biografia na pag. 6

Leis da Policia e da Paridade na Assembléia

Pag. 11

Mario Palmerio ocupa vaga de Guimarães Rosa

Pag. 7

Plano Diretor de Telefonia vai ao CONTEL

O governador Abreu Sodré encaminhou ao CONTEL o Plano Diretor de Telefonia elaborado pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica que prevê investimentos de 400 milhões de cruzeiros novos naquele setor. O plano, se aprovado, vai resolver o problema do serviço telefônico em todo o território paulista. Por outro lado, começa a funcionar hoje, na rua Santa Ifigênia uma nova estação com cinco mil terminais.

Pag. 11

Renda: de A a C limite é hoje para declaração

Será encerrado hoje em São Paulo o prazo para entrega das declarações de renda de pessoas físicas cujos proventos começam com as letras A, B e C. As declarações poderão ser entregues nos postos das ruas Roberto Simonsen e D. José de Barros, além da avenida Anhangabau. O delegado do I.R. disse ontem que pretende acabar com as filas nos postos da Capital e alertou os contribuintes contra os falsos agentes fiscais.

Pag. 10

EUA tentam romper cerco em Khe Sanh

SAIGON, 4 (UPI-FOLHA) — Um batalhão de fuzileiros navais dos Estados Unidos saiu hoje de Khe Sanh, em direção ao sul e ocupou a colina "471", na batalha, cada vez mais cruenta, destinada a romper o cerco norte-vietnamita dessa fortaleza, situada perto da fronteira com o Laos, quase na região desmilitarizada. A Primeira Divisão Aerotransportada ocupou uma das elevações que dominam Khe Sanh, chegando a pouco mais de três quilômetros dessa base.

Pag. 2

Assassinado líder negro Luther King

MENPHIS, TENNESSEE, 4 - AFP-UPI-FOLHA — O pastor Martin Luther King Jr., prêmio Nobel da Paz e o principal líder integracionista dos Estados Unidos foi assassinado hoje com um tiro no pescoço por um jovem branco quando passava com seu carro em frente ao hotel "Lorraine" desta cidade. Conduzido imediatamente ao hospital, King expirou pouco depois.

Noticiário e biografia na pag. 6

Capa da *Folha de São Paulo* – 05/04/1968. - Ampliação do resumo da capa anunciando o assassinato de Luther King

Sob a manchete “Assassinado líder negro Luther King” é apresentado o resumo que indica os acontecimentos sobre King no dia 04 de abril de 1968. O resumo indica que o líder “foi assassinado hoje com um tiro no pescoço por um jovem branco quando passava com seu carro em frente ao hotel “Lorraine” desta cidade”. Colocada na primeira página, o jornal repercute a relevância do tema e já indica uma reportagem maior acerca do assunto no decorrer de suas páginas, somado a uma biografia, ainda no primeiro caderno.



Assassinado com um tiro na nuca o pastor Martin Luther King Jr.

MEMPHIS (Tennessee), 4 (UPI-APP-POLHA) — O pastor Martin Luther King, prêmio Nobel da Paz e o principal líder negro dos EUA foi baleado e morto enquanto estava de pé, sozinho, em uma varanda de seu quarto no hotel em que estava hospedado. Uma outra versão diz que foi atingido no pescoço quando se encontrava dentro de seu carro, na porta do hotel.

A polícia perseguiu um automóvel azul de último tipo no qual viajavam três homens brancos. O disparo, no que parece, foi feito de um edifício fronteiro ao hotel "Lorraine".

Mais de 100 policiais com capacetes de aço cercaram o hotel, na frente do qual se reuniram centenas de pessoas.

Em Washington, o FBI declarou que investigará o atentado a pedido do secretário da Justiça.

Poucos minutos depois de ter sido internado no Hospital St. Joseph, de Memphis, Luther King falecia.

"Ao ser ferido, não pôde dizer uma palavra sequer, nem esboçar qualquer gesto", disse o reverendo Andrew Young que o acompanhava.

Dois homens foram detidos depois de cometido o atentado contra o líder negro, anunciou a polícia.

Um grande idealista

De 1929 na cidade de Atlanta, Geórgia, onde nasceu, até 1957 em Montgomery, Alabama, onde liderou a campanha anti-segregacionista nos ônibus e no buser, a trajetória de Martin Luther King foi marcada pelo estudo a vocação religiosa e uma profunda admiração por Gandhi, o apoio da não violência.

A família King sempre foi dedicada à religião e ao avô materno, o pastor A. D. Williams, o jovem Martin Luther via o exemplo de um caminhar a seguir, numa época em que a depressão econômica deixava ainda mais o marionetismo do negro na sociedade americana. No lar, a atmosfera era frígida e arremetida religiosa, mas nas ruas de Georgia o preconceito não deixava entre "negro boy" e "negro man". Todos são negros e como tal, alvo do maior desprezo.

Vendo pelo filtro de uma sensibilidade exacerbada pela religião a hostilidade do mundo em que vive, o jovem Martin aos 13 anos centrou os primeiros atos de um desprezo comum a grande parte de sua comunidade de raça. Nesta época tenta por duas vezes o suicídio.

Com a leitura do livro "Declaração Civil de Thomas de Vot" e que o príncipe é o melhor líder para lutar pela libertação do negro norte-americano.

FORMAÇÃO RELIGIOSA
Em meio a uma massa pouco animada de 100 estudantes brancos, King é um dos seis negros a ingressar no seminário de Chabot para iniciar seus estudos religiosos em 1948. Sai de lá em 1954, doutor em Teologia e lá com experiência de liderança.

O grande início de sua carreira de líder será em 1957 quando dirige o boicote contra as companhias de ônibus de Montgomery, onde era pastor, de mil negros organizados e perfeitamente conscientes da necessidade de sua luta, conseguem vencer a barreira da segregação e impoer sua presença nos veículos reservados aos brancos. No mesmo ano, King funda a "Southern Christian Leadership Conference", argumentando a liderança cristã anti-racista.

Com sua carreira de líder milita-se também uma longa marcha contra a suíci repressão política que vai levá-lo a sofrer mais de duas vezes. Em 1962, quando passava pelo bairro negro de Nova York uma família branca assassinou-no no pescoço. Dirigiu-se em meio entre a vida e a morte em um hospital.

Do hospital foi para sua modesta casa em Atlanta onde reside com sua esposa Coretta e seus quatro filhos, convalescer e preparar-se para novas lutas.

O pastor era amigo de Paulo VI. Em 1965 foi escolhido o "Homem do Ano" pela revista Time. Agradado com o título Doutor Honoris Causa pela Universidade de Yale, ganhou também o Prêmio John F. Kennedy, concedido pela Comissão Católica de Cooperação entre as Raças, de Chicago. Colaborou em diversos jornais e revistas: norte-americanos e era autor de dois livros: "Stride Toward Freedom" e "Why We Can't Wait" (Porque não Podemos Esperar).

O PREMIO NOBEL
Ao receber, em 1964, o prêmio Nobel da Paz, declarou: "O prêmio coroa, acima de tudo, um tributo à boa vontade de milhões de pessoas. Simplemente, não o considero uma honraria pessoal, mas um tributo à disciplina, à seriedade, à perseverança e à grande coragem de milhões de valerosos cidadãos negros e brancos de boa vontade, que escolheram o caminho da não-violência para chegar ao reino da justiça e do amor em nosso precioso país. Devo admitir, entretanto, que este é o momento mais emocionante de minha vida.

Depois do primeiro verso violento nos EUA, quando 35 negros foram mortos no bairro de Watts, em Los Angeles, King multiplicou suas atividades em todo o país, tentando conter «a mala realidade, sempre presente à não-violência.

Em 1963 foi o principal organizador da "Marcha sobre Washington", que levou cerca de 200 mil cidadãos de cor à capital do país, na maior e mais pacífica manifestação pela integração racial. Era amigo de também assinando presidente Kennedy, que o chamou mais de uma vez à Casa Branca para tratar dos problemas raciais.

Sua luta infatigável a favor dos negros vinha, contudo, perdendo terreno nos últimos tempos, em face do agravamento da situação, sobretudo depois do último verão, quando se registraram os violentos conflitos de Detroit e Newark. Nesse ano foi uma série de pronunciamentos, alertando o governo sobre os perigos de uma versão ainda mais "quente" e não poupo ataques à administração Johnson sobre a forma com que conduzia o problema racial. Criticava também a guerra do Vietnã, em vários discursos.

Na semana passada, depois de ter anunciado que, pela primeira vez em sua vida, gostaria de apoiar o senador Kennedy, dirigiu-se a Memphis a fim de liderar uma manifestação de protesto que terminou a tiros.

Permaneceu na cidade, hospedado no hotel "Lorraine", aguardando a solução do conflito racial da localidade, até que hoje foi assassinado por um famoso racista, que a Polícia identificou como um jovem branco, ainda foragido.

A reportagem intitulada "Assassinado com tiro na nuca o pastor Martin Luther King Jr." retoma os detalhes sobre a morte de King e apresenta as duas versões sobre o

acontecimento. A primeira versão apresentada aborda que “[...] o principal líder negro dos EUA foi baleado e morto enquanto estava de pé, sozinho, em uma varanda de seu quarto no hotel em que estava hospedado.” Já a segunda versão do crime diz que “foi atingido no pescoço quando se encontrava dentro do seu carro, na porta do hotel.”

De acordo com a notícia, “O disparo, ao que parece, foi feito de um edifício fronteiro ao hotel “Lorraine”. Após o acontecido King foi socorrido, mas não resistiu. Mediante a ação de mais de 100 policiais, dois homens foram detidos.

A reportagem sobre Martin Luther King continua com a sequência do texto intitulado “Um grande idealista”, onde é lembrada a trajetória de King sobre seus estudos a respeito da vocação religiosa e sobre a sua postura de anti-segregacionista e adepto da não violência.

Pela primeira vez, a Folha de São Paulo esboça uma pequena explicação sobre a opressão vivenciada pelos negros no sul dos EUA, ao destacar o clima de violência racial a que estava submetido a família de Martin Luther King em sua infância e juventude. É importante ressaltar também que a reportagem é a principal da página, indicando a relevância do tema. Também é a única contendo uma imagem, no caso, uma fotografia de Martin Luther King. A reportagem é a maior da página e ocupa todo espaço esquerdo da página 06.

O “grande idealista” é lembrado pelo jornal a partir de duas perspectivas. A primeira atrelada a formação religiosa de King; A segunda atrelada as ações desenvolvidas e provocadas por King a partir da pregação da não violência. A notícia traz detalhes da vida pessoal de King, bem como o descontentamento de como os negros eram alocados socialmente, fato que o levou a tentar suicídio por duas vezes ainda na adolescência. O texto afirma a luta infatigável a favor dos negros e finaliza afirmando:

Na semana passada, depois de ter anunciado que, pela primeira vez em sua vida, tomaria parte ativa na campanha presidencial, dando a entender que apoiaria o senador Kennedy, dirigiu-se a Memphis a fim de liderar uma manifestação de protesto que terminou a tiros. Permaneceu na cidade, hospedado no hotel “Lorraine”, aguardando a solução do conflito racial da localidade, até que hoje foi assassinado por um fanático racista, que a Polícia identificou como um jovem branco, ainda foragido.

Convém de ressaltar a diferença de cobertura dada ao assassinato de Martin Luther King em relação ao de Malcolm X. Enquanto o Dr. King é denominado de “grande idealista” no título da reportagem para tratar de sua biografia, Malcolm X é denominado de “racista negro”. Em Dr. King se ressalta a sensibilidade religiosa, o caráter intelectual, a formação universitária, a condição de pastor respeitado pela comunidade, enquanto em Malcolm X se

destaca sua capacidade retórica e inteligência, mas também seu radicalismo e o discurso de superioridade racial negra.

A discrepância na construção narrativa das reportagens sobre essas duas grandes lideranças negras norte-americanas da década de 1960 indica o posicionamento da Folha de São Paulo em relação às estratégias políticas de reivindicação de melhores condições de vida e de superação do segregacionismo nos EUA. A não-violência, o pacifismo, a liderança racional de um homem de classe média e com formação superior, integracionista, premiado internacionalmente com o Nobel da Paz, torna Martin Luther King uma figura muito mais simpática para a Folha de São Paulo, e conseqüentemente, para as elites e classes médias brasileiras (esmagadoramente brancas) uma figura mais aceitável do que uma liderança negra com posicionamento político mais radicalizado como Malcolm X. Essa predileção nos diz muito acerca da posição das classes dominantes brasileiras, pois Martin Luther King é visto como alguém que luta por uma causa justa, mas que não ameaça a ordem, o *status quo*, a hegemonia política da sociedade norte-americana. Transformações gradativas, de ganho de direitos numa ordem social-racial injusta é encarada como aceitável e até desejável, pois a Folha de São Paulo demonstra em suas reportagens certa simpatia com o movimento dos direitos civis e principalmente com a figura de Martin Luther King.

FRENTE FORA DA LEI

Pag. 3

EUA: MORTO KING, VIOLENCIA RACIAL

WASHINGTON, 5 (AFP-UPI-FOLHA) — Após o assassinio de Martin Luther King, desencadeou-se uma onda de violencia nos EUA. Na propria noite em que foi conhecida a noticia do crime, a policia foi obrigada a intervir em diversas partes do pais, do Harlem a Los Angeles. Em Washington, a Guarda Nacional ocupou parte da cidade após violentos disturbios no distrito de Columbia, e nos quais 600 pessoas ficaram feridas. O presidente Johnson reuniu de urgencia o Congresso para analisar as repercussões politicas da morte do lider negro. Noticiario nas pags. 2 e 5.



ATLANTA, 5 — Jovens negros prestam sua ultima homenagem ao pastor Martin Luther King, abatido a tiros em Memphis. Milhares de pessoas desfilaram diante do esquife contendo o corpo da lider negro, que foi translada do para Atlanta, terra natal de King, em avião especialmente fretado por Robert Kennedy. Pag. 2 (Radifoto UPI)

Capa da *Folha de São Paulo* – 06 de abril de 1968 – Ampliação.

No dia 06 de abril de 1968, o enunciado “EUA: Morto King, violência racial”, ocupa espaço de grande visibilidade na Capa da *Folha de São Paulo*. O enunciado seguido de um resumo da reportagem indica o desencadeamento da violência nos EUA em decorrência do assassinato de Martin Luther King, ocorrido no dia 04 de abril. A reportagem de capa demonstra a relevância da notícia e da reportagem, trazendo também uma fotografia de Martin Luther King no caixão, e uma legenda que explica que seu corpo foi levado a Atlanta por um avião fretado por Robert Kennedy. A notícia também traz o indicativo de reportagens na página 02 e 05, evidenciando a importância da notícia que ocupa duas páginas do primeiro caderno do periódico.

A página 02 ficou quase totalmente reservada para a temática em torno do assassinato de Martin Luther King e a tensão racial derivada de sua morte. Uma grande reportagem mais geral sobre o desencadeamento da violência racial na parte superior do jornal. Reportagens mais específicas em pequenas tiras abaixo e uma coluna à direita, no canto da página à direita.

FOLHA DE S. PAULO

Morte de King desencadeia violencia nos EUA

WASHINGTON, NOVA YORK e MEMPHIS, 5 — (AFP-UPI-FOLHA) — Enquanto o exercito e a Guarda Nacional tomavam medidas excepcionais de segurança em todos os estados norte-americanos, os disturbios raciais prosseguiram em 30 cidades dos Estados Unidos, em represalia pelo assassinato do lider negro Martin Luther King, ocorrido ontem em Memphis.

Os choques mais serios registraram-se em Memphis mesmo, onde King estava há duas semanas para organizar marchas pacificas dos 1300 lixeiros, negros em sua maioria, em greve por melhores salarios. Casas comerciais foram depredadas e saqueadas e centenas de pessoas foram presas por uma policia extremamente nervosa ante o rumo dos acontecimentos. Em Washington um homem branco foi assassinado pela multidão enfurecida e em Miami ocorreram graves incendios.

Em Washington o presidente Johnson, que adiou "sine die" sua viagem a Honolulu para discutir com seus aliados a situação no Vietnã, manteve uma conferencia com dez líderes integracionistas especialmente convocados a Casa Branca pedindo-lhes que contenham a massa negra "no momento doloroso da morte do pastor King". Por ordem do presidente o proximo domingo será dia de luto nacional.

No mundo inteiro o assassinato do lider da não violencia provocou uma vaga de indignação e consternação. Do secretario-geral da ONU, U Thant que enviou um telegrama de pesames à viuva do pastor, ao papa Paulo VI que se declarou "profundamente aflito" até às bolsas de valores dos principais centros financeiros que observarão um minuto de silencio, a

tonica das reações é um profundo sentimento de pesar. Stokely Carmichael, criador do "Poder Negro" e defensor da violencia para a vitoria das reivindicações dos negros afirmou, entretanto que "os negros terão que obter armas e tomar as ruas para vingar a morte de King". Carmichael interpreta o assassinato como uma declaração de guerra da "America branca à America Negra". Seu apelo à vingança preocupa as autoridades que tentam a todo custo deter a enorme vaga de indignação que tomou a população dos "ghetos" negros.

Enquanto as investigações para a captura do assassino de King (um jovem branco) estendiam-se a todos os Estados do Sul, o presidente Johnson designava o procurador geral da Republica, Ramsey Clark para acompanhar de Memphis o desenrolar das investigações. O FBI deslocou seus melhores agentes para a região mas até agora não foi encontrada nenhuma pista importante. Clark entretanto afirmou que "tinha muitas esperanças de que o assassino será encontrado brevemente".

O que foi estabelecido com certeza é que o matador de King planejou cuidadosamente o atentado, disparando com um fuzil da janela do banheiro de um predio situado defronte o hotel do pastor.

Hoje, à tarde, o corpo do pastor chegou à sua cidade natal, Atlanta, Georgia, num avião fretado especialmente pelo senador Robert Kennedy. Sua esposa, Coretta King, acompanhou o esquife desde Memphis, para onde fora ontem mesmo. No aeroporto, além de centenas de pessoas em pranto, estavam os quatro filhos menores de Martin Luther King.



MEMPHIS, 5 — Soldados da Guarda Nacional detêm três manifestantes negros que protestaram contra a morte do pastor Martin Luther King. (Radiofoto UPI)

Folha de São Paulo, Página n.2, do dia 06 de abril de 1968 — Ampliação.

A partir do título “Morte de King desencadeia violência nos EUA” a *Folha de São Paulo* relata os vários ‘distúrbios raciais’ presenciados em várias cidades do país; Enuncia que saques e depredações são destaques na cidade de Memphis. E trata ainda sobre o assassinato de um homem branco que se torna destaque em Washington, evidenciando o teor violento das manifestações.

Paralelo à emergência das manifestações aparece o posicionamento do presidente Johnson, que de acordo com o jornal “[...] manteve uma conferência com dez líderes integracionistas especialmente convocados a Casa Branca pedindo-lhes que contenham a massa negra “no momento doloroso da morte do pastor King”. Por ordem do presidente o próximo domingo será dia de luto nacional.”. Relata também a consternação internacional diante da situação, destacando as condolências enviadas pelo secretariado da ONU e a fala do papa Paulo VI.

O jornal apresenta os relatos de como a morte de King foi percebida no âmbito mundial, afirmando que “a tônica das reações é um profundo sentimento de pesar”, e traz como contraponto a preocupação de autoridades a respeito da postura de Stokley Carmichael, criador do ‘Poder Negro’, que afirmou “os negros terão de obter armas e tomar as ruas para vingar a morte de King”. A notícia apresenta como novidade a respeito do ocorrido no dia 04 a certeza de que “o matador de King planejou cuidadosamente o atentado, disparando com um fuzil da janela do banheiro de um prédio situado defronte o hotel do pastor”.

A notícia tem um caráter mais genérico de apresentação da situação de tensão racial nos EUA derivada do assassinato de Martin Luther King. Entretanto, ao destacar o clima de tensão faz menção ao temor do presidente Lindon Jhonson em relação a motins e levantes negros, solicitando o auxílio das lideranças integracionistas para conter a massa. Logo após, a reportagem destaca Stockley Carmichael, líder do movimento “Black Power” e sua retórica em favor da luta armada, de uma rebelião negra. O encadeamento do texto induz o leitor a compreender, lido isoladamente, que o problema que tem levado os EUA a violência racial tem sido a ação dos negros indignados com a morte de sua liderança mais destacada. O artigo fala em “apelo a vingança” de Carmichael – indicando uma motivação no campo dos sentimentos, da irracionalidade e dos afetos para os levantes negros – enquanto as autoridades são retratadas como forças racionais, evidenciada pelo uso do termo “preocupação” e pelo relato dos esforços do FBI e de seus melhores homens na caçada ao assassino do Dr. King. Essa contraposição indica um subjacente rechaço da Folha de São Paulo ao líder “Black Power” e seu alinhamento com o “establishment” norte-americano, representando sua vontade de ordem.

PRIMEIRA CARGA DE UM VERÃO VIOLENTO

Newton Carlos

LOS ANGELES, 5 — "Al chega o calor", observou avelhinha de pele negra e ombros curvados lendo as manchetes que falavam dos incidentes raciais de Memphis, os primeiros com gravidade do 1968. Um negro já tomara morte, vítima da fúria de policiais brancos. O pastor Martin Luther King, que lidera a manifestação contra o racismo ilegal incrustado no Tennessee, pôde ser desviado a tempo da carga policial.

Dois coisas caracterizam o pastor negro norte-americano, assassinado friamente poucos dias depois de ter enfrentado sem armas, nas ruas de Memphis, uma sociedade racista cujas reações assumem a forma tanto da brutalidade política ostensiva como da covardia da tocaia. Ele acreditava na resistência passiva, na eficiência dos métodos de luta não violentos e na possibilidade de convivência entre negros e brancos nos Estados Unidos. E era ta manifestação de Memphis abrindo as lutas deste ano está para prová-lo) um lutador incansável pela causa de seus irmãos negros.

Por que assassinar um apologeta da não violência quando radicais do "Poder Negro", como Stockley Carmichael e Rap Brown, continuam a agir aberta e impunemente nas principais cidades norte-americanas? O pastor King só era um moderado na medida em que não acreditava na violência como método de luta. Os termos de convivência racial que defendia exigiam profundas alterações na estrutura social e econômica dos Estados Unidos. Exigiam, portanto, uma resolução, embora pacífica.

Sendo um "subversivo" respeitável, Martin Luther King era infinitamente mais eficiente do que Carmichael e Brown, dois jovens generosos e impulsivos que muitas vezes se curvaram diante do pastor, finalmente assassinado primeiro do que eles. Para os donos do poder, nos Estados Unidos, uma sociedade branca majoritária e racista, segundo o relatório Kerner, encomendado por Johnson, o importante é não ceder um milímetro e Martin Luther King, venerado tanto pelos radicais do "Poder Negro" como pelos pelegos e oportunistas das organizações tradicionais "de defesa do homem branco", era o único em condições de levá-la concretamente a ceder terreno. O único, talvez, por enquanto.

Este ano, o verão começa cedo nos Estados Unidos. As frustrações dos negros norte-americanos, congeladas durante o inverno, explodem com o calor. Em Memphis, a polícia e os brancos racistas perderam o tom de sua reação. Eis um trecho da reportagem de Nicholas Chriss, do "Los Angeles Times": "após muita luta, dois oficiais conseguiram detur um policial que massacrava um negro. O policial contido virou-se furiosamente para seus companheiros e recriminou-os aos berros por não terem deixado matar "aquele negro animal".

Sentindo a violência da polícia, os negros procuraram abrigo num templo religioso, logo alvejado com balas e gases. De dentro, é ainda Nicholas Chriss quem conta, gritava um pastor: "Não usem mais fuzis. Vamos sair todos. Por favor, ponham suas armas no chão. Não atirem. Vocês não sabem que isto é uma casa de Deus."

Martin Luther King era um pastor de cristão. Não odiava a ninguém. Pelo contrario, lutava por meios pacíficos contra o odio que ameaça transformar os Estados Unidos num campo de batalha infinitamente maior do que o Vietnã. Esse homem foi assassinado friamente ao mesmo tempo em que se anuncia que os norte-americanos terão este ano o verão mais violento de sua historia. Em Watts, gueto negro de Los Angeles onde a polícia matou 26 negros em motins raciais em 1965, as manchetes de Memphis tornam o ar mais pesado e as perspectivas mais sombrias. Por trás de tudo isso está, no entanto, a observação do escritor negro Bayard Rustin, um não violento como King: "Em que pesem as vitórias legislativas e jurídicas dos últimos 14 anos, os negros norte-americanos estão hoje em pior situação econômica, vivem em piores favelas e vêm maior segregação nas escolas".

Pela primeira vez, a Folha de São Paulo traz um colunista para comentar os acontecimentos relativos ao movimento dos direitos civis nos EUA. O jornalista Newton Carlos⁶ escreve uma coluna intitulada “A primeira carga de um verão violento”. O colunista apresenta um quadro de norte-americano de opressão racial e o clima de tensão presente naquela sociedade. Utiliza termos como “sociedade racista”, “racismo ilegal”, “brutalidade policial ostensiva”, “covardia da tocaia”, para criticar duramente o aparato policia-repressivo racista norte-americano. Celebra a estratégia não-violenta de Martin Luther King e estabelece uma análise comparativo-crítica em relação aos líderes do “Black Power” ao formular a pergunta: “Por que assassinar um apologista da não-violência quando radicais do “Poder Negro”, como Stockley Carmichael e Rap Brown continuam a agir aberta e impunemente nas principais cidades norte-americanas?”

A pergunta retórica de Newton Carlos é respondida pelo colunista apontando que o Dr. King era um moderado apenas no que se tratava do não uso da violência como método, mas que suas ambições eram profundas:

Os termos de convivência racial que defendia exigiam profundas alterações na estrutura social e econômica dos Estados Unidos. Exigiam, portanto uma revolução, embora pacífica. Sendo um subversivo respeitável, Martin Luther King era infinitamente mais eficiente do que Carmichael e Brown, dois jovens generosos e impulsivos, que muitas vezes se curvaram diante do pastor, finalmente assassinado primeiro do que eles.

Para o colunista da Folha de São Paulo, a estratégia e a luta política e racial de Martin Luther King era mais eficiente em suas conquistas do que uma alternativa de luta política mais radicalizada que avalizasse o uso da violência. Utiliza o assassinato do líder pacifista negro como elemento de comprovação de sua maior relevância na cena política nacional que a de Carmichael e Brown. Os termos “agir aberta e impunemente” para abordar a militância dos líderes do “Black Power” indica uma posição contrária a essa vertente por parte do próprio colunista, que com nesses termos parece apontar como legítima uma repressão a ser desencadeada pelo estado, já que “impunemente” remete a ideia de que deveriam ser devidamente punidos. Além disso, ao denominar Carmichael e Brown de “jovens generosos e

⁶ Newton Carlos Pereira de Figueiredo, conhecido como Newton Carlos (Macaé, 19 de novembro de 1927 — Rio de Janeiro, 30 de setembro de 2019), foi um jornalista brasileiro de imprensa e televisão, considerado um pioneiro na sua especialidade de comentarista internacional. Começou a carreira na década de 1940, no jornal Correio da Manhã. Entre 1957 e 1959, escreveu artigos de análise sobre política internacional para o Jornal do Brasil. Passou pela Tribuna da Imprensa, trabalhou por dois anos na Organização Internacional dos Sindicatos Livres, em Bruxelas, convidado pelo governo espanhol no exílio. Na volta ao Brasil, na década de 1960, trabalhou na revista Manchete, no Jornal do Brasil (onde montou a primeira editoria de Internacional do país, a convite de Jânio de Freitas), na Folha de S. Paulo, onde foi colunista de política internacional por 25 anos. Teve passagens pelas TVs Excelsior, Rio, Globo (onde trabalhou como redator do Jornal da Globo) e Bandeirantes

impulsivos” realiza uma depreciação simbólica dos líderes do Black Power diante da figura maior, mais respeitosa e venerada de Martin Luther King. Essa infantilização das lideranças do Black Power são um importante efeito retórico para evidenciar mais uma vez a aversão do colunista, e conseqüentemente, acatada pela Folha de São Paulo das tendências mais radicalizadas do movimento negro nos EUA, em detrimento daquela representada pelo pastor negro pacifista e integracionista. Além disso, continua a representar como trágico e coberto de sangue o fim da lideranças radicalizadas negras, como se esse fosse um final inexorável para os que defendem a luta política por meio do uso da violência. O termo “subversivo respeitável” utilizado para Martin Luther King indica também a excepcionalidade de se respeitar um subversivo quando este apresenta as características do pastor negro líder da luta pacifista, integracionista e não-violenta.

A ideia que o colunista apresenta é que Martin Luther King e sua estratégia de luta ameaçava mais a ordem racista norte-americana que os movimentos radicalizados e que por isso acabou assassinado.

Para os donos do poder, nos estados Unidos, uma sociedade branca majoritária e racista, segundo o relatório Kerner, encomendado por Jhonson, o importante é não ceder um milímetro a Martin Luther King, venerado tanto pelos radicais do “Poder Negro” como pelos pelegos e oportunistas das organizações tradicionais de “defesa do homem de cor” era o único em condições concretamente de levá a ceder terreno.

Cabe destacar que pela primeira vez um colunista esclarece a estrutura de poder racial dos Estados Unidos. Para desenvolver seu argumento, o jornalista Newton Carlos destaca que o relatório Kerner apontava para uma disposição dos “donos do poder”, denominando-os de “racistas” de não ceder às reivindicações do Dr. King. Para o autor, Martin Luther King estava afetando a ordem social e política dos EUA, pois conseguia unificar as diversas correntes internas do movimento negro e ao mesmo tempo ganhava terreno gradativo no campo dos direitos para os negros. Em termos gramscianos, o campo de forças da hegemonia ideológica racista dos EUA estava sendo alterado, reestruturado, forçado pelo movimento dos direitos civis.

O colunista volta a ressaltar no encerramento final de seus dois últimos parágrafos a ordem racista norte-americana, citando a conduta violenta e racista do aparato policial dos Estados Unidos. Além disso, relembra que 1965, na rebelião de Watts – gueto negro de Los Angeles – a polícia assassinara dezenas de negros e conclui com a afirmação de um escritor negro também pacifista Bayard Rustin de que, apesar das vitórias jurídicas, a situação social e

econômica dos negros nos Estados Unidos havia piorado: “[...] vivem piores favelas e vêm maior segregação nas escolas”. A coluna termina em tom crítico sobre a situação dos negros na sociedade americana apontando para as questões econômicas e sociais resultantes de um ordem social racista que marginaliza. O tom é de certo desencantamento com as possibilidades de transformação e mudança imediata das condições da população negra nos EUA e da disposição dos “donos de poder” em não alterar um ordem que lhes dá privilégio econômica e social.

A coluna merece destaque pois representa um primeiro texto de caráter opinativo sobre o movimento dos direitos civis nos EUA. Entretanto a questão ganhou destaque e abordagem mediante uma super-notícia que era o assassinato de Martin Luther King e a violência racial derivada do episódio que instalou um clima de guerra na sociedade norte-americana. O tom crítico do racismo nos EUA aparece de forma substancial conjuntamente com uma descrição mais detalhada de uma estrutura de poder que combina racismo e hierarquia social e econômica. No entanto, a rejeição a outros modelos de luta política radicalizada permenece em detrimento da celebração do pacifismo e da não-violência.

Antes da morte King sofrera três atentados

NOVA YORK, 5 (AFP-FOLHA) — O dr. Martin Luther King já escapara a três atentados e sóra muitas vezes ameaçado de morte.

ALABAMA

1956 — Montgomery (Alabama) — Um vasto boicote contra os transportes urbanos da cidade foi organizado pelo dr. King, como primeiro ataque em massa dos negros contra a segregação no sul dos Estados Unidos. Várias bombas incendiárias foram lançadas contra a casa de King. Este não se encontrava em seu domicílio, mas lá estavam sua esposa e o filho. Afortunadamente, não houve feridos. Os agressores nunca foram encontrados.

Testemunhas afirmaram que se tratava de brancos. Vários meses mais tarde foram feitos disparos contra a casa de King, sem que houvesse vítimas.

HARLEM

1958 — Harlem (Nova York) — Uma debil mental, negra, tentou ferir o dr. King com uma pequena lama de unhas. O líder integracionista ficou levemente ferido.

ALABAMA DE NOVO

1963 — Birmingham (Alabama) — O dr. King havia organizado uma série de manifestações nos restaurantes não integrados. Uma bomba foi lançada contra a casa do irmão de King, e outra explodiu no hotel onde o líder negro residia.

OUTROS ATENTADOS

Ambos atentados apenas provocaram pequenos danos, mas provocaram um começo de distúrbios por parte dos negros. O mesmo dr. King exortou os negros a respeitar os princípios da não violência, e conseguiu acalmar os ânimos.

Além destes atentados, o dr. King foi várias vezes espancado e insultado por brancos em diferentes cidades do sul dos Estados Unidos.

Johnson convoca o Congresso e a Guarda Nacional ocupa Washington

WASHINGTON e MEMPHIS, 5 (AFP-FOLHA)

O presidente Johnson convocou hoje o Congresso para uma reunião extraordinária na segunda-feira a fim de tratar da grave crise nacional, desencadeada com o assassinio do pastor Martin Luther King. Devemos agir unidos e de forma construtiva nesta hora de necessidade nacional, afirmou o presidente.

Enquanto isso, a Guarda Nacional ocupava o maior distrito (Columbia) de Washington, em face da violência das manifestações de protesto contra a morte de King. Por outro lado, em Memphis, a polícia, em ação conjunta com os agentes secretos do FBI, prendeu um suspeito que parece ser o matador de King. Trata-se de um racista branco, John Willard, gordo, calvo, e com um sorriso estúpido na expressão de um policial.

O suspeito disse que, realmente, não tinha a menor admiração por Luther King, mas negou que o tivesse matado.

A única manifestação contra King nos EUA foi feita hoje pelo senador racista Robert Byrd, democrata da Virginia, que disse: «Não admiro King e julgo que ele foi vítima de sua própria violência.»

MOBILIZAÇÃO POLICIAL

Uma gigantesca mobilização policial trata de conter nos Estados sulistas a exasperação das massas negras após o assassinato do apóstolo da não violência, Martin Luther King.

Em Memphis, onde foi decretado o toque de recolher, quatro mil guardas nacionais reforçam, armas nas mãos, os efetivos policiais locais.

Nesta cidade, que está sob extraordinária tensão, a marcha que tinha sido organizada para a próxima segunda-feira pelo pastor Luther King, para apoiar as reivindicações dos lixeiros negros em greve, apesar da proibição decretada pelos tribunais, será realizada na data prevista.

Já foram detidas mais de cem pessoas por saque e tentativas de incêndio. Nas grandes cidades do Tennessee, Georgia e Carolina do Sul a mobilização policial e de guardas nacionais é geral.

Em Raleigh, na Carolina, o prefeito decretou o estado de urgência por causa das graves desordens registradas durante a noite de ontem. Imediatamente após o assassinato do Premio Nobel da Paz.

Os líderes negros amigos do falecido, temiam ser envolvidos na mesma onda de violência e lançavam apelos à concordia.

Jo Williams, que estava com Luther King, lançou um apelo à "Southern Christian Leadership Conferencia", chefiada pelo pastor assassinado, para que a organização mantenha e defenda a filosofia da não-violência e contribua para evitar uma catastrofe e as grandes efusões de sangue.

Charles Evers, secretário-geral da Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor, anunciou que vai liderar pessoalmente a frente da "Marcha sobre Washington" que deveria ser dirigida por King no dia 22 de abril para pressionar o Congresso a favor dos negros.

Nas cidades do norte onde a reação dos negros diante do assassinato foi paradoxalmente mais rápida e violenta que no sul, o número de feridos detidos por atos de violência sobe a centenas.

WASHINGTON: UM MORTO

Em Washington, onde o líder do "Poder Negro" Stokely Carmichael tinha organizado um desfile, mais de 600 pessoas foram feridas quando a polícia interveio para impedir que a manifestação degenerasse em motim. Um dos feridos faleceu ao chegar ao hospital. Foram detidas 170 pessoas e os danos materiais são grandes.

Em Nova York não se sabe o número de feridos, mas seis policiais foram hospitalizados e um ferido morreu no hospital.

Em Detroit dois policiais foram feridos por um atirador emboscado. Todos acham que nas próximas semanas todos os norte-americanos deverão manter uma disciplina no sentido de suas responsabilidades pessoais e coletivas em relação à tremenda crise nacional que atravessa o país.

Luta racial já provocou muitas vítimas

NOVA YORK, 5 (AFP-FOLHA) — Na luta pelos direitos civis negros e alguns de seus amigos brancos. Em julho de 1963 Medgar Evers, da Associação Para o Progresso do Homem de Cor, foi assassinado em Jackson, Mississippi.

Em agosto de 1964, dois brancos e um negro que haviam desaparecido duas semanas antes, foram descobertos mortos a bala, perto de Meridian, Mississippi.

MALCON X

Em 1965, Malcom X, líder dos Muçulmanos Negros foi assassinado no Harlem, Nova York.

Também em 1965 um pastor protestante, o reverendo James Reed foi surrado até a morte numa rua de Selma, Alabama, enquanto a mãe de cinco filhos, uma branca, Viola Gregg Luzzo foi morta entre Selma e Montgomery.

DOIS BRANCOS

No dia 21 de agosto de 1965 dois brancos, Jonathan Myrick Daniels e Elp Richard Morrisroe foram vítimas de seus sentimentos integracionistas. O primeiro foi assassinado e o segundo gravemente ferido.

JAMES MEREDITH

No verão de 1966 James Meredith, o primeiro negro que entrou numa universidade do Mississippi, foi gravemente ferido perto de Hernando.

No verão de 1967 outro negro da Associação Para o Progresso do Homem de Cor, Warlest Jackson foi morto perto de Natchez também no Mississippi.

VITIMAS ANONIMAS

Muitos outros negros e alguns brancos foram vítimas de espancamentos e atentados, por defenderem a indiscriminação racial. A onda de intimidação violenta tem-se feito sentir sobretudo desde 1963 e em especial desde que o presidente Kennedy foi assassinado.

Grande multidão desfilou ante o corpo do dr. King em Atlanta

ATLANTA E MEMPHIS, 5 (AFP-UPI-FOLHA) — O corpo do pastor Martin Luther King foi trazido hoje de Memphis para Atlanta pela viúva do líder negro assassinado, a bordo de um avião especialmente fretado pelo senador Robert Kennedy. O avião chegou na manhã de hoje ao aeroporto de Atlanta, cidade natal de Luther King, onde centenas de pessoas, muitas delas chorando, aguardavam os seus restos mortais. Os quatro filhos do pastor também se achavam no aeroporto: Yolanda Denise, Martin Luther, Dexter Scott e Bernise Albertine.

Do aeroporto o ataúde foi levado a uma casa funerária no centro da cidade. Uma grande multidão, constituída na sua maioria por negros, vela o corpo de King.

EXPOSTO AO PÚBLICO

Antes de ser levado para Atlanta o corpo do líder negro foi exposto ao público durante meia hora em Memphis.

Desfilaram perante o ataúde centenas de negros. O corpo, vestido com traje negro, depositado num sarcófago de bronze. Muito perto do corpo, o buraco da camisa via-se nitidamente o buraco aberto pela única bala que provocou a morte.

No meio de um silêncio pressionante ouviu-se repentinamente um «Blue», o «Memphis Blue», difundido por um transistor carregado por uma velha que desejou desta forma render uma homenagem de acordo com a tradição do sul dos Estados Unidos, apostolo da não-violência.

Um homem, segundos antes de se fechar o sarcófago, aproximou-se lentamente e beijou o rosto do morto sem proferir nenhuma palavra. A multidão que reinou durante todo o desfile foi interrompida por duas cenas de histeria. Várias mulheres negras tiveram crises de nervos e gritou: «Deus tenha piedade por que aconteceu isto com o doutor King? Que será de agora?».

Continuação da ampliação da *Folha de São Paulo*, Página n.2, do dia 06 de abril de 1968.

Na sequência, a reportagem sobre Martin Luther King, que ocupa quase que a totalidade da página do jornal, continua sob a organização em quatro abordagens mais específicas intituladas “Antes da morte King sofrera três atentados”, “Johnson convoca Guarda Nacional”, “Luta racial já provocou muitas vítimas”, e “Grande multidão desfilou ante o corpo do Dr.King em Atlanta”.

A primeira abordagem apresenta uma retomada de atentados que King sofreu durante sua vida e atuação enquanto ativista. Nesta seção é mencionado o episódio ocorrido em 1956 em Montgomery com bombas incendiárias lançadas na casa de Martin L. King; o episódio de 1958, ocorrido em Harlem, onde o Dr. King foi atingido por uma lima de unhas; o episódio de 1963, referente ao lançamento de uma bomba contra a casa do irmão de Martin L. King; e outros atentados, ao que o jornal afirma: “o Dr.King foi várias vezes espancado e insultado por brancos em diferentes cidades do sul dos Estados Unidos.”.

O texto seguinte, que compõe a reportagem é intitulado “Johnson convoca o Congresso e a Guarda Nacional ocupa Washington”. Nele são abordadas as ações do presidente dos EUA para “tratar da grave crise nacional, desencadeada com o assassinato do pastor Martin Luther King”. O jornal destaca ainda, uma única manifestação contra o Dr. King nos EUA, “feita pelo senador racista Robert Byrd, democrata da Virginia, que disse: ‘Não admiro King e julgo que ele foi vítima de sua própria violência.’”

O jornal informa que dentre as diversas manifestações que sucederam ao acontecido com King, foi realizada uma intensa mobilização policial com armamentos reforçados. Na mesma seção é relatado que “Em Raleigh, na Carolina, o prefeito decretou o estado de urgência por causa das graves desordens registradas durante a noite de ontem. Imediatamente após o assassinato do Premio Nobel da Paz.”.

É importante destacar que as reportagens mantem o tom informativo, no entanto, combinando com a coluna opinativa escrita pelo jornalista Newton Carlos. Ao trazer a voz de um senador racista estabelece uma conexão com a crítica dos “donos do poder”, brancos e racistas e dispostos a não ceder que o colunista faz menção. Entretanto o tom de desprezo pelos episódios de violência ocorridos em consequência do assassinato do Dr. King, permanecem. Chamar os protestos raciais contra a morte da principal liderança negra dos EUA de graves desordens repercute a nítida posição em favor do establishment e da ordem social por parte do jornal. Essa postura ecoa a posição anti-protestos-violentos como marca inexpugnável do caráter pró-ordem social do periódico.

Diante de tais acontecimentos o jornal apresenta a postura de representantes engajados na mesma luta de King, a saber, a de Joe Williams e de Charles Evers, secretário geral da Associação Nacional para o Progresso dos Homens de Cor. O primeiro fez um apelo “para que a organização mantenha e defenda a filosofia da não-violência e contribua para evitar uma catástrofe e as grandes efusões de sangue.”. O segundo, “anunciou que vai liderar pessoalmente a frente da ‘Marcha sobre Washington’ que deveria ser dirigida por King no dia 22 de abril para pressionar o Congresso a favor dos negros.”.

Na sequência, o jornal afirma que “todos acham que nas próximas semanas todos os norte-americanos deverão manter uma disciplina no sentido de suas responsabilidades pessoais e coletivas em relação à tremenda crise nacional que atravessa o país.”.

A terceira abordagem desta reportagem intitulada “Luta racial já provocou muitas vítimas” apresenta nomes de pessoas negras e algumas brancas, que engajadas na luta pelos direitos cívicos perderam suas vidas. Entre tais nomes, consta Malcolm X, assassinado em 1965. Por fim o jornal considera “Muitos outros negros e alguns brancos foram vítimas de

espancamentos e atentados, por defenderem a indiscriminação racial. A onda de intimidação violenta tem-se feito sentir sobretudo desde de 1963 e em especial desde que o presidente Kennedy foi assassinado.”

Essas reportagens mantem a linha narrativa de celebração e consentimento com um movimento negro antirracista organizado pacificamente. O papel das lideranças negras pacifistas para conter a escalada de violência e revolta popular negra é destacada, ao mesmo tempo em que condena aquilo que denomina “onda de intimidação violenta” crescente desde 1963, dialogando com a posição do colunista criticando a violência policial e do aparato repressivo nos EUA. A reportagem sobre os mortos dessa luta histórica menciona militantes brancos mortos também nessa trajetória de lutas pelos direitos civis, confirmando o cenário de escalada violenta da repressão e intimidação já relatada. Interessante observar que na nota sobre a morte de Malcolm X, o líder negro não é desta vez denominado de racista. O contexto da morte do Dr. King parece fechar as portas para algum tipo de observação depreciativa explícita das lideranças negras antirracistas.

Encerrando a reportagem sobre Luther King, no dia 06 de abril de 1968 a *Folha de São Paulo* apresenta o texto intitulado “Grande multidão desfilou ante o corpo do Dr. King em Atlanta. Esta seção trata do funeral e da despedida do corpo de King. O texto relata entre, outros detalhes, o silêncio impressionante que só foi interrompido para a realização de uma homenagem. O texto é finalizado com a narrativa de uma mulher negra que em crise de nervos indagou aos gritos: “[...] Por que aconteceu isso co[...]”⁷ doutor King? Que será de [nós] agora?”.

A reportagem traz um tom de pesar e lamentação expresso no grande movimento em torno do féretro de Martin Luther King. O sentimento de desorientação da população negra é retratado na pergunta da mulher negra em desespero, deixando uma questão em aberto, sobre a continuidade da luta antirracista nos EUA.

⁷ Ilegível no documento disponibilizado no acervo da *Folha de São Paulo*.

Helena SILVEIRA

O estudante e o governador

No noticiário da FOLHA DE SÃO PAULO há o nome de uma jovem depositada de uma festividade ocorrida no município de Curitiba...

Sim, o espanto de um povo que não ainda não tem a idade de criança... A não sabemos que de estarem na ditadura...

Um deputado do MDB, a propósito do acontecimento mencionado, fez na sessão da Câmara do governo, em sessão na tarde de quarta-feira...

Que se saiba, também, na mesma sessão de quarta-feira, que o governador de São Paulo, em sessão na tarde de quarta-feira...

Jornal Velho

Da FOLHA DA MANHÃ de 4 de abril de 1968. Jornal do Trabalho - Já está pronto projeto de organização da Junta do Trabalho...

Café

RANTON - Tipo 4, café São Paulo, N.º 28 3/4 arroba... MIO - Tipo 4, café São Paulo, N.º 28 3/4 arroba...

FOLHA DE S. PAULO

Das palavras aos atos

Jovens que neste momento estão (ou deveriam estar) aprendendo nas universidades os conhecimentos que lhes permitirão servir melhor sua pátria...

O que cumpre indagar é se esse objetivo de tamanha importância - a reconciliação entre estudantes e governo - está sendo favorecido pelas orientações...

Consequências

Na falta de campo para uma ação oposicionista normal, dada a presença emigração da ARENA, alguns grupos vêm desenvolvendo atividades...

Surpresa

As notícias se tornam surpreendentes com a decisão de não apoiar a Secretaria de Negociativas Preliminares com os norte-americanos...

Leite

O leite suíço, a UNIBAB não foi licenciada, a Secretaria de Fazenda disse que não havia condições...

Assassinato de Martin Luther King

O assassinato de Martin Luther King veio demonstrar de modo trágico a razão de Robert Kennedy...

King era identificado, antes de mais nada, como o apóstolo da não-violência

King era identificado, antes de mais nada, como o apóstolo da não-violência. Suas idéias e sua ação na luta em defesa dos direitos dos negros...

Table with exchange rates for Combo, Bolsas de Valores, and Média SN.



MARTIN LUTHER KING

A reciproca

Diálogo

Quem se pronunciar foi o presidente Artur da Costa e Silva, ao proferir a sua inaugural da Universidade de Foz de Iguaçu...

Johnon

Se há uma coisa que Johnson não quer, é ser lembrado, 'irrevogavelmente', a sua candidatura...

Bolsistas

Em 1962, o Itamaraty começou a ser escrito ontem (antecedente) nas ruas da Guanabara...

O sr. Abreu Sodré travou um belo tento, com seu comportamento em face das manifestações estudantis. São Paulo foi, em consequência, um dos raros Estados em que a agitação esteve reduzida...

Politica na opinião alheia

SITUAÇÃO

Do "Correio da Manhã": "O novo Plano Cohen começou a ser escrito ontem (antecedente) nas ruas da Guanabara..."

Do "O Jornal": "A fórmula adotada pelo governo para fazer face aos acontecimentos dos últimos dias é a mais correta: nem desordem nem violência para reprimi-los..."

Do "Estado de São Paulo": "São Paulo mostrou-nos qual devia ter sido o caminho a trilhar pelas autoridades. Aqui, o governador Abreu Sodré..."

Do "Jornal do Brasil": "A voz do protesto e a agitação foram contidas. A voz das reivindicações legítimas, aquelas que acabaram por despertar o governo federal..."

Do "Diário de Notícias": "Disciplinar a vida social, sim, porém não à custa do sangue dos moços, nem da cara repressiva, nem do odio, que de alguns setores, parece resumir contra tudo que não é velho, mas deteriorado, nem de costas para o futuro..."

Do "Jornal do Comércio": "O único argumento usado para impedir a manifestação dos jovens foi o uso da violência. Força contra força. As autoridades não podem ignorar que isso está contribuindo para criar uma falsa imagem, uma imagem odiosa do governo e das Forças Armadas..."

Cartas & Redoção

Brasil

Carta do prof. Ismael Bava, diretor científico do Departamento de Física do Instituto de Física da Universidade de São Paulo...

"Congratulando-me com a FOLHA, pela magnífica cobertura dada ao sr. Nelson Cruz, desafiaria, em particular, alguns comentários conciliatórios com suas referências ideológicas...

Historiografia

O sr. Heroldo Barbeiro, presidente da Federação Brasileira de História, diz que dentro de um mês...

Viz Nôbreço

O sr. José Mendes de Melo comenta a matéria de "O Estado de São Paulo" sobre a situação de alguns magistrados...

Correspondência

"CARTAS À REDACÇÃO"

FOLHA DE S. PAULO

Assinatura Anual N.º 14 D.R. Assinatura Semestral N.º 8 D.R. Assinatura Trimestral N.º 4 D.R. Venda Avulsa N.º 1 D.R. Distribuição e entrega N.º 1 D.R. ENDEREÇOS: REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, PUBLICAÇÃO e OFICINA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. Caixa Postal 1.121, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. BALCO DE PUBLICAÇÃO: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. DISTRIBUIÇÃO: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. ASSINATURAS: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. VENDA AVULSA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. DISTRIBUIÇÃO e ENTREGA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. Assinatura postal N.º 14 D.R. Assinatura postal Semestral N.º 8 D.R. Assinatura postal Trimestral N.º 4 D.R. Venda postal Avulsa N.º 1 D.R. Distribuição e entrega postal N.º 1 D.R. ENDEREÇOS: REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, PUBLICAÇÃO e OFICINA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. Caixa Postal 1.121, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. BALCO DE PUBLICAÇÃO: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. DISTRIBUIÇÃO: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. ASSINATURAS: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. VENDA AVULSA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111. DISTRIBUIÇÃO e ENTREGA: Rua de Almeida, 25, 1.º andar, São Paulo, SP. Tel. 511.1111.

Luther King

O assassinio de Martin Luther King veio demonstrar de modo trágico a razão de Robert Kennedy e de outros, quando afirmam que o problema racial, nos Estados Unidos, é talvez ainda mais grave do que o do Vietnã, e constitui a mais séria ameaça que a sociedade norte-americana defronta desde a Guerra de Secessão. Aliás, no relatório recentemente divulgado pela comissão de alto nível designada pelo presidente Johnson para investigar a questão, está dito textualmente que, a continuarem as coisas como vão, os Estados Unidos terão em breve duas sociedades, uma negra e outra branca, cada vez mais separadas e hostis.

King era identificado, antes de mais nada, como o apóstolo da não-violência. Suas idéias e sua ação, na luta em defesa dos direitos dos negros, valeram-lhe o Prêmio Nobel da Paz, em 1964. Ao recebê-lo, disse: "O prêmio constitui, acima de tudo, um tributo à boa vontade de milhões de pessoas

(...), à disciplina, à sensatez, à moderação e à grande coragem de milhões de valorosos cidadãos negros e brancos de boa vontade, que escolheram o caminho da não-violência para chegar ao reino da justiça."

O homem que pronunciou estas palavras e cuja vida nunca se afastou dos valores que as inspiraram, morreu anteontem vítima de uma bala assassina. E a expectativa de um verão de violências raciais sem precedentes, nos Estados Unidos, se tornou ainda mais intensa. A tragédia de Memphis, cidade cujo nome entra agora sombriamente para a História, como o de Dallas entrou em 1963, dá a medida das tensões prestes a explodir.

Não se pode negar que o governo Johnson, antes de ser dominado totalmente pelo conflito no sudeste asiático, que lhe absorveu a maior parte das energias e dos recursos, tentou e conseguiu alguma coisa de positivo na eliminação das injustiças no setor das re-

lações raciais. O próprio presidente costuma dizer que gostaria de ser lembrado, pelas gerações futuras, como o homem que salvou a Ásia do comunismo e que assegurou a emancipação verdadeira dos negros em seu país. A realização do primeiro desejo é ainda uma incógnita e o segundo acabou comprometido por não ter recebido a atenção prioritária que, no entender de muitos, merecia.

O desaparecimento de Martin Luther King não é grave apenas como mais um episódio de brutalidade, incompreensão e intolerância, numa época em que o mundo inteiro parece afastar-se dos padrões racionais e humanos de conduta. É grave sobretudo porque cala a voz de um líder moderado, prudente, equilibrado, e deixa o campo ainda mais livre aos já quase predominantes agitadores e extremistas irresponsáveis, de um lado e de outro, inclinados sempre a recorrer à força em lugar da razão.

Folha de São Paulo, Página n.4, do dia 06 de abril de 1968 - Ampliação.

Dois dias após o assassinato de Martin Luther King, a *Folha de São Paulo* apresenta um editorial intitulado "Luther King", onde logo no início se argumenta a tese de que "o problema racial, nos Estados Unidos, é talvez ainda mais grave do que o do Vietnã, e constitui a mais séria ameaça que a sociedade norte-americana defronta desde a Guerra de Secessão." Na sequência, corroborando com a tese inicial, é apresentado o posicionamento Johnson, expresso em recente relatório em que afirma "ao continuarem as coisas como vão, os Estados Unidos terão em breve duas sociedades, uma negra e outra branca, cada vez mais separadas e hostis."

Interessante notar que o editorial retoma o parecer de um relatório encomendado por Johnson, em que afirma que a escalada de violência e protestos vai criar duas sociedades uma branca e outra negra, nos EUA, cada vez mais separadas e hostis. A ironia dessa afirmação é que ela não questiona que isso é justamente o que se pretendeu com a implantação das leis segregacionistas e que esse apartheid já existia nos EUA e que a luta dos movimentos pelos direitos civis era justamente a busca pela superação dessa situação.

O jornal faz uma relação entre a conduta de King durante a vida, e o episódio que marcou a sua morte, buscando evidenciar um contraponto no qual o "apóstolo da não-

violência” tornou-se vítima da mesma, indicando como consequência afirma “E a expectativa de um verão de violências raciais sem precedentes, nos Estados Unidos, se tornou ainda mais intensa.”.

A característica religiosa de Martin Luther King sempre aparece como uma característica a dar ao líder negro uma autoridade simbólica maior. Esse é um procedimento reiterado em todas as reportagens vistas até agora. “Apóstolo”, “reverendo”, “pastor”, “verdadeiro pastor de cristo”, são termos que aparecem em todas reportagens aqui mencionadas.

Na sequência apresenta-se uma breve análise da conduta do presidente Johnson a respeito das relações raciais. O jornal afirma que o presidente “tentou e conseguiu alguma coisa de positivo na eliminação das injustiças no setor das relações raciais”. No entanto, contrapõe os desejos manifestados pelo presidente “de ser lembrado, pelas gerações futuras, como o homem que salvou a Asia do comunismo e que assegurou a emancipação verdadeira dos negros em seu país”, com a consideração de que “A realização do primeiro desejo é ainda uma incógnita e o segundo acabou comprometido por não ter recebido a atenção prioritária que, no entender de muitos, merecia.”.

O texto é finalizado evidenciando o teor de gravidade sobre o desaparecimento de Martin Luther King, e sobre tal, considera “É grave sobretudo porque cala a voz de um líder moderado, prudente, equilibrado, e deixa o campo ainda mais livre aos já quase predominantes agitadores e extremistas irresponsáveis, de um lado e de outro, inclinados sempre a recorrer à força em lugar da razão.”.

O conjunto de adjetivos listados acima reitera mais uma vez a posição do jornal favorável a uma liderança moderada, reformista, em contraponto e por oposição semântica assimétrica aos líderes taxados de radicais. Se o Dr. King era “moderado, prudente, equilibrado”, os líderes radicalizados são taxados de “agitadores, extremistas”, e por posição assimétrica, “imprudente”, “desequilibrado” e “irracional”. A posição do periódico reafirma sua postura pró-ordem social, com reformas gradativas sem lutas sociais que optem pela violência como estratégia política.

Plano da SUDENE contra inundação do RG do Norte

NATAL (do Correspondente) — O governador Wellington Gurgel, em recente encontro em Brasília, com o general Euler Bentes Monteiro, superintendente da SUDENE, elaborou um plano para um plano de emergência para o Rio Grande do Norte, contra inundações.

O governador e sua família, em recente encontro em Brasília, com o general Euler Bentes Monteiro, superintendente da SUDENE, elaborou um plano para um plano de emergência para o Rio Grande do Norte, contra inundações.

PETROLEO EM MOSSORO

Na indústria da existência de petróleo em Mossoró e de suas reservas, o governador Wellington Gurgel, em recente encontro em Brasília, com o general Euler Bentes Monteiro, superintendente da SUDENE, elaborou um plano para um plano de emergência para o Rio Grande do Norte, contra inundações.

Embaixada brasileira sofre atentado

MONTEVIDEO, 5 (APF) — Dois atentados explícitos foram lançados na Embaixada do Brasil, nesta capital, depois das 13 horas (APF).

O primeiro atentado ocorreu quando um indivíduo se aproximou da Embaixada e lançou um objeto que explodiu perto da porta.

Consternação pela morte de Luther King

(Dos sucessos do Rio, Brasília e do serviço local)

O chanceler Magalhães Pinto fez ontem no Rio a seguinte declaração sobre a morte do dr. Martin Luther King:

— O governo e o povo brasileiro reagem com a maior consternação e tristeza ao conhecimento da morte do grande líder negro norte-americano Martin Luther King. O sacrifício de sua vida foi o último tributo pago pelo admirável lutador, em favor da solução justa e pacífica para o problema racial do seu país. O mundo, que aplaude a concepção do dr. King da Frente Nobel da Paz, perde, com seu desaparecimento, não apenas um grande líder, mas também um homem e herança de valores humanos.

Associar-se à homenagem, ainda, os deputados Pires Junior, Adil Silva, Joaquim Permann, José Rosa da Silva, Fernando Ferraz, Otonário Aldrovandi, Marcondes Pereira, Saul Scheffer, Otonário Aldrovandi, Marcondes Pereira, Paulo Geraldo Costa e Sérgio Sales Cunha Braga e Otonário Aldrovandi.

NA CAMARA FEDERAL

Comentando o assassinato do pastor Martin Luther King, o deputado Paulo Freire (ARENA-MG) disse hoje na Câmara Federal que "seria uma pena não ter sido o líder negro que lutava pela liberdade e pela justiça para todos os povos, negros e brancos".

CAMARA MUNICIPAL

Por volta das 18 horas, na Câmara Municipal, o deputado Paulo Freire (ARENA-MG) disse hoje na Câmara Federal que "seria uma pena não ter sido o líder negro que lutava pela liberdade e pela justiça para todos os povos, negros e brancos".

Bolsas de estudo no Chile

A Retirada da UFR com a criação de bolsas de estudo para estudantes de nível superior pelo Centro Interamericano de Estudos e Estatísticas (CIEE).

AGUAS PLUVIAIS

O prefeito Municipal determinou a Diretoria de Viação e Obras Públicas a estudar a possibilidade de aproveitamento das águas pluviais para abastecimento de água potável.

Rio: sindicatos reiniciam luta contra arrocho

RIO (Boursal) — Os sindicatos caridos voltaram a trabalhar em uma greve, segunda-feira, para continuar a campanha de luta contra o arrocho salarial, iniciada em 1967.

OBSERVADORIAS

Os dirigentes sindicais observam que durante a semana de greve os salários não foram reajustados e os sindicatos não aderiram ao movimento de greve.

PORTO ALEGRE (do enviado especial)

Declarando-se revigorado e feliz com a reunião que lhe esclareceu a situação política, o governador de Porto Alegre encerrará a semana de governo em Porto Alegre.

Mirassol manda calçar patto de sua Faculdade

MIRASSOL (do correspondente) — Atendendo solicitação do prof. David Ruy Simão, presidente da Fundação Regional do Estado de São Paulo, o governador determinará a Diretoria de Viação e Obras Públicas a estudar a possibilidade de aproveitamento das águas pluviais para abastecimento de água potável.

AGUAS PLUVIAIS

O prefeito Municipal determinou a Diretoria de Viação e Obras Públicas a estudar a possibilidade de aproveitamento das águas pluviais para abastecimento de água potável.

Costa e Silva inaugura hoje trecho da BR-277 que liga Curitiba a Paranaguá

CURITIBA (do Correspondente) — O presidente Costa e Silva inaugura, hoje, às 10 horas, os 85,5 quilômetros da BR-277, que ligará Curitiba a Paranaguá. É o primeiro trecho da rodovia federal que unirá Foz do Iguaçu ao litoral paranaense e permitirá ao Paraná uma saída para o mar.

PROGRAMA

É o seguinte o programa que o presidente da República cumprirá hoje no Paraná: às 9 horas, chegada ao aeroporto de Paranaguá; às 10 horas, inauguração do trecho da BR-277 entre Paranaguá e Curitiba; às 12h15, chegada da comitiva ao monumento Nacional; às 13h30, encerramento da planície comemorativa; às 14 horas, no Circolo Militar de Curitiba, encerramento do II Congresso do Café; às 14 horas, almoço, no Palácio Iguaçu; às 15h15, audiência; às 15h30, partida, com destino a Gramma.

COSTA SATISFETO COM OS

Declarando-se revigorado e feliz com a reunião que lhe esclareceu a situação política, o governador de Porto Alegre encerrará a semana de governo em Porto Alegre.

Porto Alegre (do enviado especial)

Declarando-se revigorado e feliz com a reunião que lhe esclareceu a situação política, o governador de Porto Alegre encerrará a semana de governo em Porto Alegre.

AGUAS PLUVIAIS

O prefeito Municipal determinou a Diretoria de Viação e Obras Públicas a estudar a possibilidade de aproveitamento das águas pluviais para abastecimento de água potável.

Costa e Silva inaugura hoje trecho da BR-277 que liga Curitiba a Paranaguá

CURITIBA (do Correspondente) — O presidente Costa e Silva inaugura, hoje, às 10 horas, os 85,5 quilômetros da BR-277, que ligará Curitiba a Paranaguá. É o primeiro trecho da rodovia federal que unirá Foz do Iguaçu ao litoral paranaense e permitirá ao Paraná uma saída para o mar.

PROGRAMA

É o seguinte o programa que o presidente da República cumprirá hoje no Paraná: às 9 horas, chegada ao aeroporto de Paranaguá; às 10 horas, inauguração do trecho da BR-277 entre Paranaguá e Curitiba; às 12h15, chegada da comitiva ao monumento Nacional; às 13h30, encerramento da planície comemorativa; às 14 horas, no Circolo Militar de Curitiba, encerramento do II Congresso do Café; às 14 horas, almoço, no Palácio Iguaçu; às 15h15, audiência; às 15h30, partida, com destino a Gramma.

COSTA SATISFETO COM OS

Declarando-se revigorado e feliz com a reunião que lhe esclareceu a situação política, o governador de Porto Alegre encerrará a semana de governo em Porto Alegre.

Porto Alegre (do enviado especial)

Declarando-se revigorado e feliz com a reunião que lhe esclareceu a situação política, o governador de Porto Alegre encerrará a semana de governo em Porto Alegre.

AGUAS PLUVIAIS

O prefeito Municipal determinou a Diretoria de Viação e Obras Públicas a estudar a possibilidade de aproveitamento das águas pluviais para abastecimento de água potável.

CAUBYS, CELESTINOS, CARUSOS... TEM DE TODO NA BOLINHA

Gente que imita cachorro, passarinho, gente que procura um lugar ao sol, transformando o programa numa "Torre de Babel" modernizada. Gente com talento ou sem, no programa de calouros mais humano da tv. E os cento e vinte quilos de simpatia do Edson "Bolinha" Cury, comandando o espetáculo.

sábados, nove meia da noite.

TV Excelsior - Canal 33

Professores debateram reestruturação

CAMPINAS (do correspondente) — Professores primários estiveram reunidos na noite de ontem, no Centro de Estudos de Campinas, para debaterem o projeto de reestruturação do funcionamento estadual. Quase três centos de professores estiveram presentes, discutindo o problema, discutindo o projeto de reestruturação e apresentando sugestões.

CADEIA JUSTA

Os professores, em suas reuniões, debateram o projeto de reestruturação do funcionamento estadual. Quase três centos de professores estiveram presentes, discutindo o problema, discutindo o projeto de reestruturação e apresentando sugestões.

Festival de Musica Popular

TUPA (do correspondente) — Programado pelo Organismo de Promoção Cultural, o festival de música popular será realizado no próximo mês de julho, nesta cidade, e no Festival de Música Popular do Interior de São Paulo. Diversas cidades já se inscreveram para participar do festival, que será realizado em São Paulo, em 1968.

CENTRO SOCIAL RURAL

Reverentemente deverá ter início a obra do Centro Social Rural desta cidade, a ser construído em uma área de 2 alqueires doados pelo Prefeito Municipal ao Estado. A fim de oferecer as condições exigidas pelo Decreto de Fomento Cultural da Prefeitura Municipal.

DNS mudará critério de calcular aumento de calçar patto de sua Faculdade

RIO (Boursal) — O Departamento Nacional de Salários (DNS) mudará o critério de calcular o aumento salarial dos funcionários públicos. O novo critério será baseado no custo de vida, e não no índice de preços.

ENTRADA

Reverentemente deverá ter início a obra do Centro Social Rural desta cidade, a ser construído em uma área de 2 alqueires doados pelo Prefeito Municipal ao Estado. A fim de oferecer as condições exigidas pelo Decreto de Fomento Cultural da Prefeitura Municipal.

Ourinhos homenageia cientista do café

OURINHOS (do correspondente) — O município de Ourinhos, no Estado de São Paulo, homenageia o cientista do café, o Sr. Fernando de Azevedo, por sua contribuição à cultura e à economia local.

PROJETO PROJETO

Reverentemente deverá ter início a obra do Centro Social Rural desta cidade, a ser construído em uma área de 2 alqueires doados pelo Prefeito Municipal ao Estado. A fim de oferecer as condições exigidas pelo Decreto de Fomento Cultural da Prefeitura Municipal.

Consternação pela morte de Luther King

(Das sucursais do Rio, Brasília e do serviço local)

O chanceler Magalhães Pinto fez ontem no Rio a seguinte declaração sobre a morte do dr. Martin Luther King:

"O governo e o povo brasileiros receberam com a maior consternação a notícia do assassinio do grande líder negro norte-americano Martin Luther King. O sacrifício de sua vida foi o último tributo pago pelo admirável lutador, em favor da solução justa e pacífica para o problema racial do seu país. O mundo, que aplaudiu a concessão ao dr. King do Prêmio Nobel da Paz, perde, com seu desaparecimento, neste Ano Internacional dos Direitos do Homem, um exemplo de serena firmeza e heroica determinação".

NA CAMARA FEDERAL

Comentando o assassinato do pastor Martin Luther King, o deputado Paulo Freire (ARENA-MG) disse hoje na Câmara Federal que "certamente uma luta cruel e sangrenta se desencadeará agora dentro da nação americana, com os odios já em paroxismo entre brancos e negros".

"E' profundamente lamentável — disse — que uma nação cristã, que tem dado tantos exemplos dignos às outras nações, tenha no seu seio essa luta racial. Quero crer se deva isso à pressa com que se libertaram os escravos norte-americanos. Em apenas quatro anos, com um simples ato do presidente Lincoln, os escravos foram libertados. Mas isso causou a tremenda Guerra da Sucessão e também esse lastro de odio que até hoje não foi apagado de sua história."

EM SAO PAULO

Sobre Martin Luther King, disse o líder do MDB, deputado Chopin Tavares de Lima ontem na Assembléia Legislativa de S. Paulo: «Era um líder cristão, que desapareceu tragicamente porque lutava por uma sociedade fraternal, como o ex-presidente John Kennedy. Luther King liderava o movimento pacifista, era modelo de líder nacionalista e queria para sua patria liber-

dade e integração no conceito mundial».

O deputado Roberto Rollemberg salientou a luta desenvolvida por Martin Luther King em favor do anti-racismo, e lembrou a amizade que o unia a Kennedy. Condenou a violência praticada contra quem sempre pregou a paz.

Associaram-se às homenagens, ainda, os deputados Pinheiro Junior, Ari Silva, Joaquim Fornaga, José Rosa da Silva, Fernando Perrone, Domingos Aldrovandi, Marcondes Pereira, Raul Schwinden, Geraldino dos Santos, Egidio Serrano, Pedro Geraldo Costa Dulce Sales Cunha Braga e Gioia Junior.

O deputado Domingos Aldrovandi solicitou seja transmitido ao embaixador norte-americano no Brasil o voto de pesar do Poder Legislativo paulista pela morte de Martin Luther King.

CAMARA MUNICIPAL

Por volta das 18 horas, a Câmara Municipal suspendeu seus trabalhos normais em homenagem à memória de Martin Luther King, Prêmio Nobel da Paz, assassinado em Memphis, EUA, anteontem. A figura do líder integracionista foi exaltada por todos os vereadores, que disseram do merito do pastor, «que abriu a consciencia dos Estados Unidos para a minoria negra que se debate contra as injustiças da discriminação racial».

A suspensão da sessão resultou de um requerimento apresentado pelo sr. Armando Simões Neto.

Bolsas de estudo no Chile

A Reitoria da USP comunicou ter recebido oferta de bolsas de estudo para Estatística, no Chile, fornecidas pelo Centro Interamericano de Ensino e Estatística da OEA.

As bolsas serão concedidas aos candidatos apresentados por instituições estatais ou particulares. As inscrições encontram-se abertas até 30 de junho, no horário das 12 as 18 horas, no prédio da Reitoria.

Folha de São Paulo, Página n.6 – 1º caderno, do dia 06 de abril de 1968 – Sobre a
Consternação - Ampliação.

O texto publicado com o título de “Consternação pela morte de Luther King”, apresenta o recebimento da notícia sobre a morte de Martin Luther King no Brasil. A Folha de São Paulo optou por trazer a voz do ministro das relações exteriores, e a manifestação de componentes das casas legislativas na esfera federal, estadual e municipal. Entre os discursos manifestando consternação pela morte de King, destaca o do deputado Paulo Freire da Arena – MG⁸, conforme segue:

É profundamente lamentável que uma nação cristã, que tem dado tantos exemplos dignos às outras nações, tenha no seu seio essa luta racial. Quero crer se deva isso à pressa com que se libertaram os escravos norte-americanos. Em apenas quatro anos, com um simples ato do presidente Lincoln, os escravos foram libertados. Mas isso causou a tremenda Guerra da Sucessão e também esse lastro de ódio que até hoje não foi apagado de sua história.

A visibilidade dada pela Folha de São Paulo ao pronunciamento do deputado indica certa predileção pelo discurso do mesmo, uma vez que muitas outras figuras políticas fizeram pronunciamentos e discursos em homenagem ao líder negro norte-americano. Chama atenção a tentativa de explicar o ódio racial e o regime segregacionista nos EUA como resultado da abolição rápida da escravidão realizada por Abraham Lincoln. Lamenta essa situação de ódio numa nação cristã – aqui o apreço religioso do deputado aos EUA como nação protestante, já que ele mesmo era presbiteriano e pelo teor do discurso considera o ódio racial incompatível com o cristianismo. No entanto, a ideia de que uma abolição abrupta levou ao ódio racial e a uma sociedade segregada nos EUA guarda correlações comparativas subjacente com o Brasil, em que o fim da escravidão se deu nos estertores do século XIX. Na perspectiva do deputado, típico homem de classe média, branco, no Brasil, a vida longa da escravidão brasileira foi instrumento eficiente para a construção de uma sociedade mais harmônica do ponto de vista racial.

⁸ O referido deputado era ligado à Igreja Presbiteriana. Após ter o mandato cassado pelo AI-5 seguiu suas atividades como pastor.

4.5 ANÁLISE DESCRITIVA DO DISCURSO DAS NOTÍCIAS VEICULADAS NA *FOLHA DE SÃO PAULO*

A partir da apresentação do *corpus* que compõe as notícias da *Folha de São Paulo*, apresentar-se-á nesta seção a análise descritiva de tais discursos. Para a realização de tal interpretação, tomou-se como base algumas ferramentas utilizadas para a análise do discurso enquanto metodologia de estudo.

As análises descritivas são viabilizadas por meio do dispositivo correspondente ao jornal *Folha de São Paulo*. Isso posto deve-se considerar que a característica deste dispositivo se situa no âmbito de jornal informativo de abrangência nacional. Sendo assim, o *corpus*, conforme apresentado compõe o gênero discursivo textual.

FOUCAULT (2008, p.27) ao tratar sobre a ordem do discurso considera que *há sempre uma origem secreta - tão secreta e tão originária que dela jamais poderemos nos reapoderar inteiramente.*

Partindo dessa consideração, tem-se que o discurso pode ser compreendido por meio do que é dito assim como pode ser compreendido por meio daquilo que deixa de ser dito. Ou seja, o discurso pode ser analisado a partir dos sistemas de exclusão, que de acordo com Foucault (2008), correspondem a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade.

A fim de investigar a existência de regularidades nos enunciados que compõe os discursos do *corpus* selecionado, observaram-se as diferentes notícias de diferentes datas e buscou-se identificar quais elementos mantiveram-se presentes. Diante dessa continuidade foi possível identificar dos princípios discursivos que perpassam todo o *corpus*, a saber, o primeiro correspondente ao princípio da *não-violência* e o segundo correspondente ao princípio da *contenção*. Um terceiro princípio da *religiosidade* também se evidencia em algumas situações.

A exemplo da constituição desses princípios discursivos tem-se a publicação do dia 15-10-64, data em que Martin Luther King recebe o Prêmio Nobel da Paz. A capa da *Folha de São Paulo* apresenta a manchete sobre o Premio Nobel seguido de um resumo a ser aprofundado na notícia. No entanto, não indica quais seriam as motivações para a atribuição do título ao ativista. Percebe-se neste exemplo a força do princípio discursivo da religiosidade, ao passo que é a partir dele que primeiramente King é reconhecido neste discurso.

Na sequência a apresentação do enunciado “Luta antissegregacionista deu a Martin King um Nobel paradoxal: o da Paz” afirma de forma direta a existência de um paradoxo.

Este enunciado tal como se apresenta provoca o leitor a entender o fato como contrariedade, ou como algo que foge à normalidade. Ou seja, espera-se que esteja pressuposto no leitor a ideia de que lutar por algo está relacionado necessariamente de maneira contrária ao estabelecimento da paz. Portanto alguém que luta por algo, não poderia causar outra coisa senão conflitos e o distanciamento da paz. Logo, o fato de King que luta contra a segregação racial, receber o Premio Nobel da paz, caracterizaria uma incoerência, um fator fora da normalidade.

Em seguida outro enunciado merece ser analisado. Trata-se da afirmação de que King “é mais intelectual do que político”. Ora, se a notícia em menção trata justamente da Premiação ao Nobel da Paz pela condução do ativista Martin Luther King perante a luta pelos direitos civis, evidencia-se como incoerente tal afirmação. Haja vista, ainda, o engajamento político e social de King e o reconhecimento pela sua conduta de não-violência diante de tais ações.

Nota-se diante de tais enunciados o discurso da *Folha de São Paulo* ancorado sobre a lógica do saber-poder própria dos dispositivos midiáticos.

A reportagem que segue, apresenta ainda os seguintes enunciados “O sucesso do silêncio”, “Movimento cresce”; e “Ele”. A partir deles se evidencia, novamente o princípio discursivo da *religiosidade*, haja vista que se insinua uma relação ao método silencioso de manifestar com a figura de King enquanto pastor.

Ainda na página 3 da *Folha de São Paulo* sobre a data de 15-10-64, apresenta-se o enunciado “Onde entra o brasileiro”. Este enunciado que afirma a indicação de brasileiros para o Nobel da Paz à Martin Luther King, parece pretender evidenciar o entendimento do brasileiro sobre as questões raciais nos EUA, em consonância com a ideia da democracia racial, pois o título indica que o Brasil nada tem em comum com os EUA nesta questão, a não ser na condição de celebrar a estratégia não-violenta e pacifista de celebração da integração racial.

Na sequência abordamos a reportagem sobre o assassinato de Malcolm X em 22-02-65. A partir do enunciado “EUA: assassinado o líder racista negro Malcolm X.” são tratados de forma breve aspectos importantes sobre a vida do ativista. Nota-se, contudo a constituição de um princípio discursivo radicalmente oposto ao princípio discursivo da *não-violência* conforme observou-se nas notícias que tratavam de King.

Ainda sob uma comparação entre o líder ativista King, baseado em ações não-violentas, e o líder ativista baseado em ações mais radicais resulta-se como um processo dificultoso o reconhecimento da formação discursiva que embasa o discurso sobre este último.

A dificuldade se apresenta devido a brevidade com que o assunto é tratado pela *Folha de São Paulo* na referida data. Diante disso, o jornal permite a abertura para criação de variadas hipóteses.

Na edição de 17-03-65, *A Folha de São Paulo* trata da Marcha de Selma à Montgomery ocorrida em 16-03-65, mediante o seguinte enunciado: “Alabama: Polícia volta à carga com brutalidade”. O enunciado trata da forma como se deu o desfecho da marcha pacifista que tinha como propósito o manifesto sem violência.

É notável que os enunciados presentes sobre esse episódio direcionam para a ligação da argumentação pela luta dos direitos civis à postura do silenciamento. Silenciamento esse que é associado à perspectiva da não-violência. À este ponto pode-se inferir que a perspectiva da não-violência se aproxima da questão religiosa, haja vista a ênfase dada ao ativista Martin Luther King enquanto pastor e não enquanto político. Portanto evidencia-se ao discurso sobre King o princípio discursivo da religiosidade e da não-violência.

Nesse sentido, a religiosidade corresponderia a normalização da manutenção da ordem sob o viés da não-violência. Dessa forma, sob a liderança de King, enquanto pastor, não teriam os manifestantes negros os direitos de usufruir da violência ou rebeldia para conquistar os direitos que lhe foram negados historicamente de formas extremamente violentas. Sendo assim, nessa perspectiva caberia a estes, o direito de manifestações pacíficas para requerer os seus direitos. Portanto, é justamente sob esta peculiaridade que Martin Luther King teve sua importância valorizada.

Retomando a publicação da página n.2 do dia 17/03/1965 é possível verificar o seguinte enunciado “Johnson defende no Congresso o direito de voto dos negros”. O enunciado remete à postura adotada pelo presidente dos EUA mediante os protestos em Selma. Em relação à isso *A Folha de São Paulo* apresenta o posicionamento de King, que afirmava “Não há motivo de orgulho no que ocorreu em Selma. Não há motivo de satisfação em si mesmo na prolongada negação de igualdade de direitos de milhões de norte-americanos. Porém há motivo de esperança e fé em nossa democracia, no que está ocorrendo aqui, esta noite.”.

Na construção deste discurso, em que se somam as manifestações do presidente Johnson e o do ativista Martin King sobre os acontecidos em Selma, a *Folha de São Paulo* parece direcionar os discursos para um ponto em comum, a saber, a pacificação e a concessão do direito ao voto aos negros.

Na sequência apresenta-se a capa da *Folha de São Paulo* de 05/04/1968, cuja uma das manchetes anuncia “Assassinado líder negro Luther King”. Assim, na página 6 da referida

edição, o texto informativo é produzido a partir do seguinte enunciado “Assassinado com tiro na nuca o pastor Martin Luther King Jr.”. O Jornal aborda as duas diferentes versões a respeito da morte de King e em seguida trata com mais profundidade a trajetória de vida de King. Neste ponto o referido jornal assume novamente um discurso ancorado no princípio da religiosidade e da não-violência.

Um dia após a publicação sobre a morte de King, a *Folha de São Paulo* de 06/04/1968 traz em sua capa o seguinte enunciado “EUA: Morto King, violência racial” seguido de resumo indicando o desencadeamento de uma onda de violência nos EUA após o assassinato de King.

Adiante, logo na página n.2 do jornal sob o enunciado de “Morte de King desencadeia violência nos EUA”, os protestos em represália ao assassinato de Martin Luther King são tratados pelo jornal como “distúrbios raciais”. Sobre tais enunciados cabe um olhar mais atencioso, sobretudo para os termos ‘desencadear’ e ‘distúrbio’.

O termo desencadear corresponde à liberação de algo, ou, de outro modo, corresponde à soltar aquilo que está preso. Dessa forma, pode-se inferir que *A Folha de São Paulo* manifesta a partir desse enunciado a compreensão de uma possível naturalidade violenta como característica comum entre os manifestantes seguidores de King, sendo que tal característica que antes era contida pela ação pacifista de King, agora, após a morte do líder da não-violência, extrapola sua verdadeira essência. Corrobora para tais inferências a caracterização dos protestos enquanto distúrbios, ou seja, elementos indesejáveis que causam transtornos e, portanto, escapam à ordem e fogem à normalidade. Portanto, King enquanto ativista, mas, sobretudo enquanto líder religioso obedecia à ordem pré-estabelecida, visando atingir seus objetivos de forma pacífica e silenciosa. Tais características condizem com a visibilidade que o ativista teve em âmbito mundial, haja vista o relato da *Folha de São Paulo*, sobre a morte de King: “a tônica das reações é um profundo sentimento de pesar”.

Na mesma página são publicados outros textos tratando sobre o acontecimento do dia 04/04/68. Os enunciados apresentados são: “Antes da morte King sofrera três atentados”, “Johnson convoca Guarda Nacional”, “Luta racial já provocou muitas vítimas”, e “Grande multidão desfilou ante o corpo do Dr.King em Atlanta”. A partir de tais enunciados o jornal reforça a presença do princípio discursivo da contenção e da não-violência.

O princípio discursivo da contenção se constitui, nesta seção, a partir da afirmação da *Folha de São Paulo*, de que “todos acham que nas próximas semanas todos os norte-americanos deverão manter uma disciplina no sentido de suas responsabilidades pessoais e coletivas em relação à tremenda crise nacional que atravessa o país.”. Portanto trata-se de um

discurso constituído no âmbito da contenção dos discursos, protestos e outras manifestações a fim de “manter a disciplina” e estabelecer a ordem.

O princípio discursivo da não-violência fica evidente sobre o enunciado de que “Luta racial já provocou muitas vítimas”, a partir do qual são relembrados vários conflitos raciais.

Ainda na edição do dia 06/04/1968 da *Folha de São Paulo*, na página n.4 é apresentada uma publicação sobre o enunciado “Luther King”. Nesta seção aborda-se, novamente a problemática da questão racial enquanto ameaça para a sociedade norte-americana. Neste sentido, evoca-se novamente o discurso na perspectiva da necessidade de Contenção, a fim de os conflitos sejam equilibrados, e se estabeleça uma normalidade. O jornal expressa ainda o posicionamento do presidente Johnson sobre a afirmação de que “ao continuarem as coisas como vão, os Estados Unidos terão em breve duas sociedades, uma negra e outra branca, cada vez mais separadas e hostis”. Portanto, mais do que a necessidade de contenção, o discurso relatado, projeta um futuro ainda mais conflituoso.

Na finalização do texto o discurso remonta a situação de gravidade instaurada nos EUA, sobre isso o jornal considera “É grave sobretudo porque cala a voz de um líder moderado, prudente, equilibrado, e deixa o campo ainda mais livre aos já quase predominantes agitadores e extremistas irresponsáveis, de um lado e de outro, inclinados sempre a recorrer à força em lugar da razão.”. Sendo assim, novamente se manifesta o discurso ancorado no princípio da Contenção.

Por fim, na mesma edição de 06/04/1968, na página 6, o enunciado “Consternação pela morte de Luther King” faz menção à morte de Luther King e aborda as manifestações de alguns brasileiros a respeito do acontecido. Diante das manifestações, encontra-se a do deputado Paulo Freire da Arena – MG que considera:

É profundamente lamentável que uma nação cristã, que tem dado tantos exemplos dignos às outras nações, tenha no seu seio essa luta racial. Quero crer se deva isso à pressa com que se libertaram os escravos norte-americanos. Em apenas quatro anos, com um simples ato do presidente Lincoln, os escravos foram libertados.

A manifestação do deputado deixa explícita a sua interpretação sobre o problema da questão racial: no seu entendimento a problemática não se centra na questão das desigualdades pelas quais se fundamentam os numerosos protestos. Pelo contrário, a questão problemática, nesta perspectiva, seria a realização das lutas em prol da conquista pelos direitos civis a todos. Portanto, a *Folha de São Paulo* ao publicar este comentário, traz à tona a compreensão equivocada sobre a questão racial dos brasileiros. Ademais o referido comentário se situa no âmbito do princípio da Contenção, que visa amenizar os conflitos a fim

de evitar a violência, mas que não se preocupa de forma mais intensa sobre a resolução da questão da problemática racial. Almeja-se neste sentido, um retorno à uma normalidade que em outro momento foi discursivamente criada e propagada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho que teve como objetivo investigar como ocorreu a recepção na *Folha de São Paulo*, sobre o movimento pelos direitos civis ocorrido nos Estados Unidos durante a década de 1960, constatou-se, diante da apresentação de uma contextualização histórica, contrariedades e similaridades entre a realidade brasileira e a realidade estadunidense. De um lado, os EUA cujo histórico de prática escravista se extinguiu de forma breve. De outro o Brasil, cujo processo de escravidão se extinguiu de forma tardia. Na mesma perspectiva seguem-se, de um lado os EUA, entendido como modelo ideal de nação e desenvolvimento econômico. De outro, o Brasil, entendido como símbolo de atraso econômico. Se a lógica do capital nos EUA consiste na significação do slogan de *sonho americano*, no Brasil parece ser *sonhar o sonho americano*.

A abordagem brasileira sobre a questão racial inicialmente vista como um problema a ser resolvido, buscou, assim como os EUA, na eugenia um caminho de solução.

A eugenia aparecia no Brasil como a pretensão de manter a boa geração e estabelecer uma espécie de seleção com o propósito de eliminar as raças inferiores. Tal eliminação aconteceria no processo de branqueamento que se associava com a teoria das políticas higienistas.

No entanto, na medida em que se evidencia o ódio racial nos EUA, como um grave problema político-social, verificado, sobretudo a partir do estabelecimento das leis segregacionistas naquele país, se altera o viés da abordagem brasileira. Assim, a questão racial no Brasil passa a ser tratada como um elemento positivo e, em contrariedade à realidade estadunidense, aqui se propaga a ideologia de que o conflito racial é inexistente, pois as diferentes raças vivem em harmonia.

Desse modo a miscigenação antes estimulada para atingir o propósito proposto pela tese do branqueamento perde força. A questão da diversidade racial no Brasil passa a ser utilizada para a criação de um ideal imaginário no qual as diferentes raças convivem sem conflitos e sem discriminação. É sob esta perspectiva que se funda a ideologia que instaura o mito da democracia racial.

Assim, a ideologia da democracia racial se utilizará da realidade estadunidense para estabelecer uma relação de comparação entre o país onde impera o ódio entre as diferentes raças e o Brasil, país onde impera a harmonia entre as raças. Tal pensamento desviava o olhar das diferenças raciais, e ocultava a visibilidade dos problemas decorrentes de tal prática, bem como a acentuação de desigualdade de diversas ordens.

A ideologia, como se observou, é capaz de implicar em grandes transformações sociais, haja vista que consistem num conjunto de ideias que são fortalecidas a partir de um discurso propositalmente elaborado e divulgado. A esse ponto, a imprensa jornalística detentora do poder de fala, assume outra função que não o da mera informação. Nesse sentido, observando a lógica do capital assume caráter empresarial. Tal postura se verifica no posicionamento da *Folha de São Paulo* mediante as críticas ao Governo de João Goulart na década de 1960 quando o então presidente visava a realização de reformas sociais. A defesa e a celebração do golpe militar de 1964 evidenciam o posicionamento político da *Folha* alinhado à elite nacional.

Verifica-se, portanto, que ao apoiar a ideologia da elite nacional a *Folha de São Paulo* serve como instrumento na construção da hegemonia de dominação de classe.

Pode-se inferir ainda, que o caráter empresarial assumido pelo jornal serve como explicação para as frequentes rupturas e descontinuidades verificadas ao longo de sua história.

Em relação às diferentes realidades supracitadas sobre Brasil e EUA, a imprensa, na figura da *Folha de São Paulo*, assume um papel importante, pois, configurada como meio de divulgação de informações permite e induz comparações entre Brasil e EUA, nas notícias veiculadas durante a década de 1960, evidenciando aspectos políticos, sociais e econômicos que possam servir de exemplos ao Brasil. Deste modo, sendo um dos jornais de maior abrangência nacional, sugere a forma como tais exemplos devem ser seguidos ou refutados. Isso acontece por meio do desenvolvimento de um processo ideológico.

Observa-se que enquanto no Brasil não existia uma história da aplicação efetiva de leis segregacionistas, nos EUA acontece uma série de manifestações em prol da garantia dos direitos civis aos negros. A esse respeito a *Folha de São Paulo* passa a propagar na imprensa brasileira tal movimento.

Nesse sentido, coube a análise descritiva do discurso da *Folha de São Paulo*, a partir do *corpus* selecionado, para verificar como os acontecimentos nos EUA são interpretados no Brasil sob a ótica de uma imprensa de ampla abrangência e de significativo renome. Sendo assim, a partir de teorias da análise do discurso foi possível desenvolver uma análise descritiva que nos levou a constatação da existência de uma regulação discursiva baseada nos princípios da não-violência, da contenção e da religiosidade.

A defesa do princípio da não violência presente nos enunciados que compõe os discursos da *Folha de São Paulo* demonstrou a aversão a protestos de características mais violentas. Indicando assim, a preferência à ordem e ao silenciamento ao passo que manifesta

como sendo problemática e danosa a prática de manifestações mais radicais que implicam grandes transformações e, portanto, fogem à normalidade e desestabilizam o *status quo*.

O princípio de contenção se verifica na totalidade do *corpus* analisado, e evidencia uma preocupação com a urgência de medidas que possam ‘manter a disciplina’ e estabelecer a ordem. Neste sentido, a contenção pode ser observada sob dois aspectos. Um correspondente aos enunciados publicados durante a condução das mobilizações pelos direitos civis sob a liderança de Martin Luther King. E outro correspondente aos enunciados publicados posteriores à morte de King.

No primeiro aspecto, a lógica do discurso do princípio da contenção é percebida no pacifismo característico das manifestações do Dr. King. Portanto, nessa perspectiva a ausência da violência, se justifica pela contenção realizada pelo líder religioso moderado, prudente, equilibrado.

No segundo, aspecto a lógica do princípio da contenção se evidencia como necessidade a partir da ausência do pacifismo de King. Portanto, neste caso, quando a figura do líder religioso, moderado, prudente e equilibrado está ausente, não há a contenção. Resulta-se disso, “a crise nacional” cujos manifestantes parecem receber o título de protagonistas.

Portanto, o princípio da Contenção corresponde a uma medida de aprovação no primeiro aspecto, e a suplica para o seu retorno, no segundo. Pode-se inferir ainda, sobre os discursos analisados a indicação de que os manifestantes, que são em sua maioria negros, possuem por natureza o caráter violento que necessita de contenção para que seja estabelecida ‘a ordem’.

Associada ao princípio da Contenção nota-se o princípio da Religiosidade, que se apresenta constantemente nos discursos que exaltam à figura de Martin Luther King enquanto pastor. A religiosidade, neste sentido é relacionada aos atributos de boa índole, pacifismo, coerência, prudência etc. Associa-se também a esses elementos discursivos, o caráter de silenciamento enquanto postura adequada frente às desigualdades dos direitos civis.

De modo geral, pode-se afirmar que os três princípios discursivos presentes na análise descritiva realizada, se relacionam constantemente, haja vista que confluem num mesmo ponto, a saber, a exaltação do pacifismo de King na luta pelos direitos civis. De outro modo, no entanto, convém observar a ausência de um discurso embasado no princípio político, relacionado à figura de King. A ausência de um princípio discursivo desse caráter permite a análise por meio dos procedimentos de exclusão, conforme proposto por Foucault. Nesse sentido, destaca-se no discurso da *Folha de São Paulo* o descrédito na possibilidade de King

possuir capacidade para assumir uma função política de maior amplitude. Por consequência a afirmativa deste discurso reforça novamente os princípios discursivos da Contenção e da não-violência, na quais o Nobel da Paz é exaltado.

Se por um lado, as condutas do ativista Martin Luther King defensor de uma proposta integracionista e pacifista, são celebradas, por outro lado, as condutas de Malcolm X são absolutamente reprováveis. Neste caso novamente pode-se analisar o discurso através do interdito, ou seja, sob os procedimentos de exclusão. Dessa forma, ao observar o *corpus* de análise na sua generalidade, nota-se que a questão sobre os direitos civis faz costumeiramente menção direta à Martin Luther King, no entanto, embora também tenha fortes influências sobre o mesmo propósito, o nome de Malcolm X é citado poucas vezes ao longo das notícias.

Sendo assim, referências à Malcolm X aparecem na *Folha de São Paulo* de forma breve, por ocasião de seu assassinato em 21/02/1965. Observa-se que o discurso proferido sobre este líder na luta dos direitos civis, pela *Folha de São Paulo* é bastante sucinto e da mesma forma bastante intenso. Salientam-se neste ponto, as referências do jornal sobre a forte tendência do ativista à violência e ainda a tendência de defender a superioridade dos negros em relação aos brancos de uma forma radicalmente contrária aos integracionistas.

Deste modo, os discursos sinalizam duas percepções diferentes para os líderes negros norte-americanos sobre as mesmas causas. As percepções são variáveis, evidentemente, em função dos métodos e estratégias utilizadas por cada um para o mesmo fim. Assim sendo, nota-se King, como o intelectual pacifista, que conduz os negros a vitórias sociais e políticas e Malcolm X, como o radical racista que colhe um trágico fim de sangue e violência por sua estratégia radicalizada de luta.

Assim, diante dos estudos e análise desenvolvidos neste trabalho, pode-se considerar que os enunciados tratados e publicados pela *Folha de São Paulo* correspondem a uma postura ideológica que transparece em muitos momentos como defesa do integracionismo e pacifismo em contrariedade à violência como estratégia política radicalizada.

A preferência em prol desta defesa que se manifesta de diferentes modos nos discursos analisados evidencia sua ideologia deixando subentendido o modelo de pacificidade a ser celebrado e a ser seguido no Brasil, com vistas à manutenção do *status quo*, e com vistas à inibição do desencadeamento de possíveis contestações acerca da ideologia da democracia racial. Compreende-se, nesta perspectiva, que o silenciamento faz parte de uma conduta pacifista e essa, portanto, é a conduta correta na perspectiva da *Folha de São Paulo*. É a conduta que deve ser celebrada e seguida.

Neste sentido, diante do conceito de hegemonia proposto por Gramsci, nota-se a intencionalidade da Folha de São Paulo, que assim como outros recursos midiáticos, sustentam ideologias que foram fundadas, propagadas e enraizadas ao longo do tempo. Assim, a propagação do pensamento da e pela classe hegemônica fortalece a incorporação do viés ideológico que se sustenta a partir de bases desiguais, nas quais se encontra, por oposição, uma classe moralmente e culturalmente privada do acesso as ideias estabelecidas pela racionalidade hegemônica.

Deste modo, acerca da questão racial, o posicionamento da *Folha de São Paulo*, um jornal historicamente e ideologicamente ligado às classes médias urbanas e às elites empresarias do país, deixa claro, ao promover a celebração de conceitos como pacifismo, não-violência e integracionismo e a rejeição de estratégias políticas radicalizadas de enfrentamento, que sua perspectiva subjacente é a ideia de que a harmonia racial-social é o horizonte político desejado. Nada mais próximo do mito da democracia racial do que a ideia de um integração harmônica e igualitária das raças, que se constituiu como ideologia política atendendo aos interesses das classes dominantes no Brasil. Não reconhecer o conflito, a fratura social, o embate, antes negar sua existência, condená-la e reprimi-la no âmbito das relações raciais foi o mecanismo de dominação que permitiu ideologicamente a manutenção de uma hierarquia social-racial cujo resultado tem sido a racialização das classes subalternas.

Por fim, pode-se inferir que o objetivo subjacente ao mito da democracia racial no Brasil foi a manutenção de um racismo estrutural fortalecido por meio de práticas discursivas, que em nome de uma ordem da manutenção do *status quo* apresentam discursos tendenciosos que dificultam ou inviabilizam questionamentos mais críticos a respeito das relações raciais no país. Não reconhecer o racismo como um problema nacional afirmando subjetivamente que o integracionismo e a superação do ódio racial e do racismo haviam sido vencidos no Brasil, eram a base do discurso de autoridade da *Folha de SP*, que espelhava e auxiliava na construção de uma ideologia que buscava a manutenção de um *status quo* na sociedade brasileira que mantinha o privilégio social dos brancos.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação da grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo**. Bauru, SP: EDUSC, 1998.
- ALMEIDA, R. **Raça e miscigenação no Brasil**: Os desafios e os dilemas de nossas relações raciais. Praça, Revista Discente da Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Recife, v.1, n.1, 2017.
- ALVES, A, R, C. **O conceito de hegemonia**: De Gramsci a Laclau e Mouffe. Lua Nova: São Paulo, 80: 71-96, 2010.
- ARENDRT, H. **Origens do totalitarismo**: Anti—semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ARENDRT, Hannah. **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ARRAIS, J, A.; OLIVEIRA, F, K, J.; OLIVEIRA, G. R. **Racismo estrutural midiático no Brasil**: O Corpo negro e as imagens online que condenam, matam e discriminam. XV ENECULT. Bahia: Salvador, 2019.
- AZEVEDO, C, M, M. **A luta contra o racismo e a questão da identidade negra no Brasil**. Revista CONTEMPORÂNEA. Vol. 8, 1, p.163-191. Jan./Jun. 2018.
- AZEVEDO, C, M, M. **A recusa da raça**: anti-racismo e cidadania no Brasil dos anos 1830. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 297-320, jul./dez. 2005
- AZEVEDO, C, M, M. **Cota racial e Estado**: Abolição do racismo ou direitos de raça? Cadernos de Pesquisa, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004.
- BARBOSA, M, R, J. **A influência das teorias raciais na sociedade brasileira (1870-1930) e a materialização da Lei no 10.639/03**. Revista Eletrônica de Educação, v. 10, n. 2, p. 260-272, 2016.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ed.rev. Campinas: UNICAMP, SP, 2004.
- BRANDÃO, I, B, DOS SANTOS,; JARDIM, T.S. **Breve histórico da imprensa no Brasil**: Desde a colonização é tutelada e dependente do Estado. Hegemonia – Revista. Unieuro. ISSN: 1809-1261 UNIEURO, Brasília, número 14, 2014, pp. 131-171.
- BENETTI, M. **O jornalismo como gênero discursivo**. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BORGES, A. C. **De Jim Crow a Langston Hughes: Quando a música começou a ser outra.** Dissertação (Mestrado em Estudos Anglísticos - Especialização em Estudos Americanos) - Faculdade de Letras - Departamento de Estudos Anglísticos, Universidade de Lisboa, 2007.

BORGES, L. F. F.; CARNEIRO, M. H. S.; SILVA, F.T. **Educação e “raça” (etnia): percepções de educadores dos anos iniciais da rede pública de ensino do distrito federal.** Rev. Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, SP, Brasil, e-ISSN: 1982-5587. 2014(?) DOI Prefix: 10.21723/riaee.

BRITO, J. G. **Octavio Ianni: Da metamorfose do povo à democracia popular.** Cadernos de Campo, 2005.

BUTTURI JUNIOR, A.; D'ÁVILA, D. A. **O dispositivo jornalístico e os discursos trans: uma análise da folha de São Paulo.** Revista do Gel, v. 14, n. 1, p. 224-252, 2017.

BURKE, P. **Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre.** São Paulo: UNESP, 2009.

BRUGGER, A. S.; SOUSA, R.R.Q. **A opressão simbólica e a resposta do oprimido.** Revista Ratio Juris Vol. 13 N.º 26. 2017, pp. 179-192 © UNAULA

CALDEIRA, I. **A construção social e simbólica do Racismo nos Estados Unidos.** Revista Crítica de Ciências Sociais. N. 39 Maio 1994.

CALVACANTI, E.A.,CAPRARO, A. M. **Ronaldo X Lula: Uma análise do discurso na Folha de São Paulo.** Porto Alegre: *Movimento*, v. 18, n. 04, p. 121-134, out/dez de 2012.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia.** São Paulo: Brasiliense, 2001.

CARDOSO, F.H. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional: O negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul.** 5ed-rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPELATO, M. H. **Mídia e Populismo./Populismo e Mídia.** In: Rev. Contracampo, v.28, n.3, ed. dez-mar, 2013. Niterói: Contracampo, 2013. P -52-72.

DIAS, Luiz Antonio. **Imprensa e Poder: uma análise da ação dos jornais OESP e Folha de S. Paulo no Golpe de 1964.** IV Congresso Latino Americano de Opinião Pública da WAPOR – World Association for Public Opinion Research – maio-2011. In <http://opiniaopublica.ufmg.br/site/files/biblioteca/BV-AE-OPP-LuizAntonioDias.pdf> Acesso em 10-01-2021.

DOMINGUES, P. **O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930).** Diálogos Latinoamericanos 10.

DOS SANTOS, J.A. **Uma arqueologia dos jornais negros no Brasil.** *Historiæ*, Rio Grande, 2 (3): 143-160, 2011.

FERNANDES, F. **Significado do protesto negro.** São Paulo: Cortez, Autores Associados. 1989 (Col.Polêmicas do nosso tempo; v. 33

FRANKLIN, J. H. **Raça e história:** Ensaios selecionados. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

FRANKLIN, J. H. **Da escravidão à liberdade:** A história do negro americano. Rio de Janeiro: Nordica, 1989.

FREYRE, G. **Casa-grande e senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber.** 7ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** 22 ed. São Paulo: Ed.Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas.** (Trad.SalmaTannusMuchail) 9ªed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

FOLHA DE S.PAULO. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>>

FOLHA DE S.PAULO. **AcervoFolha.** Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/index.do>>. Acesso em: 02 set. 2020

FOLHA DE SÃO PAULO. **Círculo da Folha.** Folha Online. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm>. Acesso em: 20 dez. 2020.

GIL,A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo:Atlas, 2002.

GIL,A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo:Atlas, 2010.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do cárcere.** Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GUIMARAES, A, S, A. **Raça e os estudos de relações raciais no brasil.** NOVOS ESTUDOS N.º 54. Jul.1999, pp.147-156.

KARNAL, L. et al. **História dos Estados Unidos:** Das origens ao século XXI.São Paulo: Contexto, 2007.

KRAUSE,R,S. **A Copa política:** um estudo sobre a copa das confederações Fifa e das manifestações em junho de 2013. 2015

KUSHNIR,B. **Cães de Guarda:** Jornalistas e Censores, do AI-5 à constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, FAPESP, 2004.

LAPUENTE, R. S. **A imprensa como fonte:** Apontamentos-teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. *Bilros*, Fortaleza, v. 4, n. 6, p. 11-29, jan.- jun. 2016. Seção Artigos.

LEITE, M, D. **O caráter nacional brasileiro.** Editora UNESP, 2002.

LÊNIN. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1988

MALOMALO, B.I. **Branquitude como dominação do corpo negro**: diálogo com a sociologia de Bordieu. Revista da ABPN • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 175-200.

MARTINS, J, S. **O poder do atraso**: Ensaio da sociologia da História Lenta. São Paulo: Hucitec, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1987.

MATTOS, P, A. **A trajetória de Martin Luther King**. Revista Caminhando v. 11, n. 18, p. 69-80, jul–dez 2006.

MORAES, Denis de. **A esquerda e o golpe de 1965**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

MORAES, Denis de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia**: A contribuição teórica de Gramsci. REVISTA DEBATES, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

OLIVEIRA, R.S. **A relação entre história e imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil.(1908-1930)**. Historiæ, Rio Grande, 2 (3): 125-142, 2011.

O direito brasileiro e a luta antirracismo. PUC-Rio – Certificação Digital. N.0821498/CA

ORLANDI, E, P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 3. ed. 2001

PAIVA, A, R. **Católico, protestante, cidadão**: Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 232 p. ISBN: 978-85-7982-041-0. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

PILAGALLO, O. **História da imprensa paulista**: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2012.

PIRES, Elaine Muniz. **Imprensa, ditadura e democracia**: a construção da auto-imagem dos jornais do Grupo Folha (1978/2004). Projeto História(n.º 35). São Paulo: PUC-SP, dez/2007, pp. 305-313.

RAMOS, M, H, B. **Racismo e supremacia como forma de hegemonia**: diálogos entre Gramsci ea crítica da questão racial em uma perspectiva histórica. ANPUH- Brasil – 30º Simpósio Nacional de História – Recife, 2019.

REIS,J. C. **As identidades do Brasil**: de Varnhagem a FHC. 8ed. Rio de Janeiro:FGV, 2006.

RIBEIRO, R.R. **Políticas de Identidade e Ensino de História no Mundo Contemporâneo**: As narrativas raciais da nação. In:Ensino de História: Memória e Identidade. Valério, M. E.;Júnior Ribeiro, H.C.(Orgs.). Jundiaí: Paco Editorial: 2016.

SCHWARCZ, M, L. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil- 1870 – 1930** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARCZ, M, L. **Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil: uma história das teorias raciais em finais do século XIX.** Afro-Ásia, 18 (1996), 77-101.

SILVEIRA, H, F, R. **Um estudo do poder na sociedade da informação.** Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 3, p. 79-90, set./dez. 2000

SILVEIRA, R. **Os selvagens e a massa: Papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental.** Afro-Ásia, 23 (1999), 87-144.

SODRÉ, N. W. (1966/1999). **História da imprensa no Brasil.** 4ª edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad [edição original de 1966].

TASCHNER, Gisela. **Folhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SEVCENKO, Nicolau. **O rosto do mundo.** In: Folha de S. Paulo. Primeira página (5ª edição). São Paulo: Publifolha, 2000, pp. 9-11.

SOUSA, R, F. **A nova esquerda americana: De Port Huron aos Weathermen (1960-1969).** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

SOUZA, V, S. **Limites e fronteiras da eugenia no Oeste dos Estados Unidos.** História, Ciências, Saúde — Manguinhos, Rio de Janeiro. v.14, n.1, p.363-367, jan.-mar. 2007.